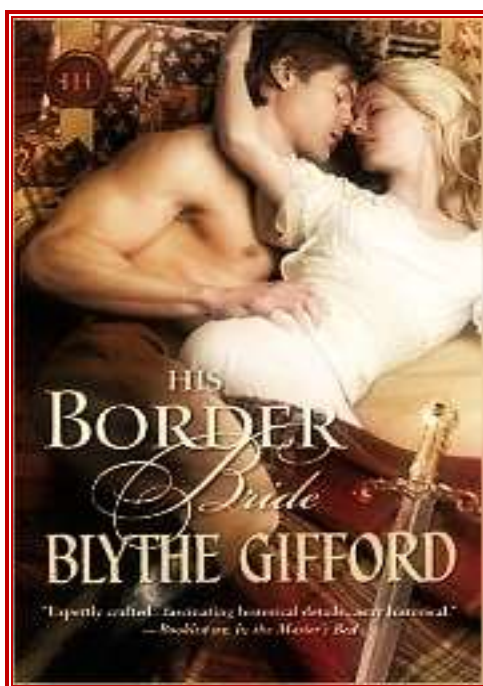


GRH

Blythe Gifford



Coração Dividido

Revisão Inicial: Ana Cristina Crespo

Revisão Final e Formatação: Bea





Comentário da Revisora

Ana Pristina Prespo:

GOSTEI DO ENREDO, APESAR DE TER ACHADO O CASAL CENTRAL MEIO PARADÃO. BOA LEITURA.

Comentário da Revisora Bea:

GOSTEI DO LIVRO, APESAR DE ACHAR MUITO FRACO, O DESENROLAR É BOM, APESAR DE FICAR EM CERTAS PARTES COM RAIVA DA MOCINHA POR SER UMA BESTA E CABEÇA-DURA, POR PENSAR QUE MELHOR SERIA CASAR COM O OUTRO PERSONAGEM QUE NÃO O MOCINHO, MAS TUDO SE ENCAIXA E SE DESENVOLVE BEM, PODERIA TER MAIS LUTA, ETC E TAL, MAS VALEU....





Coração Dividido

Ele era um nômade de sangue real, ela uma dama vírgem.



Gavin Fitzjohn era escocês, e filho bastardo de um príncipe inglês. Um rebelde sem país e com espírito sombrio. Clare Carr, a filha de um nobre da fronteira escocesa, conhecia a fundo as normas da cavalaria, e também sabia que Gavin tinha infringido todas. Mesmo assim, sentia-se dominada pelo desejo por aquele rebelde de sangue real, seria ele quem descobrisse tudo o que tinha tentado esconder com tanto esforço? Esses desejos tão tentadores que tinham estado adormecidos... até esse momento.





Capítulo Um

Haddington, Escócia. Fevereiro de 1356.

Ele havia retornado depois de passar dez anos fora e a guerra havia retornado com ele.

A névoa, o frio e a umidade obscureciam a pouca luz que ficava de um dia de fevereiro e rastejou ao redor das esquinas da igreja que tinham adiante. As argolas de aço da cota de malha estavam gélidas e os cavalheiros ingleses que o acompanhavam tiritavam sobre suas montarias. O inverno era um mau momento para ir à guerra.

Gavin Fitzjohn olhou a seu tio, o rei Eduardo, um leão orgulhoso no topo de sua perícia militar. Fazia mais de vinte anos, esse mesmo rei tinha encabeçado os ingleses em uma incursão parecida em Escócia.

Dessa vez, o irmão do rei tinha um filho bastardo de mãe escocesa. Nesse dia, Gavin, o filho, cavalgava junto a seu tio como tinha feito durante no ano anterior na França. Ali tinham aniquilado indistintamente e sem vacilar soldados e camponeses até que o aroma de sangue e fumaça tinha impregnado seus sonhos. Entretanto, tinha feito porque era um cavaleiro e estava em guerra.

Nesse momento, o rei achava é obvio, que Fitzjohn estava plenamente ao seu lado. Entretanto, já não estavam na França. Nas duas semanas que tinham passado desde que chegaram ao Berwick, seu exército tinha devastado e queimado o pouco que os escoceses tinha deixado em pé em sua retirada.

O cavalo de Gavin sacolejou com inquietação. O coro da igreja resplandecia pela janela como um sinal de chamada. Era uma igreja tão bonita e estilizada como qualquer uma das que tinha visto do outro lado do Canal da Mancha.

Os aldeãos se concentraram diante de seu centro espiritual sem saber o que os aguardava. Gavin olhou para um homem com os punhos apertados, os olhos fechados e os lábios movendo-se ao rezar. O homem abriu os olhos e se encontrou com os de Gavin. Tinha tanto medo que quase podia cheirar. Sentiu uma náusea. Estava farto de matar.

Um soldado se aproximou do rei levando uma tocha. As chamas jogaram uma luz espectral sobre as couraças e as túnicas manchadas de barro que as cobriam.

Olhou para seu tio com a esperança de que não quisesse seguir. Entretanto, o rosto de Eduardo refletia ira, não compaixão. Os escoceses tinham pedido uma trégua só para ganhar tempo e poder preparar-se para a guerra. Por isso, quando lorde Douglas rechaçou a oferta de paz dos ingleses, Eduardo prometeu que lhes daria a guerra que tinham querido.

O rei dirigiu-se ao soldado para Gavin.

— Tome — ordenou. A tocha ondulou entre eles com um resplendor satânico — Queime-a ordenou assinalando com a cabeça para a igreja.

O soldado aproximou a tocha da mão estendida de Gavin. Ele tomou como tinha feito muitas vezes, mas dessa vez vacilou. Olhou os olhos temerosos dos aldeãos que se dirigiram para a igreja. O que seria deles se perdessem seu vínculo com Deus?

O pranto de um bebê brotou de entre os muros da igreja e ele tentou devolver a tocha ao soldado.

— O que está esperando? — bramou Eduardo liberando toda a frustração por uma campanha fracassada.

As tormentas tinham submerso seus navios. Não receberiam mais mantimentos e só podiam retirar-se, mas estava disposto a deixar a destruição atrás dele.

— Deixem. Não lutaram contra nós.

— Arruinaram suas terras para que não pudéssemos comer seu gado nem beber cerveja.

Os cavaleiros de Eduardo deixaram escapar um murmúrio de conformidade. Os estômagos vazios convertiam os guerreiros em seres desumanos.

Gavin olhou a tocha e a igreja. Os muros de pedra não a protegeriam. Ele sabia. Tinha provocado incêndios desde Picardia até o Artois. Tinha ouvido o crepitar dos telhados, tinha visto as vigas cair e os altares de madeira arder, tinha notado o calor que lhe abrasava o peito por debaixo da couraça. Os leões dourados e os lírios da túnica levavam os sinais das brasas.

Entretanto, aquilo era distinto e o tinha sido desde que cruzaram a fronteira. Tinha captado o aroma, tinha notado as delicadas ondulações das colinas sob os cascos de seu cavalo, tinha visto o céu sempre coberto de nuvens e tinha sabido que aquela era sua terra, independentemente do tempo que passasse fora, com quem e onde.

— O que passa Fitzjohn? — gritou o rei — O sangue escocês da rameira de sua mãe te detém?

Sua mãe não era uma rameira, mas o rei nunca tinha perdoado ao pai de Gavin por seu pecado, nem sequer, depois de morto.

— Não há motivo algum — respondeu Gavin — Estas pessoas não lutam contra nós.

— Seu pai o teria feito!

Seu pai tinha feito coisas piores. Ele, entretanto, já não podia mais.

Deixou cair a tocha e ouviu o chiado ao tocar o chão lamacento. Logo, tirou a túnica vermelha, azul e dourada, a divisa de seu pai e atirou-a sobre as chamas e a olhou até que ardeu por completo.

— É possível que meu pai o tivesse feito, mas eu, não.

Deu a volta ao cavalo e se dirigiu sozinho para a escuridão. Não era o homem que tinha sido seu pai. Ao menos, rezava para não sê-lo.

Semanas mais tarde, nas montanhas do Cheviot

Essa manhã, o falcão fêmea estava em seu cabide, mas batia as asas e mordiscava os cordões de couro que lhe atavam as patas, embora Clare lhe tivesse posto o capuz. Era muito estranho. O normal era que não temesse se não via nada.

— O que te passa, Wee One? — perguntou-lhe Clare enquanto fechava a porta e se despedia do falcoeiro com a mão.

Ela assumia que as aves eram parte de suas obrigações como senhora da torre do Carr, embora o falcoeiro recebesse uma boa retribuição por ocupar-se de suas necessidades. Entretanto, ela preferia fazê-lo pessoalmente, sobre tudo, com esse em especial.

— Não quer voar esta manhã?

Acariciou-lhe as plumas do peito lhe falando até que Wee One reconheceu sua voz e deixou de bater as asas. Clare lhe deu algo de comer e o falcão o tirou de seus dedos.

— Estão criando-a mal, lady Clare — disse-lhe o velho falcoeiro com o cenho franzido — Não caçará se não tiver fome.

— É só um miolo.

Seria mais exato dizer que era um suborno, algo que lhe permitisse acreditar que o falcão a apreciava, não só à comida que lhe dava. Comprovou que os cordões que sujeitavam as patas do falcão não se soltaram.

— Acredito que se sinta bem ter algo de vez em quando — acrescentou ela.

— Não pensarão o mesmo quando a perderem — replicou Neil sacudindo a cabeça — Se você perceber que você é o seu punho.

Ele levava anos lhe dizendo o mesmo, e ela, salvo por essa leve infração, tinha aprendido todas as regras e as tinha cumprido para adestrar o Wee One.

Clare ficou uma grossa luva de couro e alargou o braço esquerdo. O falcão se posou em seu pulso e ela saiu da parede para a muralha, onde a esperava o jovem Angus.

O pajem, a ponto de ser escudeiro, ficou quando seu pai levou quase todos os homens à guerra, por isso, considerava-se o protetor das mulheres que ficaram na torre.

— Traga-me o cavalo e o cão, Angus.

Ele vacilou.

— Não deve sair sozinha, lady Clare.

Ela sabia, mas tinha chamado o jovem porque ele não resistiria a ela.

— O falcão e eu precisamos de exercício. Além disso, meu pai já avisou que voltará logo. Nestes momentos, os ingleses estão a meio caminho do Carlisle.

A verdade era que os ingleses deviam estar pelo Melrose, mas ela estava cansada de esconder-se, do inverno e de estar enjaulada como os pássaros. Além disso, as montanhas que rodeavam essa torre fronteiriça a protegiam tanto como um exército. Alguém o tinha chamado de o “grande desperdício”. Ninguém iria para lá se não queria fosse para fugir do mundo civilizado.

Angus levou o cavalo e o cão e agarrou o falcão enquanto ela montava. Logo, montou com orgulho em seu pônei e a acompanhou. Quando se afastaram dos muros da torre, ela aspirou uma profunda baforada de ar e olhou o céu azul e espaçoso. Levavam meses sem ver um dia assim.

— Clare! Espere!

Clare deu a volta e viu Euphemia, a filha da viúva Murine, que galopava para ela. Clare deixou escapar um suspiro por ter perdido esse momento de liberdade e solidão com seu falcão. Freou um pouco para que a alcançasse. Euphemia, mais do que caçar, parecia disposta a deitar-se com o primeiro homem com se deparasse. Não era por sua vestimenta, tão recatada como a de Clare, mas aos dezesseis anos, seu sorriso provocador

e o bater de cílios fazia com que os homens imaginassem noites transbordantes de prazer. Como fez sua mãe.

— Tinha que vir — disse a garota quando chegou — É possível que não haja outro dia tão quente até junho.

Ruborizou-se um pouco e o cabelo escuro lhe caiu sobre os ombros. A trança do Clare impedia que o seu cabelo caísse solto, nem sequer depois de passar um dia montando a cavalo.

— Podes me acompanhar, mas não muito perto. Leva dias sem voar e quero que tenha um vôo maravilhoso.

Clare olhou para o céu procurando uma possível presa, mas ouviu as asas de outro falcão voando. Wee One, com o capuz posto, girou a cabeça como se quisesse saber de onde chegava esse som.

— O que é isso? — perguntou Euphemia.

Clare olhou o falcão e lhe pareceu um macho por ser menor. O falcão os seguiu e os olhou com os seus olhos.

— Não sei.

Clare franziu o cenho com o temor repentino de que um falcão desconhecido pudesse tentar a Wee One a ser livre. Atiçou o cavalo para que ficasse a galope com a intenção de escapar e não parou até que chegou quase no topo e deixou de ver o falcão. Enquanto esperava os outros, notou o vento do sudoeste que lhe acariciava, o verão não demoraria a chegar.

— Olhe — sussurrou Angus quando o cão parou apontando com o focinho.

Uma perdiz se escondeu debaixo de um matagal a uns metros dali. Seria fácil obrigá-la a sair voando e seria a presa perfeita para um falcão.

Clare olhou por cima do ombro para certificar-se de que tinha sumido o outro falcão. Logo, tirou o capuz de Wee One, levantou o braço e o falcão saiu voando até que só foi uma mancha nas alturas. Esperaria ali, como lhe tinham ensinado, que os seres humanos lhe enviassem a presa.

Angus atiçou o cão para o matagal, a perdiz se assustou e saiu voando para fugir de perigo, mas o pequeno ponto do céu se equilibrou

para sua presa à velocidade de um raio. Esporearam os cavalos para ir atrás deles.

No meio da tarde, entraram até a metade do vale. O falcão tinha trabalhado incansavelmente com o passar do dia. Seus ataques eram certos e tinha matado três aves. Cada vez, Clare lhe premiava com um pouco de carne e guardava a presa em um saco para que Angus o levasse. Esse pedaço de carne era a recompensa pela captura, mas o falcão não podia comer sem a ajuda de sua proprietária. Senão, podia se dar conta de que não necessitava dos humanos.

A última perdiz escapou. Clare chamou seu falcão com um assobio e sorriu quando Wee One, obediente, posou-se em seu punho. Sempre vinha ao seu chamado.

Ao pensar, se deu conta de todas as obrigações que tinha deixado de cumprir e a liberdade do dia se desvaneceu. Deu a volta ao seu cavalo e fez um sinal a Angus e Euphemia para que a seguissem. A calidez da manhã deu lugar a uma névoa fria que obscureceu o vale e lhe lembrou de todos os perigos que espreitavam ao redor. O exército inglês podia estar longe, mas a fronteira inglesa, não.

Aquilo foi seu último pensamento antes que um homem dourado sobre um cavalo negro emergisse entre a névoa como um espírito. Um homem sem insígnia. Um homem sem vassalagem.

O cão ladrou uma vez e logo grunhiu como se estivesse atemorizado. Os olhos do homem se nos cravaram dela. Eram azuis como os do céu no verão. Atrás do azul havia algo ardente, como o sol, como o fogo.

As palavras ficaram presas na garganta. Euphemia, a seu lado, deixou escapar um som de surpresa e logo uma risada.

— Aonde lhe vai, bom senhor?

Clare a olhou com irritação. Era incorrigível. Seriam afortunados se a casassem antes que tivesse um filho.

— Aonde me recebam — respondeu ele sem deixar de olhar para Clare.

As bochechas lhe abrasaram. Angus, a seu lado, sacou a sua adaga, a única arma que lhe permitiam transportar.

— Defenderei as damas.

— Estou seguro — o sorriso do desconhecido, lento e insolente, confrontou com a intensidade de seu olhar — É uma adaga muito bonita e estou seguro de que poderiam utilizá-la com destreza contra mim, mas lhes pediria que não irritareis a meu cavalo.

Seu tom teve uma cortesia surpreendente. Onde estava seu escudeiro?

— Quem lhes acompanha?

— Ninguém.

— Um costume perigoso.

Seria mentira? A névoa podia ocultar a um exército. Ela era a culpada. Partiu sozinha e desarmada e todos estavam em perigo.

— Não sabe que o exército do Eduardo segue atuando?

— De verdade? — perguntou ele com o cenho franzido.

Seu sotaque a desorientava. Tinha a aspereza da terra próxima ao mar, mas também tinha algo mais difícil de precisar. Entretanto, ao outro lado da montanha, no vale vizinho, cada família falava de uma forma distinta. Podia ser um Robson que queria fazer uma última incursão antes da primavera, ou alguém leal a um dos homens do Teviotdale que tinha unido sua sorte a ele.

— Não é inglês, verdade?

— Meu sangue é tão escocês quanto o seu.

— Como sabe que o meu sangue é escocês?

— Pela forma de fazer a pergunta.

Sua forma de falar parecia muito provinciana igual à de Alain. Ela fez uma careta de desgosto ao pensá-lo. Queria impressionar o cavalheiro francês que estava de visita, não incomodá-lo.

— Como se chama, escocês?

— Gavin... — ele fez uma pausa — Gavin Fitzjohn.

Então, era um dos bastardos do John. Até os bastardos levavam a divisa de seu pai, mas esse homem não levava nenhum indício de sua origem. Seu escudo estava em branco e não levava túnica. Só levava uma couraça que, sem o cuidado de um escudeiro, obscureceu-se com manchas de ferrugem.

Nem insígnia, nem escudeiro. Então, não era suficientemente nobre de nascimento para ser um autêntico cavaleiro.

— É um desertor?

Wee One, em sua mão, bateu as asas freneticamente. Clare passou dedos pelas plumas do seu peito para tranquilizá-la e para se tranquilizar.

— Sou só um homem cansado e faminto, que necessita uma cama acolhedora.

O sorriso dele não titubeou em nenhum momento e a olhou de cima abaixo como se perguntasse quão acolhedora poderia ser sua cama.

— Pois não encontrará uma entre nós.

— Não a pedi... ainda.

Acaso acreditava que ia oferecer-lhe compartilhar a sua cama com ele? Não deveria estar falando com um homem assim, absolutamente.

— Se o fizesse, negar-lhe-ia isso.

— Não a peço antes de saber se estou falando com um amigo ou um inimigo.

— Eu tampouco respondo sem sabê-lo — replicou ela com um tremor involuntário na voz.

— É uma mulher com inimigos?

— Três reis reclamam estas terras. Temos mais inimigos que amigos.

— Sim — umas rugas lhe sulcaram o rosto e dobrou a mão como se quisesse empunhar a espada — Qual é o seu?

Ele voltou a cravar os olhos nos dela. Deveria ter perguntado antes. A quem ele era leal? Ao pretendente da família Baliol recentemente destronado? A David Bruce, que seguia em mãos de Eduardo o inglês à espera de um resgate? Possivelmente tivesse mentido sobre sua origem e fora um homem de Eduardo.

A jovem que estava a seu lado suspirou.

— Ela é lady Clare e eu sou Euphemia, que não tenho inimigos.

— Euphemia! — estava pestanejando? Na verdade — Quer que nos matem?

— Ele não o faria. Um cavalheiro jurou proteger às mulheres, verdade? — ela voltou a pestanejar ao desconhecido e olhou para Clare — Não o trate como se fosse hostil.

— Se o faço é porque tenho alguma vantagem.

Se esporeasse o cavalo, poderia cavalgar mais depressa que esse homem? Não com o Angus e Euphemia por detrás e Wee One no punho.

— Parece um rufião perigoso, não um cavalheiro — sussurrou a Euphemia — Não leva divisa e sua couraça está enferrujada.

A esse homem não importa grande coisa nem as regras da cavalaria, sabemos se as conhece.

Euphemia se encolheu de ombros e se dirigiu ao homem.

— Não é perigoso e sujo, não é verdade?

Algo escureceu seu rosto antes que um sorriso o dissipasse.

— Bom, isso depende do que queiram dizer com as palavras, mas sim, diria que lady Clare tem um dom para julgar às pessoas.

Ele o disse sem ressentimento. Nenhum cavalheiro permitiria que se duvidasse assim de sua honra. Alain, a encarnação do cavalheiro francês, nunca teria permitido tamanha afronta.

— Pelas terras de quem cavalgo, lady Euphemia?

— Não é lady. Só Euphemia — interveio Clare sem dar mais explicações.

Bastante desonra era que seu pai tivesse ultrajado a sua mãe morta ao conviver com a viúva Murine. E a pior parte era que tratasse como uma filha o resultado do deslize de outro homem.

— Além disso, estás nas terras de Carr.

— Governadas por quem?

— Os Douglas — respondeu ela.

Isso revelava sua lealdade, mas se não o houvesse dito ela, o teria feito a outra garota.

Pareceu-lhe a ela que os ombros lhe relaxavam, mas deve ter se equivocado.

— Seria difícil não estar nas terras dos Douglas se estiver na zona fronteira, verdade? — seu lento movimento da cabeça não revelou nada do que pensava — São leais ao Bruce?

— Pergunta quando o escudo de lorde Douglas leva o coração de um Bruce? — para sua surpresa, sua língua se esqueceu de toda cortesia — Será um idiota?

— Não, mas se sabe que os homens de Carr não guardam lealdade a um rei ausente.

O rei David Bruce tinha sido feito prisioneiro dos ingleses durante a metade da vida dela. Durante sua ausência, um Douglas e um Stewart governavam Escócia em nome do rei.

— Isso lhe torna inimigo de Douglas e Carr, Gavin Fitzjohn?

— Não, se não forem inimigos meus.

Olhou-a aos olhos e os dois mediram suas forças em silêncio. Na fronteira, uma vassalagem podia ser tão forte como o vento... e tão variável.

— Vê, Clare? Não é um inimigo e todos deveríamos ir a casa. Eu estou gelada até os ossos e disposta a me sentar junto ao fogo.

Euphemia pôs a seu cavalo a trote e o desconhecido a seguiu. Clare entregou o falcão a Angus e acelerou para alcançá-los, deixando ao escudeiro e o cão para trás. Colocou-se ao lado da Euphemia e o desconhecido se atrasou para felicitar ao Angus por sua montaria.

— Vais levá-lo para casa? — exclamou Clare.

— Por que se preocupa? — Euphemia se encolheu de ombros — Somos três e ele é um.

— O único que leva uma espada.

Ficavam alguns homens na torre, mas se ele era o explorador de um grupo e queria fazer uma incursão, estavam levando-o aonde queria. Mesmo assim, Clare decidiu que se sentiria mais segura na torre, onde seus soldados o superavam em número.

O desconhecido se aproximou quando se fez o silêncio.

— Angus me contou que seu falcão matou três aves que eram o dobro do tamanho dele. É muito valente.

— Faz bem em dizê-lo — Euphemia sorriu — Wee One é a favorita do Clare.

— Então, parece que sua irmã sabe julgar melhor os pássaros que as pessoas.

Ela o olhou sem girar a cabeça, como se o estudasse atentamente. Ele não tinha mostrado o mais mínimo respeito galante de um cavalheiro, embora dominasse o seu poderoso cavalo com a facilidade de um guerreiro seguro de sua força.

Ele a surpreendeu e ela olhou para outro lado apertando os dentes para ouvi-lo rir.

— É muito tarde para que me adulem.

— Lady Clare... — começou a dizer ele com certo tom zombador — Nenhum homem que saiba conhecer as pessoas tentaria a adulação com você.

— Entretanto, um autêntico e nobre cavalheiro sempre falaria com delicadeza a uma dama — replicou ela. Alain sempre o tinha feito — Isso tem que significar que não é um autêntico cavalheiro.

— Ou que não é uma autêntica dama.

Ela ficou tensa. O que a tinha delatado?

— Com certeza, sou mais autêntica dama que você um cavalheiro nobre.

Ele inclinou a cabeça.

— É possível, lady Clare, que seja muito cedo para chegar a essa conclusão.

Ela tragou saliva por sua delicada recriminação. Uma dama nunca teria feito essa afirmação. Nessa terra indômita era complicado respeitar as normas da cortesia que tinha aprendido na França quando era uma menina.

Ao ver a torre, sentiu-se aliviada por não ter que replicar e fez um gesto ao vigia que os observava do muro para que abrisse a porta.

— Quem lhes acompanha, senhora?

O homem que estava a seu lado respondeu antecipando-se a ela.

— Um homem cansado e faminto, que busca uma cama acolhedora e comida quente.

O vigia esperou alguma sinal dela e ela assentiu com a cabeça.

— Abra a porta.

Entraram e Clare deu a bolsa com as capturas ao falcoeiro fazendo ouvidos surdos de suas recriminações. Foi desmontar esperando que o jovem Angus a ajudasse, mas se encontrou com o desconhecido. Apareceu antes que ela o visse mover-se, rápido como um falcão caindo sobre sua presa. Estendeu os braços e ela hesitou. Pareceu-lhe que suas mãos queriam tocar algo mais que seus dedos. Ele, sem esperar, tirou-a da cintura e a levantou da cadeira de montaria. Ela não teve mais alternativa do que deixar-se cair em seus braços. Abraçou-a muito. Enquanto tentava chegar ao chão com os dedos dos pés, notou que seus peitos se estreitavam contra o peito dele. Sua pele sentiu algo parecido à carícia de uma pluma. Apartou o rosto, mas os lábios dele, perfeitamente riscados e cinzelados, quase roçaram os dela.

Tocou o chão. Ele era um pouco mais alto que ela. Embora coberto pela poeira da estrada, tinha um odor característico, complexo e perigoso, parecido aos rescaldos de uma fogueira de carvalho e pinheiro que fumegavam ao final da noite.

O sorriso dele não titubeou e seus olhos tampouco. Uns olhos de um azul assombroso emoldurados por umas sobrancelhas imponentes, que a olharam com firmeza, quando apoiavam seus braços.

— Estou pronta para desmontar... — comentou Euphemia com tom queixoso.

Ele se afastou como tinha aparecido. Clare se apoiou em seu cavalo ao dar-se conta de que tinha contido o fôlego durante todo o momento que ele a havia tocado. Não era um cavalheiro perfeito, a não ser um homem perigoso. Se alguma mulher confiava nele, encontraria-se sozinha e abandonada... ou algo pior.

Fez um esforço para afastar-se também sem fazer caso dos olhos que notava cravados em suas costas. O cozinheiro e a ama de chaves se

aproximaram com um gesto sério. Ela esperou que as aves recém caçadas sufocariam sua raiva por ter evitado suas obrigações.

— Lady Clare.

O tom do homem foi imperativo. Ela deu a volta. Odiava por havê-lo feito e o odiava porque o tinha conseguido.

— Se querem comer, o jantar será servido logo.

— Quero ver o Carr que está no comando.

Então, foi ela quem sorriu lentamente e aproveitar do momento enquanto ele olhava.

— Já a viram.

Quando se deu a volta para o ama de chaves, seus lábios seguiam desenhando um sorriso.

Gavin observou à mulher que lhe dava as costas sem deixar de sorrir. Efetivamente, já a tinha visto. Tinha um cabelo loiro firmemente sujeito por uma trança implacável, uns olhos receosos de um cinza esverdeado e sobrancelhas retas. Não era um rosto perfeito, mas tinha o ar de uma mulher acostumada a ser obedecida e era fácil acreditar que fora a senhora da torre enquanto seu pai ou seu marido estavam na guerra.

Sabia que não tinha entrado com bom pé, mas tinha que tentá-lo. Aproximou-se dela e interrompeu sua conversação.

— Então, é quem eu quero ver. Quero me unir a seus homens.

Ela tremeu seus lábios, mas pôde ter sido por aborrecimento ou medo. Se inteirava de quem era ele, seria por medo, embora não poderia ocultar-lhe indefinidamente. Ela não tinha reconhecido seu nome, mas até o menor grupo de guerreiros o conhecia já.

Entretanto, não pensava esconder-se atrás de uma mentira. Os homens podiam pensar o que quisessem, tinha aprendido que ele seria espancado.

— Não. Não pode — o tom dela não admitia réplica.

— Por quê? — sem dúvida, a maioria dos homens da torre estavam perseguindo a Eduardo para que voltasse para a Inglaterra — Viria bem um soldado a mais.

— Teremos soldados suficientes assim que capturem Eduardo e voltarem para a torre.

Ele sentiu uma pontada de arrependimento. Soube desde o começo que sua decisão significava abandonar o homem que o tinha feito cavalheiro, mas esperava que isso não lhe importasse muito.

— Bom, até então, tenho uma espada para lhes oferecer.

— Sempre lhes abrem caminhos, exigem o que querem e esperam consegui-lo?

O que ele queria era acabar uma guerra interminável, mas não esperava consegui-lo.

— Acredito que minha obrigação como cavalheiro é lutar.

Ela o olhou com tanta determinação que ele temeu que ela pudesse ver seu sangue inglês.

— Então, é um cavalheiro?

A incredulidade de sua voz dava a entender que um cavalheiro era um ser especial, não um homem adestrado para matar se o ordenavam, como seu falcão.

— Sim — respondeu com o acento escocês que recordava de sua infância — Sou um cavalheiro autêntico, como comprovarão.

Ele a observou meditar o que havia dito antes de voltar a falar.

— Minha resposta segue sendo a mesma. Se tiver fome, se banqueteie no jantar. Se está cansado, pode dormir na sala comum esta noite, mas quero que amanhã tenha partido.

Ele se inclinou enquanto ela se afastava. Ao menos, estava agradecido por passar uma noite debaixo de um teto. Levado pela ira e o desespero, tinha passado as últimas semanas ocultando-se nessas montanhas desoladas e evitando tanto os escoceses como os ingleses. Justo ao sul, perto dos topos, estava à fronteira que dois reis tinham esboçado fazia mais de cem anos.

Ele já tinha escolhido em que lado ficar e, por muito desolado e solitário que fora, lady Clare ia lhe permitir viver ali.



Capítulo Dois

Euphemia a seguiu correndo quando Clare entrou na sala comum.

— Não sente saudades que não tenha se casado? Aparece um homem arrumado e a única coisa que faz é insultá-lo.

— Euphemia, falas como se tivesse que levantar as saias para qualquer um com uma prostituta.

Naturalmente, a mãe dessa garota o fazia, por isso para ela não tinha por que lhe parecer errado. Euphemia encolheu-se de ombros. Sabia quem e o que era. Sua mãe podia ter sido a companheira do barão durante dez anos, mas nunca seria sua esposa.

— O que tem de mal?

— É o filho bastardo de alguém e não é vassalo de ninguém. É melhor o apartar de nós. Teremos sorte se não nos assassinar enquanto dormimos.

Além disso, se o fizesse, ela seria a culpada.

— Muito bem, se você não for ser afável, eu serei.

— Nem pensar. Não quero que te deixe com um filho bastardo quando partir. Vamos a ver se o cozinheiro necessita de ajuda com as aves.

A garota partiu com um sorriso e sem replicar nada. Clare apertou os dentes. Tinha tentado impor ordem nesse sítio, mas a França e tudo o que tinha aprendido, ali estavam muito longe. O indômito e o ar selvagem dessas montanhas se filtrava em tudo e em todos. Até ela que tinha algumas manhãs, como essa que tivera, mas a única coisa que a sossegava era ver seu falcão voar e sentir prazer com suas capturas sanguinárias.

Levantou o olhar e viu o Fitzjohn, que seguia olhando-a. Ele sorriu como se tivesse captado seus impulsos indisciplinados. Lhe deu as costas. Deixaria que se saciasse e que partisse.

Tentou não lhe fazer caso quando se apresentou para jantar e se sentou com os soldados. Parecia muito cômodo ali, embora também havia algo que o destacava.

Euphemia inclinou-se para lhe servir a sopa e apoiou um peito no ombro. Clare apertou os punhos. Ele viu que o olhava e lhe devolveu o olhar, mas o fez como se pudesse ver por debaixo de sua roupa e, inclusive, de sua pele.

Ela olhou para outro lado. Não merecia a atenção de uma dama. Fixou-se em uma pequena tapeçaria que cobria um arca e que lhe tinha presenteado Alain.

Alain, conde de Garencieres, tinha ido a Escócia fazia um ano, com dinheiro e soldados, para ajudar ou, melhor dizendo, para reavivar a guerra entre Escócia e Inglaterra. Também tinha levado à lembrança de tudo aquilo que ela deixou para trás quando voltou, fazia dois anos, depois de passar vários anos acolhida na França.

A tapeçaria, vermelho, branco e dourado, representava um homem e uma mulher com os braços estendidos a ponto de encontrarem-se. A mulher levava no ombro um falcão que acabava de voltar com ela. Era muito bonito para sentar-se nele, embora estivesse tecido para cobrir uma poltrona ou um banco. Ela o tinha posto sobre um arca junto ao fogo para poder vê-lo.

O presente do Alain era o aviso de um mundo melhor que se regia pela elegância e as regras da cavalaria. Além disso, casariam-se quando terminassem as lutas. Ela voltaria para a França como condessa e se afastaria dessas terras primitivas e desumanas onde tinha nascido.

Olhou para Fitzjohn com os olhos entreabertos e sem levantar a cabeça. Era um escocês tosco, como outros, que só lhe interessavam as mulheres, lutar e comer.

Esqueceu-se dele quando o jantar terminou e começou a subir a escada de caracol que levava a seus aposentos. Entretanto, quando chegou ao terceiro patamar, Fitzjohn apareceu à luz de sua vela.

— São os quartos da família, o que faz aqui?

— Procuro uma cama.

Ela olhou para a porta de seus aposentos. Estava fechada. Teria se atrevido a bisbilhotar lá dentro?

— Eu disse que dormisse na sala comum com outros.

— Ao menos, poderia me oferecer uma manta e um travesseiro.

— Ofereci-lhe um teto. Não faça com que me arrependa.

— A hospitalidade de uma dama está acostumada incluir algo mais confortável.

Disse confortável com certo tom ofensivo, mas ela sentiu remorso. Uma dama deveria ser mais hospitalar. Embora o comportamento dele não era o de um cavalheiro, ela tampouco se comportou como uma dama.

— Eu dei-lhe a recepção que teria dado a qualquer soldado. Se lhe parecer inaceitável, não lamentará ao partir de manhã. Partida para que possa chegar aos meus aposentos.

Ele não se moveu, mas ela percebeu algo na pele, como se ele a tivesse tocado. Foi a cercá-la, mas havia pouco espaço e se chocou contra ele, tropeçou e soltou o candelabro. Ele a agarrou com um braço para que não caísse e quando o olhou, viu que tinha o candelabro na outra mão.

Quis erguer-se, mas caiu contra o peito dele. Envergonhada, teve que agarrar-se a seus ombros enquanto a ajudava e lhe devolvia o candelabro.

Ela se soltou. Ainda notava sua mão no braço e o contato de seus peitos, que tinha sido muito comprido.

— Durma bem, lady Clare.

Ela apalpou detrás de si e abriu a porta sem se atrever a olhar para o outro lado com medo de que a seguisse. Entretanto, ele não se moveu e seu sorriso se desvaneceu na escuridão à medida que ela entrava.

Fechou a porta e se apoiou nela, tremendo. No dia seguinte teria partido.

Quando ela fechou a porta, Gavin tentou sufocar a ira. Incitava o desdém daquela mulher com essa atitude desafiante, que não refletia tudo o que havia de ruim nele. Se lhe preocupava tanto o resplendor de sua couraça, o que pensaria se atirasse baixo a porta e se metesse em sua cama?

Tinha visto homens fazer coisas piores. Afastou-se dos ingleses porque na guerra tinha se tornado fácil conviver com estas situações. Tão fácil como foi para seu pai seduzir uma mulher escocesa e deixá-la com um filho que se viu obrigado a lutar pelo legado de seu sangue mesclado.

Estava cansado da guerra, da que se livrara no campo de batalha e da que se livrara em sua alma.

Desceu as escadas até a sala comum. Alguns homens estavam jogando em um canto. O resto, estava enrolado para descansar. Só ficavam as brasas do fogo e a cama muito pouco atenuava a dureza do chão. Tinha suportado o frio e a chuva durante semanas para evitar aos homens de lorde Douglas que perseguiram os soldados do Eduardo. A erva e o pó tinham sido seus leitos. Desejava um momento de comodidade.

Ele se deitou junto à chaminé e viu a tapeçaria sobre o arca. Manteria a madeira quente enquanto ele tinha frio. Agarrou-o e se tapou. A lembrança dos dedos dela acariciando a tapeçaria quando acreditava que ninguém a via o esquentaram mais que a lã.

Clare sorriu à manhã seguinte quando entrou na sala comum e foi acariciar a tapeçaria sobre o arca. Converteu-se em um rito diário que lhe recordava que Alain esperava que fosse uma dama em consonância com os maneiras que lhe tinha ensinado sua mãe.

Seu sorriso desapareceu quando se aproximou. A lã vermelha e dourada tinha umas manchas negras e cinzas. Ajoelhou-se junto à tapeçaria com uma mescla de fúria e náuseas. O que pensaria Alain quando visse o que tinha acontecido com o seu precioso presente?

Olhou ao redor. Nenhum de seus homens se teria atrevido a tocá-lo. Tinha que ser o desconhecido. A fúria superou a inquietação. Primeiro, enfureceu-se consigo mesma por lhe haver deixado entrar. Logo, enfureceu-se com ele.

Dobrou cuidadosamente a tapeçaria e deixou à vista o reverso, tão delicadamente terminado como o anverso. Estava segura de que ele o tinha feito intencionalmente, tinha tentado destruir algo muito prezado para ela. Levou o tecido dobrado como se fora o pano de um altar. Os ouvidos lhe palpitavam com mais força a cada passo que dava. Uma dama não podia mostrar ira nunca. Uma dama tinha que ser sossegada sempre. Entretanto, a ira lhe palpitava nas têmporas. Tentou sufocá-la e o culpou por despertar nela esse sentimento. A intensidade dessa ira a assustou quase tanto como a das outras sensações que tinha despertado nela. Sensações que a tinham deixado acordada a noite anterior.

Encontrou-o nos estábulos, ajoelhado diante de seu cavalo e comprovando seus cascos. Ao menos, tinha a sensatez de cuidar de suas arreios, uma posse mais valiosa sem dúvida que a que merecia. Embora pensou se teria matado o cavalheiro que foi seu dono.

Angus estava sentado sobre a palha com a cabeça inclinada sobre uma cadeia de ferro e polindo com paciência uma das argolas.

— Angus! — exclamou ela olhando-o com tom irado — Pergunta ao falcoeiro se necessita de ajuda nos aviários.

— Esse não é trabalho para um escudeiro.

Era a primeira vez que o moço lhe respondia e acrescentou à lista de pecados de Fitzjohn.

— Se não fizer o que te mandei, nunca chegará a ser um escudeiro.

Fitzjohn assinalou para a porta com a cabeça. O moço deixou a escova e saiu apressadamente.

— Reprove-me se quiser, mas não ao menino — pediu ele.

— Eu faço o que quiser.

O sol da manhã entrava pela porta dos estábulos e banhava seu cabelo com brilhos dourados. Essa manhã não sorria e a luz sulcava com sombras os lados do nariz e a boca. Parecia tão feroz como uma águia, tão poderoso, tão elegante e formoso. Mortífero. Uma ave assim podia derrubar Wee One sem que uma de suas plumas se deslocasse o mínimo.

Mostrou-lhe o tecido com um gesto acusador.

— Era uma tapeçaria preciosa — ela tragou a saliva para conter a fúria que brotava a torrentes — Chegou da França.

Ele a olhou com uma ironia que dissimulava o perigo, mas disfarçou.

— É uma viagem muita comprido.

— Destroçaste-o intencionadamente.

Ela tremeu a voz e não pôde suportar a capacidade que tinha para ele para alterá-la.

— É uma acusação muito grave. Mandaram-me a dormir à sala comum sem uma manta sequer. Agasalhei-me com ele e caiu cinzas durante a noite — ele se encolheu de ombros sem nenhum remorso — Para isso o fizeram, para proteger do frio.

— Para proteger do frio quando a gente está sentado em um banco. Ele sorriu lentamente.

— No entanto, seu traseiro não estava em um banco na noite passada e eu pensei que eu não me importaria.

Estava apreciando a fúria dela e seu sorriso parecia querer lhe dizer que sabia que não era a dama que fingia ser.

Ela atirou a tapeçaria aos pés dele e levantou uma poeirada.

— Você manchou isso. Limpe antes de partir.

Ele olhou a tapeçaria e logo a olhou para ela sem deixar de sorrir.

— É muito barulho por uma mancha em uma parte de tecido.

— É uma tapeçaria, não é uma parte de tecido — mordeu a língua para conter as lágrimas — Uma tapeçaria de Arras. Foi um presente.

— Estás certa de que é isso que te aborrece?

— O que seria então?

— Eu.

— Você?

A palavra saiu de sua boca tão depressa como se lhe tivesse dado uma bofetada. Como podia sabê-lo? Sua presença violava a ordem natural. Os cavalheiros tinham que ser nobres, íntegros e corteses com as mulheres. Ele era o contrário e, o que era pior, desfrutava sendo-o.

— Efetivamente. Acredito que vos transtorno por dentro.

O fazia... e em lugares que ela não tinha notado jamais.

— Sim, sir Gavin, se o “senhor”, o fizer — levantou o queixo e baixou os ombros para tentar recuperar a integridade de uma dama — Entretanto, não encontrará nenhuma complacência no meu sorriso, “transtornando-me” porque eu intencionalmente zombo das regras da cavalaria.

— Cavalaria? — seu tom zombador teve um eco sombrio.

— Sim. Têm que ter ouvido essa palavra.

Ela viu com agrado que seu sorriso se desvanecia. Seus olhos azuis se endureceram, aproximou-se dela e a obrigou a retroceder. Entretanto, ela não pôde afastá-lo o suficiente e isso a deixou sem fôlego.

— Sim, ouvi-a. Entretanto, estive lutando na guerra, não em um torneio para entreter as damas. Possivelmente não lhe criaram para isso, lady Clare, mas não se vê muita cavalaria na guerra, por isso, me perdoe se tiver esquecido-se de como fincar o joelho ou me inclinar com elegância. Na guerra, não agitamos uma lança com o lenço de uma dama e com a esperança de ganhar uma bolsa de seda. Na guerra, quando alguém perde, morre. Além disso, algumas vezes, o vencedor tripudia matando-o.

Ela estremeceu. Teria ele tripudiado matando alguém? Viu como um brilho igual à de Wee One capturando uma de suas presas. Entretanto, não era o mesmo absolutamente.

— Os cavaleiros cristãos não se matam uns aos outros. O código da honra exige o perdão para os semelhantes, se não, a guerra seria um assassinato desumano.

— A guerra não é outra coisa que um assassinato desumano.

Que homem era esse? Em que guerra tinha lutado e que demônios tinha visto ali?

— Não sei onde estive, mas agora está em um lugar civilizado onde tudo se faz “*comme Dieu*” ... como Deus manda. Embora não espero que o entenda.

A máscara sorridente voltou e eliminou qualquer rastro sombrio de seu rosto.

— “*Mais oui, mademoiselle*”.

Seu francês a deixou atônita. Era melhor que o dela. Além disso, o sorriso era tão amplo que, pela primeira vez, viu uma covinha em sua bochecha direita.

O sorriso do Gavin sumiu enquanto ele trabalhava em excesso com a tapeçaria, uma coisa pequena e quase insignificante em comparação com os que tinha visto nos palácios de Eduardo. Primeiro o sacudiu com a esperança de que as cinzas se desprendessem. Logo, tentou escová-lo, mas só conseguiu manchar tudo o tecido e seus dedos. Não sabia como arrumar as coisas, só sabia destruí-las.

Além disso, lady Clare o tinha sabido por algum motivo. Inclusive sem saber seu nome, tinha-o tratado como o desertor que era, como o homem que tinha estado diante de uma igreja com uma tocha na mão e que levava o sangue de um pai que a teria queimado.

Se seu rosto o delatava tão claramente, fazia bem em não mentir sobre seu nome. As pessoas o julgariam sem lhe importar que a verdade não fosse tão espantosa como acreditavam. Nem tão boa como deveria ser.

Lady Clare, embora obscurecida por suas fantasias, julgava muito, muito bem as pessoas. Alheia à torre original e a vida violenta que a rodeava, comportava-se como se estivesse no palácio do Windsor. Suas ilusões lhe recordavam o rei Eduardo. Fazia uns anos, o rei reuniu seus amigos ao redor de uma mesa redonda e os nomeou cavaleiros da Ordem da Liga. Se os rumores eram certos, era a liga, a liga, de uma mulher que tinha sido estuprada. Lady Clare não gostava dessa parte da história. Transgrediria a idéia que tinha da cavalaria e se zangaria, suas bochechas se ruborizariam e esses olhos pétreos se acenderiam. Ele gostaria de ver. Tinha a sensação que lady Clare não mostrava suas emoções se pudesse evitar. Seria um prazer obrigá-la a mostrar a paixão que ela desprezava. Desfaria-lhe essa trança tão apertada que lhe esticava a testa e faria que gemesse com sensações que desconhecia... ou não queria conhecer.

Voltou a olhar a tapeçaria e viu um homem que corria com os braços estendidos para uma mulher e estava a ponto de abraçá-la. Tinha uma mão debaixo da cabeça dela, o rosto ao lado de um peito e o outro

braço ao redor de seu quadril. Perguntou-se se ela saberia quão sensual era esse tecido.

Deteve o curso de seus pensamentos. Tinha que dominar seus sentimentos. Tinha ouvido seus homens dizerem que seu pai estava lutando com lorde Douglas e que voltaria logo. Tinha que lhe seguir a corrente até que o barão Carr voltasse. Ele saberia que o valor de um cavalheiro estava em sua espada, não em suas maneiras. Com toda certeza, Carr lhe permitiria ficar nesse canto da fronteira deixado na mão de Deus.

Voltou a olhar a tapeçaria e suspirou. Para lavar seu corpo o inundava em água. Possivelmente tivesse que fazer o mesmo com isso. Dirigiu-se para o córrego com a sensação de que o resultado não ia agradar a nenhum dos dois.

Clare se deu conta de que Fitzjohn não tinha ido almoçar ao meio-dia. Não reparou porque queria vê-lo outra vez, mas sim porque queria recuperar a tapeçaria. Bastava pendurar no varal, bater por trás e escová-lo suavemente à frente. Era muito simples. Embora a fúria se dissipou, as dúvidas tinham aumentado. Era muito simples para ela, mas, tolamente, tinha achado é obvio, que ele saberia fazê-lo. Não deveria ter deixado a tapeçaria em suas mãos sem lhe dar umas instruções muito precisas.

Quando o sol chegou ao ponto mais alto, deixou todas as tarefas para buscá-lo. Ao fim de um bom momento vislumbrou uma mancha vermelha por trás dos aviários. Pendurado por uma corda estava à tapeçaria encharcada e já não era a preciosa representação de uma cena de amor a não ser um trapo enrugado que gotejava água.

Fechou os olhos para conter as lágrimas. Como o explicaria a Alain?

Fitzjohn, ao se dar conta de seu engano, esticava de um extremo da tapeçaria enquanto Euphemia esticava do outro para tentar que recuperasse sua forma original. Ver que a filha do Murine o ajudava a zangou tanto como tudo o que tinha feito ele.

— Euphemia! Venha para dentro.

— Não é minha mãe.

Todos estavam dispostos a desafiá-la pela nefasta influência do Fitzjohn?

— Não, sou sua mãe, mas sou a senhora desta torre. Venha!

Mesmo assim, não parava de cometer enganos. Enganos que não teria cometido se sua mãe estivesse viva para ensiná-la.

Euphemia partiu depois de sorrir para Fitzjohn. Clare se aproximou sem saber se brigava com ele ou se chorava. Duas coisas que uma dama não podia fazer.

— Sempre é tão arisca? — perguntou ele.

— Não fui nem a metade de arisca que vou ser com você. Estragaste-o! — exclamou de uma forma atropelada.

Ele se encolheu de ombros, mas não disse nada. Ela queria que se desculpasse e esperava uma discussão. Seu pai também teria gritado. Entretanto, esse homem assimilava o mau trato e correspondia com meio sorriso, como alguns homens aceitavam um golpe, caíam ao chão e voltavam a levantar-se de um salto. Ela ficava só com duas possibilidades: ou zangar-se mais ou dar-se por vencida. Não estava disposta a dar-se por vencida.

— Destroçastes algo valioso e prezado. Espero uma compensação.

— Uma compensação? — ele arqueou as sobrancelhas — Vi guerreiros mortos no chão sem compensação por sua perda. Não posso lamentar a perda de uma parte de lã tecida — replicou ele em tom zombador e amargo.

Mortos no chão? Ela conteve o espanto. Que não fossem nem seu pai nem Alain, pediu ela como se fora uma prece.

Algumas vezes, a única coisa que podia fazer uma mulher para manter a linha diante dos perigos do mundo era manter a ordem no pequeno canto que era dela. Voltou a olhar para a tapeçaria.

— Não sei no que estava pensando quando supus que um guerreiro saberia como tratar um tesouro assim.

Dessa vez, ele sorriu com certa compaixão, como se soubesse o que estavam fazendo seus homens, coisas que ela não podia imaginar-se nem remotamente.

— Não me adestraram para isso.

Por uma vez, ela sorriu e uma risada sufocada lhe limpavam as lágrimas da garganta. Ela era a primeira culpada. Possivelmente pudesse recuperá-lo se o esticasse no bastidor da tapeçaria. Acariciou a tapeçaria com os dedos e voltou a esboçar um sorriso. As lições de um cavalheiro nunca seriam sobre assuntos tão domésticos.

— Para que lhes adestraram?

— Para matar.

Ela retirou a mão da tapeçaria.

— Têm um conceito muito ignóbil da guerra. Um cavalheiro deveria pensar em coisas nobres, na honra.

— Fala como se os cavalheiros do rei Artur seguissem vivos. Nestes momentos, pensamos na terra e o resgate, não no Santo Graal.

Parte superior do formulário

Ela deu um sorriso fraco por um momento e tinha atirado ao seu rosto uma visão brutal do mundo. Entretanto, seus olhos refletiam algo mais. Um desafio desconhecido. Um chamariz não desejado.

— Se não procuraste o Santo Graal, ao menos tivestes a honra de satisfazer o desejo de uma dama? Um dos deveres sagrados da cavalaria era respeitar o desejo de uma dama.

O vento se formou em redemoinhos no bordo de sua saia e a pegou nas suas botas. Ele sorriu de forma algo provocadora.

— Em geral, o que desejam de mim não tem nada a ver com objetos sagrados.

Ela segurou a saia por causa do vento.

— Eu tampouco o desejo. Quero que limpe os aviários, para que fiquem imaculados.

Era um homem que desdenhava a cavalaria. Respeitaria seu pedido ou, melhor ainda, acharia muito degradante essa tarefa e partiria?

As rugas sérias de seu rosto se esfumaram e, repentinamente, esboçou um sorriso sincero.

— Passei mais tempo entre falcões que entre trapos. Farei tudo o que possa para satisfazer seu desejo, por mais árduo que seja o trabalho.

— Muito bem.

A idéia de vê-lo de joelhos e esfregando o chão lhe produziu certo prazer.

— Tampouco me importa o tempo que precise — acrescentou ele com um sorriso perverso — Tanto faz toda à tarde, toda a noite e o dia de amanhã.

Ela apertou os dentes ao dar-se conta de que ele tinha convertido sua pedido degradante em uma vitória.

— Então, pode ficar outra noite. Mais nenhuma.

Ela o tinha considerado indigno como guerreiro, mas não podia voltar a desvalorizar sua habilidade na batalha verbal.



Capítulo Três

Na manhã seguinte, Neil reprovou-a por ter mandado um desconhecido intrometer-se em seus aviários. Clare suspirou e foi ver Fitzjohn com cautela pelas artimanhas que poderia empregar para esticar sua estadia. Ao abrir a porta dos seus aviários, um raio de luz passou entre a penumbra e iluminou suas costas nuas. Ele deu a volta e ela tragou a saliva. Seu peito parecia tão poderoso que poderia não necessitar de uma couraça.

— Lady Clare... — ele fez sombra nos olhos com uma mão enquanto a olhava à contraluz — Espero que comprove que limpei os excrementos dos falcões e que os aviários estão limpos de acordo com sua plena satisfação.

Ela fez um esforço para olhá-lo nos olhos.

— O falcoeiro tem algumas queixas.

— É um bom homem, mas se apegou a métodos antiquados.

Ele disse como se soubesse um pouco de falcoaria. Todos os pássaros estavam atados e ela deixou a porta aberta para que entrasse luz. O cascalho rangeu sob seus pés enquanto inspecionava o trabalho. Naturalmente, não tinha tido muito que fazer, salvo limpar os excrementos das pedras, porque o falcoeiro era muito minucioso com a limpeza diária.

— Está tudo de seu agrado, lady Clare?

Ao aproximar-se, viu o suor que lhe molhava o cabelo e as meias. Ela olhou os habitats dos falcões e se surpreendeu ao comprovar que tinha tirado até os mínimos rastros de excrementos do cabide do Wee One.

— Esfregaste muito bem.

— Têm mais habitats que falcões — replicou ele encolhendo-se de ombros.

Ela sabia que eram uns aviários lamentáveis segundo o critério normal. A maioria das aves que havia ali estavam pertenciam aos visitantes, eram moradores provisórios.

— Tivemos mais, mas os falcões e as guerras são muito custosas. Acabou ganhando a guerra.

Ela colocou uma luva e estendeu o braço. Wee One pousou em seu punho e bateu as asas com prazer. Clare lhe acariciou delicadamente o pescoço e notou que tinha o bucho quase esvaziou. Possivelmente no dia seguinte tivesse fome suficiente para caçar.

— É o falcão que levavam nas montanhas — comentou ele.

— Tenho-o desde que era um pintinho. É o meu favorito. Naturalmente, nunca tive um dos verdadeiramente bons que há nos escarpados junto ao mar.

— Os melhores que conheci são do norte, capturamo-os nos Países Baixos.

Isso fez que o julgasse de outra maneira. Clare tinha ouvido falar desses falcões, mas nunca os tinha visto, nem teria podido comprar um se um falcoeiro o tivesse feito. Se ele tinha caçado com esses animais, tinha que ser de melhor berço do que se imaginou.

— Esses poderiam ser dignos de reis.

— O berço significa pouca coisa, ele se encolheu de ombros — Vi falcões originais que se negavam a voar e gaviões que caçavam coelhos três vezes maiores que eles. Você mesma o adestrou?

— Sim. Este só me conhece. Não me abandonará.

— Não pode mantê-la presa e praticar a falcoaria. Cada vôo é um risco. Cada volta uma eleição.

Clare agarrou as cintas de couro com a mão enluvada.

— Ela voltará sempre.

Então, ouviu-se um bater de asas por trás dela. Quando deu a volta, um pássaro desceu e quase lhe roçou o cabelo com as garras, mas voltou a subir sobre o cabide do Wee One entre giros vertiginosos.

— Pare-o!

Era impossível. Estava acostumado ao céu aberto e o pássaro roçava perigosamente as paredes. Um choque poderia lhe romper uma asa.

— Acredito que o faz por ela — respondeu Fitzjohn com um sobressalto que ela nunca tinha captado em sua voz.

Wee One seguiu seu vôo com o olhar. Clare olhou para cima entre a tênue luz. Era difícil dizê-lo com certeza, mas as raias de debaixo das asas e as plumas brancas do peito lhe recordaram o falcão macho que tinha visto fazia dois dias. Acariciou o peito do Wee One satisfeita porque não tinha tentado voar.

— Por favor, mande-o embora.

Fitzjohn agitou os braços e gritou para a ave. O pássaro desconhecido pareceu dar-se conta de que estava preso e voou para a janela que havia no alto da parede, mas os espaços entre as grades, feitas para que os pássaros não escapassem, eram muito estreitas.

— Abra mais a porta — lhe pediu Fitzjohn.

Ela abriu e se afastou para que o pássaro tivesse espaço livre para a liberdade. O falcão macho fez um último giro, desceu, saiu pela porta e desapareceu. Ela respirou sem deixar de tremer.

— Obrigado — disse Clare — Temia que lhe fizesse algum mal. Devia estar enlouquecido.

— Sabia perfeitamente o que estava fazendo.

Ela, olhou-o surpreendida, esperando uma expressão de cinismo.

— O quê?

— Tentava chamar a atenção do Wee One.

— Por quê?

— Pelo motivo que um macho está acostumado a ter para chamar a atenção de uma fêmea. Quer aparecer-se.

Ela notou que lhe ardiam às bochechas e olhou para outro lado.

— Duvido...

O peito nu dele estava ao alcance de seus dedos. O suficientemente perto para acariciá-lo, para beijá-lo...

— De onde acredita que vêm os falcões? — perguntou ele.

Possivelmente ele não conhecesse os falcões tão bem como queria dar a entender.

— O vendedor de falcões trouxe para quase todos estes, mas eu capturei o Wee One perto do Hen Hole, ao leste daqui.

Ele soltou uma gargalhada.

— Refiro a antes disso.

Ela se ruborizou.

— Dos ovos, naturalmente — queria esse falcão cruzar com o Wee One? — Entretanto, um aviário não é um criadouro.

Ela nunca tinha visto um ovo ali. Era isso possível?

— Cruzam para sempre, sabia... — replicou ele com voz rouca.

— A não ser que um morra.

Quando sua mãe morreu, seu pai não vacilou em se juntar com outra mulher. Clare deu a volta e atou ao Wee One em seu cabide.

— Se o aviário estiver de seu agrado, espero que esteja satisfeita — disse ele com uma voz acariciadora outra vez — Volto a lhe oferecer minha espada a seu serviço.

— Meu pai voltará logo — respondeu ela bruscamente e sem olhá-lo.

Fitzjohn, como esse falcão desconhecido, tinha entrado ali por acidente e se encontrava atrapalhado e fora do lugar. Desejava a liberdade ou procurava um refúgio seguro?

— Ele decidirá o que fazer — acrescentou ela sem saber por que acreditava que lhe devia isso.

— Obrigado, lady Clare.

Clare foi sair do aviário, mas deu a volta.

— Tenho uma manta a mais, Fitzjohn. Esta noite lhe darei uma.

Ele fez uma inclinação com a elegância de um cortesão.

— Agradeço-lhe sinceramente, milady.

Ela se sentiu como uma dama pela primeira vez desde que o conheceu.

O falcão macho voltou uns dias depois. Viu-o no pátio, aonde tinham tirado os falcões para que fizessem um pouco de exercício, sem capuzes, mas atados. Dessa vez, desceu e posou junto ao Wee One no cabide. Roçaram-se as cabeças acima e abaixo em um cortejo frenético. Clare riu e Fitzjohn se aproximou dela.

— São muito graciosos — comentou ela.

— Está cortejando-a.

— O quê?

— Ela tentará voar. Olhe.

Wee One se elevou, mas as correias a retiveram. Clare correu apressadamente e deu umas palmadas para assustar o intruso. Wee One tentou segui-lo. Clare tirou a correia de couro até que pôde agarrá-la. Não podia perdê-la. Já tinha perdido muitas coisas queridas.

— Lady Clare!

A chamada chegou da muralha e ela olhou o homem.

— O que aconteceu?

— Seu pai se aproxima.

Voltara são e salvo. O alívio a aturdiu. Ouviu o rugido de sua voz antes de vê-lo.

— Expulsamos os ingleses do outro lado da fronteira. Onde estão minhas meninas?

Euphemia já tinha saído correndo sem se importar com o frio que tinha acontecido após os poucos dias quentes da primavera. Quando Clare viu o acompanhante de seu pai, também saiu correndo.

Alain havia voltado.

Deixou de correr antes que ele a visse porque tinha que andar como uma dama, não correr como uma menina ou, pior ainda, como uma apaixonada ansiosa. Uma dama digna da veneração de seu cavalheiro tinha que dar o exemplo.

Entretanto, não pôde frear os batimentos do seu coração. Que aspecto tão distinto tinha o conde francês montado em seu cavalo! Erguido, forte, sombrio... A encarnação de um cavalheiro.

Além disso, tinha conseguido recuperar a tapeçaria e Alain não se daria conta do que havia acontecido.

Seu pai deu voltas abraçando a Euphemia como se tivesse dez anos e não dezesseis. Seus fôlegos formavam nuvens no ar. Então, fixou-se em Clare.

— Pai... — disse ela transbordante de felicidade.

Ele a abraçou e ela se aconchegou entre seus braços como uma menina, segura, no momento, entre seus braços. Até que se apartou um pouco para olhá-lo. Umas rugas novas e profundas lhe sulcavam os extremos dos olhos.

— Não infringiste nenhuma regra, não é verdade?

Ela lhe perguntava cada vez que voltava. Era sua prece de agradecimento.

— Nenhuma que vá te contar — respondeu ele, como sempre.

Clare sacudiu a cabeça. Negava-se a pensar nos perigos da guerra quando ele estava fora e se dizia que as regras da cavalaria o protegeriam. Inclusive quando estava a salvo a seu lado, ela não se reconhecia que podia morrer cada vez que se enfrentava o inimigo.

— Me alegro de que haja voltado.

— Pelo menos não te alegras tanto quando começar a te aborrecer outra vez. Tenho outro motivo para querer que te case, filha.

Isto o disse com bastante firmeza sobre os seus motivos mas sabendo que isso a chatearia.

— Já conheço muito bem os outros.

Que ela soubesse, queria netos. Tinha chegado o momento de fazer planos com o Alain.

— Demoiselle Clare...

Ela se deu a volta com um sorriso radiante e lhe ofereceu a mão como lhe tinham ensinado a fazer. Ele tomou os dedos e os roçou com o bigode.

— Gostaria de saber que retornaria hoje — disse ela — Teria preparado uma comida em sua honra e colocaria meu melhor vestido.

Soltou-lhe a mão e ela alisou a camisa de algodão. Era barata, de tecido feito ali com um algodão muito ruim para mandá-lo aos Países Baixos para que o tecessem.

— Ridículo! É uma preciosa flor nesta charneca, como sempre.

— Prepare a comida que haja — disse seu pai — Tenho uma fome que não saciaria com um cervo inteiro — havia voltado a rodear com o braço a Euphemia, como se fora sua verdadeira filha — Onde está Murine?

— Aqui!

A amante de seu pai saiu correndo da torre para jogar-se em seus braços. Clare deu a volta para não ver o abraço. Essa mulher se colocou em sua cama depois que sua mãe morreria. Como não tinha linhagem suficiente para ser sua esposa, tinha sido sua companheira. Murine também tinha tentado atuar como mãe de sua filha, mas quando acolheram Clare na França, viu mulheres que recordavam a sua mãe, mulheres vestidas com sedas e que falavam com delicadeza. Murine nunca seria como elas e, pouco a pouco, a mulher deixou de tentá-lo. Nesse momento, mantinham-se afastadas uma da outra e não se incomodavam.

Clare se aproximou de Alain e o girou para a torre para que não presenciasse essa exibição. O conde sabia e a seguiu. Ao contrário que o desconhecido.

— Ah, demoiselle, é como uma baforada de ar fresco em meio da peste da Escócia.

Ofereceu-lhe seu braço e ela viu sangue na manga.

— Está ferido! — exclamou sem dissimular o medo.

— É só um arranhão, mas seu contato faz que nem o sinta.

— Me deixe vê-lo.

Levantou a manga com cuidado e passou os dedos pela pele do braço. A lembrança inoportuna do peito nu do Fitzjohn fez que tremesse a mão. Alain estava bem, a ferida não parecia grave.

— Acompanhe-me. Limparei isso e enfaixarei.

Ela se deleitou com essas palavras. Soaram como algo que poderia ser dito por uma esposa. Apartou a mão com delicadeza e reteve os dedos o tempo justo que ditava a decência.

— É muito amável.

Clare, pela extremidade do olho, viu que Murine levava a seu pai para a torre.

— Primeiro, vamos comer — disse Murine entre risadas e tirando a mão dele de um peito.

Clare soube o que passaria depois. Quando tivessem comido, não voltaria a vê-los durante horas. Incomodada, dirigiu-se a Alain.

— Me alegro de que esteja são e salvo. Fale-me de suas batalhas.

— Batalhas? Oxalá tivesse visto batalhas! Eduardo é um monstro, mas Douglas é um covarde.

— Um covarde? Nenhum escocês chamaria de covarde lorde Douglas.

— Em vez de haver batalhas, Douglas nos manteve afastados dos ingleses. Então, graças a Deus, os navios do Eduardo foram destruídos — fez o sinal da cruz e deu graças à Virgem Santíssima. — Não tinha mantimentos e teve que retirar-se, mas, mesmo assim, lorde Douglas não lutou, só o encurralou, como um cão faz com um cervo, em vez de enfrentar-se no campo de batalha. Poderíamos lhe haver atirado o *coup de grâce*.

Ela deixou escapar um som de conformidade. Douglas iria à guerra com os mais valentes, mas quando um escocês ia à guerra, só pensava no final, não na maneira mais adequada de alcançá-lo.

— Então, os ingleses partiram?

— Sim. E também arrasaram tudo pelo caminho, como fizeram na França. Queimaram e saquearam tudo, inclusive no dia sagrado da Purificação da Virgem. Não foram só os soldados. O pior foi o sobrinho bastardo do rei. Acendeu uma igreja no Haddington até que não ficou pedra sobre pedra e estava cheia de inocentes que tinham procurado refúgio ali.

Ela, espantada, fez o sinal da cruz.

— Não acredito que os ingleses carecessem de honra.

Assassinatos... Sacrilégios... Um cavalheiro não faria coisas assim. Alain lhe ofereceu o braço enquanto caminhavam para a torre.

— Enfim, assim é. Contaram-me que o homem que sustentou a tocha foi o filho do John do Eltham, que fez exatamente o mesmo há vinte anos. O Eduardo que governa hoje se zangou tanto quando soube, que o matou. Seu próprio irmão... — Alain sacudiu a cabeça — Os ingleses têm sangue de assassinos. Este Eduardo mataria por prazer e incentivaria seu filho para que cometesse o mesmo sacrilégio.

Ela olhou ao outro lado do pátio e viu que Fitzjohn os olhava fixamente. Ele havia dito que na guerra não se viam muitos cavalheiros. Como se tivesse presenciado essas coisas. Como se ele tivesse podido fazê-las. Aproximou-se mais de Alain. Seus homens estavam sãos e salvos. Fitzjohn poderia responder a seu pai.

Depois de ter-se saciado, seu pai passou à tarde na casa de Murine. Clare olhava para o outro lado quando estavam ali.

À noite, saiu para sentar-se com ela junto ao fogo da sala comum com a terceira jarra de cerveja na mão e pediu que lhe contasse tudo o que tinha acontecido durante sua ausência.

Ele contou pouco de suas lutas. Eduardo tinha fugido, efetivamente, mas tinha queimado tudo ao seu redor. Ao que parecia, os dois tinham perdido.

— Vi um rosto desconhecido no pátio — comentou ele — Quem é?

— Um cavalheiro afastado dos seus — tentou parecer despreocupada? — Dei-lhe teto, comida e um pouco de trabalho. Queria ficar, mas lhe disse que você é que decide.

Seu pai estreitou os olhos.

— O mês passado perdemos James em uma escaramuça. Poderia me vir bem outro homem.

— Contou poucas coisas de si mesmo. Não estou segura de sua linhagem.

— Isso é algo que não importa a um escocês.

Ela se perguntou por que teria contido o fôlego.

— Além disso, tampouco tem o sentido da cavalaria do conde.

Seu pai fez uma careta a meio caminho entre a risada e a brincadeira.

— Poucos a têm. Julgarei-o por mim mesmo, filha. Como se chama?

— Fitzjohn... — ela respondeu como se nem estivesse segura.

Seu pai deu um salto e esteve a ponto de derramar a jarra.

— O que disse?

— Fitzjohn — repetiu ela sem entender a reação de seu pai — Gavin, acredito.

Seu pai se levantou e a olhou de cima.

— O que tem feito, menina?

Por que não deu importância aos seus receios para com esse homem? Sua mãe nunca teria cometido um engano assim.

— Não sei. Não tem feito nada além de limpar os aviários e sujado uma tapeçaria?

— Colocaste em nossa torre um assassino incendiário que queimou a metade da região do Lothian — ela viu o mesmo olhar atormentado que tinha visto nos olhos do Fitzjohn — Foi o dia da Purificação da Virgem e ele levava a tocha.

Ela se amaldiçoou a si mesmo com palavras que uma dama não deveria saber. Se despertassem com o telhado em chamas, seria por sua culpa.

— Me perdoe. Não sabia.

Ele empunhou a espada disposto a usá-la.

— Eu me ocuparei dele.

— Espera — ela também se levantou e o agarrou pelo ombro com delicadeza para que se sentasse — Eu o deixei entrar. Eu irei. — Acaso esperava que ele negasse o que ela tinha suspeitado desde o começo? — Deixe que me certifique de que é o mesmo homem.

— Não vá sozinha, filha.

— Não estarei sozinha enquanto tiver isto — replicou ela dando uma palmada à capa de sua adaga.

— Ai, filha, como eu gostaria que fosses tão decidida para me dar netos como para fazer as coisas a tua maneira.

Ela sacudiu a cabeça. Não era sua maneira, era a maneira correta.

— Me dê um pouco de tempo. Depois venha e faça com ele o que quiser.

Saiu apressadamente da sala e subiu as escadas entre a revoada das saias. Não sabia o que a impulsionava, se a raiva, o medo ou a vergonha. Encontrou-o na muralha da torre olhando, fixamente para as montanhas cobertas de neve que se recortavam contra o céu amarelado do crepúsculo.

— Fitzjohn! — exclamou ela com a adaga na mão.

Ele deu a volta lentamente com o rosto em sombras.

— Assim me chamo. A que se deve a adaga?

— Também lhe chamam incendiário.

Seu olhar refletiu a dor e a ira. A ela, inclusive, pareceu-lhe captar uma súplica. Devolveu-lhe o olhar. Esse homem não tinha tido compaixão e ela tampouco a teria.

— Chamam-me muitas coisas.

Ele disse lentamente, como se tivesse tido que romper uma rocha com as palavras.

— Isso não é uma resposta.

— Que resposta vocês gostariam de ouvir, lady Clare?

— Uma que seja verdade.

— Então, mentirão muitas vezes. As pessoas dizem o que querem, seja verdade ou mentira.

Ele sempre dava a volta à pergunta em vez de respondê-la.

— Dizem que queimaram uma igreja cheia de gente inocente.

Ele girou a cabeça com um movimento muito veloz, como se fosse um falcão que tinha visto sua presa.

— Dizem isso agora?

A pergunta riscou uns sulcos muito profundos ao redor dos lábios embora a fizesse lentamente, como se realmente não lhe importasse o que dissessem.

— É verdade?

— O que criam?

Seus olhos sombrios tinham presenciado atos que nenhum homem deveria ver nem nenhum cavalheiro cometer, mas também os tinha feito? Ela não acreditava ou, ao menos, preferia não acreditá-lo.

Clare baixou a arma e negou com a cabeça.

— Agradeço-lhe por isso — sua voz teve um leve tom de gratidão — Então, posso ficar ?

— Meu pai vai vir. Ele vai decidir.

— Entendo-o.

Ela tentou juntar as palavras de seu pai e a história do conde.

— Significa então que seu pai era filho de um rei?

Ele assentiu a cabeça.

— E irmão de outro?

O sorriso dele não mostrou orgulho, mas ela notou que os joelhos lhe dobravam um pouco, como se fosse fazer uma reverência.

— Por que não me disse isso?

Corria sangue real por suas veias, embora fosse inglesa, e ela tinha insinuado que não era melhor que um camponês. Consideraria-a uma bárbara.

— Teria-me deixado entrar se lhe houvesse dito isso?

— Não, mas mentiu. Disse-me que era escocês.

— Minha mãe era uma McGuffin. Deu-me tanto sangue escocês como inglesa. Me diga onde isso está traçado na fronteira do meu corpo — tomou a mão, que segurava a adaga, e passou o fio pela cintura — Aqui? Sou escocês da cintura para baixo e inglês de cintura para acima? Tenho o coração escocês e os testículos ingleses?

Ela quis empurrá-lo, mas como ele a segurava era algo impossível.

— Não sei.

— Possivelmente seja assim — agarrando a sua mão, percorreu a cabeça com a ponta da adaga da frente até o centro do nariz e seguiu descendo pelo torso até que ela temeu que rasgar-lhe o peito — Direita? Esquerda? Que lado jogamos sobre as montanhas de Northumberland? Que lado lhe parece digno de conservar?

Girou a mão e ela soltou a adaga. Esse movimento fez que dobrasse o cotovelo e que se aproximasse tanto que a subida e baixa de seu peito roçou com os dela.

Um fogo escuro, ardente e perigoso a abrasou por dentro e começou em um lugar que ela tinha esquecido há muito tempo, se é que alguma vez o tinha conhecido. Tragou saliva.

— Quer que nos esquentemos em nossas camas, Fitzjohn?

Ao princípio, ele deixou que respondesse o vento. Logo, recuperou o sorriso e a agarrou com menos força.

— Você gostaria de se esquentar em sua cama, senhorita Clare?

Ela retrocedeu porque sabia que deveria temê-lo, mas teve medo de si mesma.

— Se o fizer, Fitzjohn, não lhe pedirei ajuda.

Ele arqueou as sobrancelhas e inclinou a cabeça. Seguia agarrando a mão, mas o contato já era uma carícia.

— Não acredito que seu francês possa fazer que salte essa chama.

Por cima do ombro dele, Clare viu que seu pai desembainhava a espada e tocava com a ponta as costas do Fitzjohn.

— Solta a minha filha, bastardo, se não quiseses que te mate.



Capítulo Quatro

Gavin soltou a mão, lamentando e se perguntou o que teria visto e ouvido. Entretanto, a morte poderia ser uma boa solução.

— Agora, levanta as mãos e dá a volta.

Gavin obedeceu lentamente e, pela primeira vez, pôde ver esse homem de perto. O barão era largo, magro e enrugado por anos de trabalho e guerras.

— Estou falando com outro Carr?

— Está falando com o único Carr — grunhiu ele.

Ele evitou sorrir, mas olhou Clare por cima do ombro e se alegrou ao ver que se ruborizava.

— Acreditei que Clare era uma Carr.

— De minhas próprias vísceras.

Ele captou o tom de orgulho.

— Pois lady Clare me permitiu entrar.

— Me diga por que ia permitir que você fique?

— A palavra de sua filha não é motivo suficiente?

— Eu não lhe prometi nada. Você me obrigou...

— Não diga nada, filha — pediu seu pai sem que a espada titubeasse — Ela te permitiu entrar, mas não lhe disseste toda a verdade sobre você.

A espada subiu a seu pescoço. Gavin tragou saliva ao sentir a ponta em sua pele. Se a mexesse, era homem morto.

— Disse-lhe que tenho sangue escocês. Se conhecerem minha história, saberão que é verdade.

— Juraria que não matou essas pessoas? — perguntou-lhe Clare.

Ele duvidou. Os homens pensariam o que quisessem dele. Fazia muito tempo que aprendeu que não lhe importasse e já não esbanjava saliva tentando que trocassem de opinião. Essa mulher, como todos outros, parecia acreditar o pior. Entretanto, dessa vez sim lhe importava.

— Faria-o — respondeu ele baixando os braços.

— Não baixe as mãos — ordenou ela — Jura que não nos fará nada? Realmente acreditava que ia incendiar a torre?

— Juro-o.

— E que não abrirá a porta aos ingleses? — acrescentou seu pai.

— Juro-o.

— Por sua honra de cavalheiro? — insistiu ela sem acreditá-lo muito naquelas palavras.

— Por minha honra de cavalheiro.

Aquilo significava muito para ela, mas nada para ele.

Carr baixou a espada, embora não deixou de olhá-lo com receio. Gavin baixou lentamente as mãos.

— Posso ficar ?

— Fico pensando — respondeu o barão pensativo — O que quer e por que está aqui?

Ele pensou que procurava a paz, mas era uma esperança vã. Não havia trégua para a guerra que se travava dentro dele.

— Só sou um pobre cavalheiro entre guerras que procura proteção e um senhor para servir.

— Faz umas semanas servia ao rei da Inglaterra. Por que ia confiar em que lutará com os escoceses?

— A metade de meu sangue é tão escocesa como a sua.

— E a outra metade tão inglesa como a do Eduardo.

— Qual é a mais forte? — perguntou ela a seu lado.

Ele gostaria de sabê-lo. Algumas vezes sentia como se seus sangues estivessem em guerra, envenenadas pelos pecados de seu pai.

— Enquanto lhes servir, prevalecerá meu sangue escocês.

— É melhor que seja assim.

O barão se aproximou mais e Gavin captou um leve aroma a chaminé e cerveja, duas coisas que não via fazia muito tempo.

— Têm a minha palavra.

— Por que íamos confiar em sua palavra? — perguntou ela.

Ele não respondeu. A confiança terei que ganhar e não prometê-la.

O barão o olhou de soslaio e levou a sua filha para as escadas.

— Nos deixe, filha.

— Mas, pai...

— Você me pediu estar um momento com ele, me conceda o mesmo.

Enquanto ela recolhia a adaga do chão, Gavin se perguntou o que teria querido conseguir ela ao estar a sós com ele... e se o teria conseguido.

Carr se apoiou no muro e olhou a escura ladeira.

— O que faz aqui, Fitzjohn? Me diga a verdade.

— Nasci aqui e voltei para minha terra — ao menos, tinha ido procurar uma terra outra vez — a Inglaterra não era... — não terminou a frase e se encolheu de ombros — Não era isso.

Uma coruja piou e se fez silêncio sem dar outro aviso a sua presa.

— Se te permitir que fique, Fitzjohn, tem que saber que se ocorrer algo suspeito, seja o que seja, não farei perguntas, matar-te-ei.

Gavin decidiu que isso era um avanço.

— Assusto-lhes tanto?

— Não me assusta o mais que necessário.

— Não? — assustava a sua filha embora ela tentasse não demonstrá-lo — Tenho reputação de ser perigoso.

O ancião bufou.

— Eu também, e tive mais tempo para ganhá-la.

Os dois sorriram e ele sentiu uma afinidade quase de parentesco com esse homem, algo que não tinha sentido em nenhum lado da fronteira. Perguntou-se como teria sido sua vida se tivesse tido um pai assim.

— Muito bem, se forem tão inteligente como perigoso, empregaria-me em algo que não fosse só limpar os aviários — Gavin olhou ao homem

para ver se via alguma reação, mas não viu nenhuma — Poderia lhe vir bem a calhar um homem experiente.

— Acredita nisso? — perguntou o barão, como se não lhe importasse o que Fitzjohn pensasse.

— Ao menos, poderia lhe vir bem um homem que entende que é preferível não enfrentar um exército em campo aberto se pode derrotá-lo nos bosques.

Esse conde francês passou toda a tarde lamentando-se das táticas do Douglas, como se fora mais importante a forma de expor uma guerra que ganhá-la ou perdê-la.

— Esse francês é um tolo arrogante e pomposo — o barão olhou para Gavin com atenção e um sorriso de orelha a orelha — Pensarei no que disse.

— Os homens perigosos não precisam pensar muito.

— Tem pressa do quê?

Ele não podia escapar da guerra ali, mas possivelmente pudesse ocultar o tempo suficiente para fechar suas piores feridas, as que os outros não podiam ver.

— Saí por dez anos. Chegou a hora de recuperar minha parte escocesa.

Quando deixou essa terra, perdeu uma parte de si mesmo, mas esperava que se ficasse ali pudesse encontrá-la.

— Você pode estar no seu auge?

— Tenho que matar para demonstrá-lo?

Carr o olhou fixamente por um bom momento sem dizer nada.

— Ainda, não — respondeu por fim.

Aquele homem tinha um olhar tão enérgico como o de sua filha e Gavin esperou que tivesse chegado a uma conclusão melhor que a dela.

— Entretanto — seguiu ele — , do outro lado das montanhas, na terra do Robson, há seis vacas vermelhas que antes viviam no cercado que dá a nossas muralhas. Se voltassem para casa, você e eu teríamos muito mais do que falar, muito mais.

O sorriso dos dois foi como um aperto de mãos muito forte.

Enquanto os homens jogavam os jogos de dados em um rincão da sala comum, Clare tentava fazer um capuz, correias e prendedores para os sinos de Wee One com o couro do Flandes que acabava de receber. Quando ouviu os passos de seu pai, deixou a tarefa.

— Expulsaste-o?

Ele a olhou com um leve sorriso que lhe enrugou os cantos da boca.

— Não.

— Por quê? — perguntou ela dissimulando o alívio.

— Não tenho por que te explicar minhas decisões, minha filha— ele sacudiu a cabeça quando os jogadores de jogo de dados o chamaram com a mão — Me sirva outra cerveja e vamos para cima. Tenho que te dizer algumas coisas.

Ele disse em um tom mais ríspido e ela obedeceu. Uma vez nos aposentos dele, ela se sentou em um pequeno tamborete e deixou a poltrona para seu pai. Ele se deixou cair com um suspiro de prazer.

— Do que quer falar, pai? — perguntou ela, embora sabia o que ia dizer.

— Quantos anos tem, filha?

— Nem sequer pode se lembrar disso?

— Tenta evitar a resposta?

— Sabe que tenho dezoito anos.

Se tivesse sete a mais, teria vivido mais que sua mãe.

— Sua mãe tinha dezesseis quando me casei com ela. Deveria ter se casado, filha.

— Sei, pai.

Acaso acreditava que não sabia? Desejava Alain, filhos e seu lar na França uma dúzia de vezes ao dia.

— Sem sua mãe... — ele suspirou e deu um gole na cerveja — Não me conformo bem com estas coisas. Quando você voltou da França, conformei-me tendo-a em casa.

Ele pôs sua rugosa mão sobre a dela, mas ela não a apertou. Quando sua mãe morreu, ele a mandou a França para que a acolhesse uma

família que tinha sido escolhida por lorde Douglas. Durante sua ausência, ele colocou ao Murine em sua cama e sentou a Euphemia sobre seus joelhos. Depois, teve a sensação de que ela não lhe interessava mais até que aprendeu a governar sua própria casa e pôde lhe dar netos. Por isso, tanto Escócia como ele eram uns desconhecidos para ela e se sentia mais apegada à família do Alain que à própria.

Nesse momento, olhou essa habitação fria e desolada para tentar encontrar algo que lhe indicasse que sua mãe tinha dormido ali, mas foi em vão.

— Alain já voltou — disse ela — Poderemos resolver nosso futuro.

Estava segura de que só a guerra tinha impedido que lhe pedisse a mão. Seu pai terminou a cerveja.

— Muito bem, se quiser a esse francês covarde, não me oporei.

— Alain foi quem quis lutar honoravelmente contra os ingleses, segundo as regras da cavalaria, como deveria livrar uma guerra.

— Filha, expulsamos o Eduardo do outro lado da fronteira, goste o Alain como o temos feito ou não. O inimigo já não está em nosso país. Entretanto, tem que saber uma coisa. Cheguei a um trato com lorde Douglas.

A firmeza de seu queixo fez que ela se inquietasse.

— Que trato?

— Algo que garantirá que a torre de Carr passe para meus netos.

— O quê?

Ela tinha direito igual sobre a torre e suas terras. Como única descendente, poderia ficar com eles depois da morte de seu pai, mas tinha dado é obvio a lorde Douglas que as concederia como recompensa a algum primo longínquo do clã quando ela partiu para a França.

— Bom, tudo começou na noite em que quase capturamos o Eduardo perto do Melrose — ele se inclinou para diante — A armadilha estava pronta e o teríamos capturado se William Douglas me tivesse ouvido. Disse-lhe que não esperássemos para que melhorasse o tempo, mas ele não fazia caso a ninguém e...

— Pai! O que você fez?

— Bem, demos-lhe cerveja e embebedei William. Então, recordei-lhe a promessa que fez a sua mãe em seu leito de morte.

— Que promessa? — seu pai também estava a caminho de embebedar-se — Nunca tinha me contado nada.

— William Douglas prometeu que você, a única descendente de minha querida e desventurada esposa, poderia conservar a torre do Carr quando se casasse e que eu poderia escolher o seu marido — ele se deixou cair contra o respaldo da poltrona com um sorriso de satisfação — Tenho a palavra do William ante testemunhas.

Ela piscou tentando poder falar. Era difícil imaginar sua mãe, de origem francesa, obrigando William Douglas a fazer essa promessa.

— Estou segura de que Alain se alegrará. Viremos de visita de ano em ano.

Ele agradeceria esses ganhos, embora fossem escassos. Um administrador poderia ocupar-se de tudo.

— Não! Não pode proteger a fronteira da França! Se quiser o Alain e ele quiser você, terão que ficar aqui ou não autorizarei esse matrimônio.

— Mas ele tem suas terras e suas responsabilidades.

— Como você. Seu marido terá que ficar para as resguardar pessoalmente.

Ela fechou os olhos pelo espanto. Estava segura de que sua mãe, que não era uma entusiasta de Escócia, não tinha previsto aquilo.

— Tenho certeza de que minha mãe não quis me prender a esta terra.

— Não sabe tudo, filha. Ela me encomendou que fizesse o que fosse melhor para você e para a torre de Carr.

Clare se conteve. Se lorde Douglas fez uma promessa a sua mãe e seu teimoso pai se saiu com a sua, seus desejos não chegariam muito longe. Tinha que pensar em uma coisa depois outra. Primeiro, Alain tinha que lhe pedir a mão. Depois, lhe expor as condições e encontrariam uma solução.

Entretanto, nesse momento, a única coisa que desejava desse matrimônio era a única que não poderia conseguir. Em vez de poder

esquecer-se desse lugar, ficaria presa nele para sempre. Tentou imaginar-se sentada com Alain diante da chaminé da torre em vez de fazê-lo em um château. De repente, a vida com ele lhe pareceu completamente distinta... e muitos menos atrativa.

À medida que a identidade do Gavin foi desvelando-se, a camaradagem com seus companheiros foi evaporando-se. Os mesmos homens que comeram com ele um dia, deram-lhe as costas ao dia seguinte. Sentava-se sozinho durante as comidas e passava o dia em silêncio.

Uma noite mais tarde, aproximou-se de dois deles e tirou seu jogo de dados.

— Uma partida?

Quatro olhos sombrios e anti-sociais o olharam. Só faltaram chamá-lo de “inglês incendiário”.

— Não tem nada que eu queira ganhar — respondeu um deles.

— Se perder, farei suas tarefas e você descansará.

— E se você ganhar?

— Me acompanhará ao outro lado das montanhas. Os bovinos necessitam de ajuda para encontrar o caminho de volta para casa.

O receio de seus rostos se dissipou o suficiente para que ele se sentasse e riscasse um círculo para jogar. Não tinha intenção de perder.

Uma noite mais tarde, Clare estava inquieta em sua cama. Alain não tinha falado ainda de seu futuro. Ela tentava imaginar-se o que diria, como o pediria. Como podia se expor uma dama se ele não o pedia?

Fitzjohn, em troca, estava em todos seus pensamentos. Seu sorriso irônico. Seu olhar sombrio. O fogo que tinha desatado em seu corpo. “Vocês gostaria de lhe esquentar em sua cama?” ele tinha-lhe perguntado.

Deu a volta de um lado a outro. Deveria estar sonhando com o Alain. Levantou-se e se aproximou da pequena abertura no muro para que o vento úmido lhe esfriasse o rosto. A escuridão da garoa ocultava a lua. As

colinas, encadeadas delicadamente umas e outras, só eram sombras negras com algumas manchas verdes, azuis ou cinzas.

Ouviu algo tão sutil como os tons das colinas. Era um homem a cavalo. O medo a deixou sem fôlego e olhou fixamente na escuridão. Era muito tarde para uma incursão, mas os Robson nunca tinha importado o calendário.

Não, não eram cavalos que se aproximavam, era um cavalo que se afastava.

Conseguiu distinguir a silhueta de um homem com capote. Montava um cavalo pequeno e negro com os cascos cobertos com mantas e que avançava em silêncio, como se pudesse ver as pedras soltas e as esquivar.

Reconheceu o homem por sua altura, sua silhueta e a maneira de montar. Era Fitzjohn.

Tinha jurado por sua honra de cavalheiro que não lhes faria nenhum dano, mas se escapulia na escuridão. Iria se reunir com os ingleses? Saiu da fresta. Tinha que dizer-lhe a seu pai, despertar aos homens, impedir-lhe.

Os cascos de um segundo cavalo fizeram que voltasse para a fresta. Era outro homem. Pouco depois, saiu um terceiro.

Observou como os engolia a escuridão enquanto se dirigiam para as colinas. Esboçou um sorriso. Possivelmente Fitzjohn fora um escocês depois de tudo.

O barão roncava como um demônio e Murine se sentou.

— Acorda, monstrengo. Ouço algo.

Ele roncou e ela suspirou. Era um vândalo, mas ela o amava.

— Ralph, acorda e escuta! — exclamou ela sacudindo-o.

Ele roncou, despertou e fechou a boca para aguçar o ouvido.

— É um cavalo — ela não esperou e foi até a janela de seu quarto

— Não, são três. Alguém está partindo.

Ele não se incomodou em levantar-se.

— Volta para a cama, Murine. É o moço.

— O moço? — perguntou ela dando a volta — Fitzjohn? Como pode estar tão seguro?

Ele olhou de lado e deu umas palmadas na cama.

— Porque eu o enviei. Acreditei que morderia esse anzol. Você disse três cavalos? — ele sacudiu a cabeça com um sorriso — Ele fez bem...

Ela apoiou as mãos nos quadris, que já eram maiores que fazia uns anos, quando a levou para a cama pela primeira vez.

— É um ladrão descarado. Mandaste-o roubar o gado do Robson?

Ele sorriu sem abrir os olhos.

— Se o tivesse feito não lhe diria isso, verdade? Agora, volte para a cama e me dê calor.

Ela riu e foi.

Durante a semana seguinte, o pai de Clare sorriu como se tivesse um segredo. Ela não perguntou aonde tinham ido Fitzjohn e os outros para que não parecesse como lhe importava. Alain comentou que estavam muito melhor sem ele, mas seu pai não disse nada. O que demonstrava que sabia mais do que dizia.

Ela pensou que era preferível que Fitzjohn não a distraísse quando deveria estar pensando em Alain, que tinham que passar algum tempo juntos e sozinhos, possivelmente, caçando com o falcão.

— Magnífico! — exclamou ele quando ela propôs — Pode caçar com meu gavião.

— Preferiria levar o Wee One — replicou ela.

— Por que te preferes em caçar com esse pássaro? — perguntou ele — Ele te arranhou...

Ela escondeu a mão entre a saia. Alain, que já se dirigia para os aviários, não esperou resposta. Ela suspirou e o seguiu.

Alain, depois de consultar com o falcoeiro, escolheu rapazes para o resto do grupo. Neil, satisfeito por recuperar o posto que lhe correspondia, também foi com eles. O portador levou as aves encapuzadas em um cabide sobre os ombros. Dois cães e três cavalheiros do conde os acompanharam. Ela se desculpou em silêncio com o Wee One e montou em seu cavalo. Alain e ela tinha ido muito poucas vezes caçar com falcões. Esqueceu-se de que essas excursões com ele pareciam muito pouco a suas escapadas solitárias e cheias de liberdade.

Essa caçada parecia tratar tanto da conversação como da caça em si. Alain e seus homens comentavam a história de cada pássaro com o falcoeiro e logo discutiam qual deveria voar o primeiro, o segundo e o terceiro. O de Alain era tão grande que parecia capaz de capturar uma garça, embora nunca o tinha tentado. Seus animais pareciam decorativos, escolhidos pela beleza e não pelo coração.

O sol chegou ao mais alto e as bolsas seguiam vazias. Ao final, um dos falcões caçou um coelho. O falcão do Alain fez um bom voo, mas não conseguiu abater uma pomba. O gavião, menor inclusive que Wee One, perseguiu duas cotovias, sem êxito, antes de conformar-se com um inseto bastante grande.

— Não sei o que lhe aconteceu hoje — comentou Alain — Acho que não está acostumado a você.

Clare mordeu a língua. Qualquer falcoeiro sabia que um gavião só servia para uma temporada, que mantê-lo durante todo o inverno era um desperdício de comida. Entretanto, não quis criticá-lo diante dos outros e era impossível falar com ele sem que os ouvissem. Não puderam estar nem um momento a sós. Ao final da jornada, quando ele a ajudou a desmontar, fez-lhe uma pergunta.

— Quando voltará para a França?

Gostaria de lhe perguntar “quando voltariam”, mas isso lhe pareceu presunçoso.

— Lorde Douglas pensou fazer uma peregrinação como agradecimento pela vitória. Acompanharei-o.

— À Terra Santa?

Ela ficou gelada. Não lhe havia dito nada. Essa viagem duraria pelo menos um ano.

— Não tão longe, ao Amiens.

A catedral francesa conservava a cabeça de São João Batista. Seria normal que Alain voltasse para a França com eles.

— Quando? — voltou ela a lhe perguntar.

— Ainda vai organizá-lo — ele encolheu os ombros — Ao redor do verão. Espero que seja antes. Estou desejando partir deste lugar frio e úmido.

Naturalmente, terei que organizá-lo. Ela sabia que ele tinha mandado mensagens. Devia estar esperando o consentimento formal de seus pais antes de pedir sua mão. Tinha certeza de que eles o dariam. A mãe de Alain a tinha acolhido sendo muito jovem e lhe tinha ensinado tudo o que tinha que saber para ser uma boa dona de casa. Douglas também aceitaria porque conhecia bem a família. Só faltava convencer seu pai e a Alain. Ao primeiro para que desse sua bênção e ao segundo para que vivesse na Escócia. Não sabia qual ia ser mais complicado.

Uns dias mais tarde, quando Clare ouviu uns mugidos, não deixou de continuar cortando os rabanetes atividade que já estava fazendo. Entretanto, quando foram mais insistentes e se aproximaram, foi à janela. Ali estava Fitzjohn, suarento pelo árduo trabalho, entrando em cavalo no pátio a princípios da primavera. Atrás dele, ladeadas por dois dos homens de seu pai, seguiam-no sete formosas vacas avermelhadas e de corto comprido. Um pouco parecido à felicidade fez com que desse uma risada.

— Contento por vê-lo, filha?

Ela engoliu a risada.

— Não, naturalmente, mas você sim está. Mandou-o a por essas vacas, não?

Ele se encolheu de ombros, mas o sorriso o delatou.

— Se um escocês quer roubar gado, não necessita da permissão de ninguém.

Ela voltou a olhar para Fitzjohn. Tinha desmontado e Angus se aproximou correndo para pegar as rédeas. Alguns dos homens se mantiveram afastados, receosos ainda, mas a maioria apertou a sua mão ou lhe deu umas palmadas nas costas.

E ele tinha merecido. Tinha atravessado as montanhas, ainda nevadas, tinha entrado em território inglês, tinha libertado a metade de uma manada de gado e havia voltado são e salvo.

Era possível que, depois de tudo, seu sangue escocês fosse mais forte.

Gavin levou o gado ao cercado sem fazer caso do ancião que se dirigia ali para olhar. Essa tarefa era quase impossível e ele sabia. Mesmo assim, Gavin, que estava esgotado, teve uma sensação embriagadora de vitória como não tinha sentido em nenhum campo de batalha.

Além disso, não tinha tido que matar ninguém, dirigiu-se ao barão sem preâmbulos.

— Aqui tem as seis vacas que queria e uma a mais por ser justo, embora eu esteja começando a pensar que elas foram roubadas primeiro de Robson.

O barão arqueou as sobrancelhas tentando parecer assombrado.

— Bom, o melhor que você vai ser é um escocês.

Ele riu. Possivelmente tivesse demonstrado que era um ladrão aceitável, mas o pai de Clare era um professor.

— Qual é minha recompensa? — perguntou estendendo a mão.

Na batalha, capturar um cavaleiro significava uma recompensa considerável. O gado deveria valer, pelo menos, um xelim escocês.

— Tenho pensado em algo.

— Promessas? — perguntou Gavin com a mão vazia ainda.

Tinha abandonado a dois reis por isso mesmo não tinha nada mais que com o que podia levar nas costas.

Se tivesse sabido o que lhe esperava, faria-o outra vez? Sim.

— Esta noite, sente-se na mesa principal e jante com minha filha. Falaremos mais tarde.

Ele sacudiu a cabeça enquanto o barão se afastava. Ficaria congelado se molhasse o pão em uma comida compartilhada com a odiosa Clare.

Entretanto, quando foi para os estábulos, viu-a na janela da cozinha.

Estava sorrindo.

O francês saiu dos estábulos, olhou-o com desdém e os olhos entrecerrados e seguiu em frente.

— Não tem a cortesia de saudar um cavalheiro?

A pergunta fez que com que o conde tivesse que parar, mas enrugou os lábios como se estivesse segurando a resposta. Gavin esboçou um sorriso.

— Está fazendo muito esforço para não dizer nada?

— Falar com você me mancha a língua.

— Por quê?

— *Lichieres pautonnier* — o insulto foi como uma bofetada — São uma desonra para os cavalheiros.

— O barão não tem a mesma opinião. Pediu-me que esta noite eu me sente na mesa principal.

— Não é melhor que você.

Uma vaca mugiu por trás dele. O conde olhou com asco para o animal, para a torre e para as montanhas que delimitavam a fronteira.

— Ingleses... Escoceses... Todos são uns bárbaros.

A ele tinham lhe chamado de coisas piores.

— A França não é a única que preza pelo código da cavalaria.

— Estou desejando sair desta ilha — disse o conde como se falasse consigo mesmo — Aqui não há nada que mereça a pena.

— Nada? — Gavin viu que Clare se aproximava pelas costas do francês com um leve sorriso nos lábios — Acreditava que a senhorita Clare lhe merecia muito a atenção.

Ela se deteve para olhá-los e lhe pareceu que o sol convertia seu cabelo em luz líquida.

Alain seguiu o olhar de Gavin e o sorriso dela se fez mais amplo para abranger aos dois antes de dirigir-se para o pomar.

— Minha mãe a educou bem — Alain suspirou — Mas merece algo melhor que tudo isto.

Entretanto, Gavin não captou nenhum desejo nem compromisso em seu olhar, só um certo pesar.

— Bom, é possível que eu lhe dê.

— Você? — perguntou como se tivesse gritado “o fardo” — *Licheor plain d'anvie*. “Nem pense em manchá-la”.

O conde cuspiu a seus pés.

— Então, vai ser sua?

Gavin tentou não pensar o quanto lhe importava a resposta.

— Mienne? — perguntou Alain com as sobrancelhas arqueadas pela surpresa.

— Non?

Dessa vez, não lhe custou sorrir, porque Alain não pensava pedir a mão de Clare por mais que ela pensasse o contrário.

— Só quis dizer que ela merecia algo melhor que um homem tão degradado que até os ingleses o perseguem.

O francês deu a volta e se dirigiu para a torre.

Os ingleses o perseguiram, pensou Gavin. Seu momento triunfal se transformou em amargura. Eduardo devia tê-lo declarado traidor. Não podia esperar por menos. Se um homem era capaz de matar o seu irmão, não vacilaria em condenar o seu sobrinho. Entretanto, ficava a leve esperança de poder ser um homem suficientemente digno para merecer Clare, embora o perseguissem.



Capítulo Cinco

Gavin sentou-se à mesa da família naquela noite, longe do fundo onde se reuniam os soldados. Sentou-se ao lado do barão enquanto que do outro, o francês o olhava com desprezo e fazia todo o possível para não dirigir-se a ele diretamente. Já tinha conhecido homens assim antes. Homens que se preocupavam mais pela aparência do que pela verdade. Entretanto, Clare o olhava com os olhos muito abertos, como se a aparência fosse a única coisa importante.

Os mugidos do gado se ouviram entre os muros.

— Estão contentes de estar em casa outra vez — comentou o barão com um sorriso.

— Até que seus malditos vizinhos voltem a nos roubar — replicou o conde.

O ancião barão o olhou.

— Não nos aprecia muito, não é verdade?

O barão esboçou um sorriso desinteressado. Gavin pensou que ele tampouco apreciava muito ao francês.

— Pai, por favor. Alain é um convidado em nossa casa.

Gavin não pôde deixar de morder a língua.

— Convidado? Eu não chamaria de convidado um homem que vai à guerra em outro país.

O francês se viu obrigado a sentir-se aludido e o olhou fixamente com desprezo.

— A França veio em defesa da Escócia. Foram vocês quem invadiram a Escócia e queimaram suas Igrejas. Todo mundo sabe quem são e o que fizeram.

O barão e Clare o olharam e esperaram que o negasse. Ele não o fez. Podia pensar o que quisesse. Não ia trocar de opinião dissesse o que dissesse.

— O que todo mundo sabe nem sempre é a verdade.

— Isso não é o que eu chamo de uma resposta.

Pareceu como se o barão pudesse repensar a sua generosidade.

— Ele não fez uma pergunta. Fez uma acusação.

— Veem-no? — interveio o francês — Nem sequer se importa em negá-lo. Entretanto, os escoceses não são mais civilizados. Queimaram casas e campos para que os ingleses não os aproveitassem.

O sorriso do barão se converteu em um grunhido.

É possível que vocês não gostem de como os escoceses lutaram na guerra, mas mantivemos os ingleses na baía.

— O que lutaram não é uma guerra. Ou cometem uma destruição bárbara ou correm como coelhos. Vim lutar numa batalha como Deus manda, não a me esconder nos bosques.

Por isso Clare acreditava que a guerra era um bonito espetáculo, um torneio e não uma luta de vida ou morte. Seu pai não era tão ingênuo.

— Este francês leva meses esperando uma grande batalha — comentou o barão entre risadas — Como se só quisesse lutar assim. Entretanto, Bruce nos aconselhou que evitássemos tudo o que pudesse dar facilidades ao inimigo e por isso nos pareceu uma tática melhor que ficar em linha de frente esperando que as flechas dos ingleses caíssem sobre nós.

— Pai! Alain é um guerreiro valoroso!

— Não necessita que defenda sua honra — disse seu pai.

Gavin conteve um sorriso e comeu uma parte do bolo. Gostava de ver Clare com um brilho nos olhos e as bochechas ruborizadas.

— Monsieur Fitzjohn é quem não tem honra. Só ataca a pessoas indefesas na escuridão.

— Eu pude ver muito bem como lutam os franceses — replicou Gavin contendo a língua e a raiva — Oferece organizar um encontro, mas nunca pode marcar a hora.

As bochechas do conde ficaram vermelhas de tanta raiva e soltou em um monte de insultos em francês. Clare pôs a mão em seu braço com intenção de sossegá-lo e olhou com fúria para Gavin.

O barão se levantou com a faca na mão.

— Um escocês vale mais que cinco franceses!

O conde também se levantou brandindo sua arma.

— Um francês é melhor que cinco ingleses!

Clare olhou para Gavin lhe pedindo ajuda.

— Fitzjohn?

Todos o olharam. Era meio escocês e meio inglês. Ele não se alterou. Na Escócia tinham desprezado o nome de seu pai e na corte inglesa o tinham chamado de selvagem. Que parte era mais forte? A de sua mãe ou a de seu pai? Detestava as dois quase todos os dias. Ao olhá-los perguntou-se o que sentiria ao saber tão claramente quem era um.

— Bom, ao que parece, isso faz com que eu valha ao menos como três franceses — respondeu lentamente e sorrindo com premeditação.

O conde não sorriu.

— Não é um homem sequer. É uma besta que sustentou a tocha que queimou...

— Não. Não o fiz.

Gavin se levantou com a mão no punho da adaga. Sempre havia dito que pensassem o que quisessem sobre o que tinha feito seu pai pesaria sobre ele fizesse o que fizesse. Entretanto, não ia permitir que Clare acreditasse que tinha mentido.

— Não é o que me contaram — replicou o conde com as sobrancelhas arqueadas pela surpresa.

— Não podem acreditar em tudo o que lhes contam — ele queria esquecer-se de todos os insultos que tinha recebido a ambos os lados da fronteira, mas o perseguiam até ali — Escocês, inglês ou francês, um homem é o que demonstra ser.

Fez-se um silêncio incômodo e Clare se levantou, pôs uma mão no ombro de cada um e os obrigou a embainhar as armas e a sentar-se.

— Demonstraste te sentir muito à vontade nas montanhas, Fitzjohn — comentou o barão com um sorriso — Vejamos que mais podes fazer. Ocupa-te do arsenal. Repara o dano que fizemos na batalha.

— Pai! Não sabe nada deste homem.

— Você tampouco sabia quando o deixou entrar. Agora, todos afirmam saber muito dele — olhou para Gavin — por que não lhe deixamos que nos demonstre quem é?

Ele sentiu um momento de paz. Um refúgio era o que necessitava, embora fosse só por um momento.

— Obrigado.

Clare se levantou.

— Bom, acredito que chegou o momento da cerveja.

O conde, com o cenho franzido, manteve-se em silêncio, enquanto ela enchia as jarras.

Gavin deu um gole e se deleitou com o sabor que lhe aliviou a garganta. A cerveja de Clare era delicada e perigosa.

O barão levantou a jarra.

— Ao menos, isto é um pouco da Escócia que até os franceses gostam, não?

— Há várias coisas que eu gosto aqui — replicou o conde olhando para Clare.

Gavin apertou a jarra entre os dedos e deu outro gole. Essa mulher não era nada para ele nem podia sê-lo. Olhou para o outro lado. O que tinha Clare que lhe atraía? Era forte, mas, como seu falcão, estava sempre tensa, esperando o perigo a qualquer momento. Sua força era um escudo, mas o que escondia? Comportava-se como se nunca tivesse tido uma tentação e, muito menos, caído nela. Gostaria de vê-lo acontecer, colaborar para que isso acontecesse. Essa imagem o afligia. Clare nua, sua trança desfeita, o cabelo solto sobre os ombros, o olhar velado e os lábios entregues com desejo.

Degustou a bebida. Se ela soubesse o que estava pensando, confirmaria todas as coisas desprezíveis que pensava dele... e teria razão.



Capítulo Seis

Clare preencheu as jarras e se sentiu capturada entre o olhar do Fitzjohn e o de Alain. Seu pai desfrutava incitando os dois homens um contra o outro, embora preferisse o bastardo. Euphemia saiu do piso inferior, da cozinha, para ajudar a recolher. Quando foi ao fundo da mesa, um dos homens lhe deu um açoite com uma exclamação de satisfação.

— Não deveriam tratá-la assim — a forma cruel como ela a tratava removeu-lhe a consciência — Deveria impedi-lo, pai — acrescentou Clare com o cenho franzido.

— Não posso impedir que um homem jovem a olhe. Eu também fui jovem e dava açoites iguais a sua mãe.

Ela manteve o cenho franzido. Sua mãe tinha sido elegante e culta. Nunca teria permitido que a tratassem assim.

— Minha mãe nem sequer estava aqui. Estava na França.

— Eu também. Fui certificar me de que o rei assinava o tratado conosco — ele sorriu ao ver o assombro de sua filha — Não sabias, é verdade, filha?

Alain voltava a sorrir com pena. Ela esteve a ponto de gemer. Fitzjohn, aquele maldito, trocou um olhar com seu pai.

— Assim a conquistou?

Ela interveio antes que seu pai pudesse desonrá-los mais.

— Claro que não. Minha mãe nunca teria reagido a algo tão vulgar. Está brincando.

Clare rezou para que fosse verdade.

— Isso é o que você acredita, pequena — seu pai riu — Sua mãe saiu a jogar à luz da lua um par de vezes.

Clare agarrou a jarra até que os nódulos das mãos ficassem brancos. Sua mãe era a imagem de perfeição que teve desde menina. Era memória ou imaginação? O sorriso de seu pai despertava as dúvidas. Podia imaginar facilmente ele fora da torre dando gritos para atraí-la. Entretanto, se sua mãe tinha sido o tipo de mulher que respondia a semelhantes indecências, o que dizia isso dela mesma?

Imaginou coisas assim e tinha tentado ocultá-lo. De Alain... De si mesma... Imagens de um homem que a olhava, tocava-a, beijava-a e mais... Não. Sua mãe não tinha sido esse tipo de mulher e ela tampouco o era. Alain não se casaria nunca com uma mulher assim.

— Você gostaria que um homem te chamasse à luz da lua, Clare?

O sorriso do Fitzjohn indicava que tinha percebido suas dúvidas e queria incentivá-la.

— Demoiselle Clare é muito refinada para isso — respondeu Alain.

— Está insinuando que minha esposa não o era?

Ela pôs a mão no homem do conde antes que novamente ele desembainhasse a adaga.

— Basta de brigas por esta noite — ela limpou a garganta e quis gritar que deixassem de falar assim de sua mãe — Acredito que Alain quis dizer que nenhuma dama de verdade, entre elas, minha mãe, responderia a uma exibição assim.

O sorriso do Gavin se manteve inalterável.

— Isso é o que quer dizer, Alain? — perguntou como se, se divertisse.

Seu pai deu uma cotovelada jocosa em Fitzjohn.

— Escute, pequena. Sua mãe e eu desfrutamos no leito marital. De onde acredita que vem? Do ninho de uma galinha?

O rosto do Alain se converteu em pedra. Do fundo da sala chegou um assobio dirigido a Euphemia.

— Basta! — Clare golpeou a mesa com a jarra — Já está bom, para vocês dois? Não me estranha que Alain nos considere uns selvagens.

Brigas, insultos obscenos... Quando se livraria desse lugar horrível?

Os homens do fundo deixaram de provocar a Euphemia para olhá-la fixamente. Clare, espantada por seu arrebatamento, saiu correndo da sala comum e desceu as escadas atropeladamente. Uma vez fora, respirou fundo e estremeceu. Os assobios e gritos continuaram mas os muros os sufocaram. Os passos do Alain, mais lentos, ressonaram nas escadas até que ficou por trás dela.

Morta de calor, olhou ao chão e piscou para conter as lágrimas.

— Não sei por que meu pai não os repreende. Parece-lhe gostar, e os estimula.

— Mas essa moça não é de sua família, Clare. Não tem nada haver com você.

— Obrigado — disse ela aliviada de que ele acreditasse.

Entretanto, embora não tivessem o mesmo sangue, Euphemia era a filha da amante de seu pai. Tinham um vínculo que ela tentava passar por cima. Disposta a olhá-lo, deu a volta.

— Algumas vezes, meu pai... bom, pergunto-me...

Como podia ser a filha de semelhante homem? Ele a olhou com delicadeza, preocupação e gentileza.

— Você se parece nada com ele.

O primeiro pensamento foi que de alegria. Logo, sentiu remorso. Era seu pai. Não podia deixá-lo em lugar ruim.

— Não teve uma vida como a sua. As coisas são muito diferentes por aqui.

— Mas você não é uma mulher que se pode uivar e arrastar entre os matagais.

— Isso significa que alguma vez me dará um beijo?

A pergunta lhe escapou e olhou para outro lado espantada por havê-lo perguntado. Entretanto, essa noite queria que a beijassem apaixonadamente.

— Mas *non* — respondeu ele virando o queixo para que o olhasse.

Por fim. Embora tinha sido muito direta, ele acabaria falando e a tomaria entre os braços.

Tomou o seu rosto com uma mão e ela se inclinou para ele, tanto que seus peitos roçaram o peito dele, que baixou as mãos nas suas coxas.

— Tudo chegará no momento adequado, chérie. Agora, vamos, faz frio.

Ela mordeu as bochechas por dentro para conter as lágrimas.

— Pode ir. Eu irei em seguida.

“Quando será o momento adequado, Alain?” perguntou-se a si mesma, porque uma dama não podia dizê-lo em voz alta. Uma mulher virtuosa tinha que esperar a que o homem falasse primeiro. Tinha que aspirar à humildade perfeita. Não podia discutir nunca. Não podia zangar-se nunca. Todo isso lhe tinha ensinado a mãe de Alain e ela tinha aprendido de cor.

Essa lição protegeria sua integridade e sua reputação. Evitaria todo dano. Evitaria que voltasse a perder alguém.

Cruzou o pátio para os aviários. Estavam muito escuras e teria gostado de poder permitir-se as ter iluminadas como sabia que faziam os reis. Entretanto, deteve-se com a mão na porta. Era muito tarde. Só conseguiria incomodar os pássaros.

— Ficaste-te sozinha muito breve. Onde está o francês?

Parou-lhe o pulso para ao ouvir Fitzjohn. Um ligeiro resplendor saía das dependências dos serventes, no alto da torre, e iluminava levemente seu rosto.

— Alain voltou para dentro — não tinha importância que ele o tivesse perguntado por que deviam ter se cruzado nas escadas — Eu ia deitar me.

Ele se aproximou um passo estalando a língua pela censura.

— Sozinha...

— Eu não gosto do que insinua.

— Que uma mulher poderia gostar de passar a noite com seu homem? Não é um insulto.

— Parece-o dito por você — entretanto, ele parecia saber que tinha esperado um beijo que não chegou — Sou uma mulher decente.

Ao menos, isso queria ser e detestou Fitzjohn por fazer que se sentisse como se fora algo diferente.

— Não sei se tiveste tido experiência suficiente para saber o que você quer, Clare. Eu adoraria te ajudar a descobrir.

— Preferiria morrer antes.

Lamentou havê-lo dito assim que o disse. Era um disparate falar assim sobre a morte. Os dois a tinham visto em abundância.

— Bom, esta noite está muito viva e poderia escolher a melhor maneira de vivê-la.

— Ofende-me.

— É ofensivo saber o que penso e dizê-lo?

— É ofensivo dar a entender que eu poderia ser tão imprudente para fazer caso de suas insinuações.

Ele voltou a sorrir com um sorriso que dava a entender que sabia o que ela negava a reconhecer.

— Nunca é imprudente?

— Não me posso permitir isso Nem com minhas aves, nem com minha cerveja, nem com minha reputação.

Ele fez uma careta e ela soube que tinha sabido responder a seu insulto. Ele podia ser imprudente com sua reputação porque não tinha nenhuma.

— Deveria tentá-lo. Tente montar esse cavalo enorme que tem e galope pelas colinas tão depressa que o vento lhe arrebate o fôlego do peito — ele se aproximou mais e ela ficou sem fôlego no peito — Quando puder respirar outra vez, gritem para a lua.

Por que sabia que ela galopava assim? Por que sabia que ela desejava... algo que poria em perigo tudo o que queria? Tentou replicar com a respiração entrecortada.

— Por que ia fazer semelhante coisa? Só assustaria o cavalo e o falcão e danificaria a cerveja.

— Então, tente algum prazer mais cometido — pegou a sua mão. A mão dele era quente e tentadora e se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido — vamos procurar uma agulha entre as ervas crescidas.

Ele estava tão perto que ela temeu que pudesse ouvir seu coração que lhe sussurrava que o fizesse, embora só fosse saber o que sentia. Retrocedeu e cruzou os braços sobre o peito.

— Confundem-me com a Euphemia. Eu não sou assim.

— Como pode sabê-lo se não tenta?

— Conheço-me — ao menos, sabia quem deveria ser — Além disso, também conheço os homens como você. Pode enganar a meu pai, Fitzjohn, mas não a mim.

— Não engano o mínimo o seu pai. Acredito que ele sabe exatamente o que sou.

— Ele e vocês são iguais. Dois descarados sem educação.

— Ao contrário do seu amigo francês?

Ela ficou muito reta. Efetivamente, Alain não era como eles. Ela tampouco.

— Não permitirei que também o degradem.

— Não o tenho feito. Disse que não é como eu. Além disso, um cavaleiro pode defender sua honra.

— Mas não está aqui para defender-se — ela levantou o queixo — Nem a mim.

— Não há nada que defender. Respeito-lhes a você e, inclusive, respeito-o a ele. Tem umas maneiras deliciosos e pode fazer umas dissertações preciosas que o rei Jean o Bom aplaudiria. Inclusive poderia invejar o château que tem sua família há cinco gerações — seu tom era zombador, como se as maneiras, a honra e a família fossem trivialidades — Entretanto, se estão preservando-as para ele, terão que esperar muito, muito tempo.

Essa afirmação a sobressaltou. Acaso sabia algo que só ela temia? Não, era impossível. Pediria-lhe a mão. Tinha que fazê-lo.

— Não tem direito a dizer isso. Nosso futuro é coisa de Alain e minha.

Gavin a agarrou e a atraiu contra seu peito.

— Se tivesse sido eu, não me teria partido até o amanhecer.

Essas palavras vulgares a agarraram com mais força que sua mão.

— Se tivessem sido você, teriam passado uma noite fria e solitária.
Ele baixou a cabeça e aproximou muito os seus lábios.

— De verdade?

A um centímetro a esperava o beijo que tinha desejado, apaixonado e profundo. Tudo parou. O fôlego, o coração e os pensamentos.

Seus lábios, firmes e quentes, roçaram os dela. Um arrebatamento de sensações, fortes como o vento, tirou-a do chão. Preparou-se para o ataque e disse que resistia a ele. Não era verdade. Resistia a si mesmo.

Pôs rígidos os braços, as pernas e os lábios, porque temeu que se não o fazia, toda a luxúria que tinha contida se transbordaria e ficaria exposta como a rameira mais baixa com a que ele tinha se deitado.

Uma gargalhada rompeu o feitiço e os dois se separaram. Seu pai e Murine, abraçados, provocavam-se enquanto saíam da torre. Clare tentou esconder-se entre as sombras, mas eles não olharam ao redor enquanto se dirigiam a casita de Murine. Seu pai dormiria outra noite na cama dela e não na sua.

— Sim — disse Clare dominando a respiração entrecortada — Dormirá sozinho e eu também.

— Não espere muito — replicou ele tentando respirar e sem sorrir — A vida é curta.

Ela sabia melhor do que a maioria. Teria gritado sua mãe à lua e cavalgado mais depressa que um falcão antes de morrer? Sua mãe teve uma parte que uma menina não podia entender? Só podia sabê-lo um marido?

— Efetivamente, é muito curta para desperdiçar uma noite com você. Boa noite.

O sorriso voltou para seu rosto tão rapidamente como se uma rajada de vento levasse seu ar sombrio.

— Não tema seus sonhos, Clare.

Entrou precipitadamente na torre e presa do desejo de viver, de cavalgar desenfreadamente na escuridão. De voar como os falcões. De estar com um homem. Nenhuma lição das que tinha aprendido podia sufocar essa necessidade, uma necessidade que tinha estado apaziguada

até esse momento. Era muito tarde para dar-se conta de que as opiniões irreverentes do Fitzjohn podiam lhe afetar, como tinham feito com Angus e Euphemia. Mesmo assim, essa noite se sentia como se tivesse estado represando sua vida igual a um esquilo, que não comeu uma noz durante todo o verão por medo ao inverno que se avizinhava. O que se passava quando os esquilos morriam antes que chegasse o inverno? Todas essas nozes que tinham enterrado apodreciam.

Ouviu os passos de um homem enquanto subia a escada de caracol. Deu a volta desejando, temendo, voltar a ver o Fitzjohn. Entretanto, seu pai subiu atrás dela.

— Acreditava que tinha ido a casita.

— Tinha que falar com ela. Estava com o Fitzjohn?

Ele, naturalmente, deu-se conta.

— Estávamos nos despedindo, nada mais.

— Onde está o francês?

Ela olhou para o piso da família, onde Alain tinha uma habitação.

— Dormindo tranquilamente, imagino.

— Sozinho?

Ao princípio, ela pensou que sim, mas teve que dizer a verdade.

— Não sei.

— Por quê? Ele te possuiu?

— Pai!

— Não, claro que não. Deveria sabê-lo bem. Bom, já lhes deixei bastante tempo sozinhos. Chegou o momento. Tem que decidir algo em um sentido ou outro.

Ela, com a mão apoiada na parede para manter o equilíbrio, olhou para trás enquanto subia as escadas porque temia que seu pai pudesse tropeçar-se.

— Isso é o único assunto que tem para falar comigo?

Ela baixou a voz enquanto passavam junto à cozinha e subiam ao piso seguinte, onde os soldados dormiam na sala comum.

— Nunca quer saber nada sobre mim. Que desejo? Quem sou? Até o Neil diz que sou uma boa falcoeira. Bebe minha cerveja e dorme debaixo

das mantas que eu mesma fiz, mas nunca pergunta nada sobre isso. Tratava assim a minha mãe?

Seu rosto refletiu o desconsolo enquanto chegavam ao terceiro piso e ela se arrependeu por haver-se deixado levar pela raiva.

— Não estou aqui para falar disso — replicou ele — Estou para falar de ti e de meus netos.

Ela olhou para a porta dos aposentos do conde e se alegrou de ouvir uns roncoss.

— É a única coisa que falamos.

— E é a única que falarei até que faça algo a respeito.

Ele se apoiou no muro como se a ascensão ou a fúria o tivessem esgotado.

— Aconteceu alguma coisa, pai? Te apoie em mim.

Ele se afastou quando ela tentou agarrá-lo por braço.

— Só estou cansado — respondeu ele com certa brutalidade.

Tinham chegado à porta de sua estadia e ele se apoiou por fim nela e deixou que o levasse a sua poltrona.

— Sabe que algum dia não estarei aqui.

Clare soube que o havia dito para lhe criar um sentimento de culpa, porque isso era o que mais temia.

— Impossível. É muito teimoso.

Ele tinha passado toda a vida lutando em distintas guerras, mas ela, de menina, tinha pensado que como Deus levou a sua mãe, não levaria também a seu pai.

— Quero ver-lhes casadas as duas antes que deixe esta vida. Euphemia se casará com o primeiro homem que o peça, partirá, vai se saber para aonde, terá um montão de filhos e ficará gorda.

— Não me importa o que faça Euphemia e não sei por que importa a ti — replicou ela com o cenho franzido.

Ela conhecia seu sorriso zombador e seu mau humor, mas essa expressão era nova, sombria.

— Ai, filha, algum dia aprenderá a perdoar a si mesma e aos outros.

Ela, atônita, olhou-o com atenção. Então, sabia todo o remorso que tinha acumulado pelos anos que tinha passado sozinha e por Murine? Sabia quanto se reprendia a si mesma cada vez que dava um passo em falso no caminho que lhe tinha ensinado a mãe de Alain? Sobretudo, por essa noite?

A expressão de seu rosto deveu ser resposta suficiente porque ele suavizou a sua.

— Quero ver te assentada. A ti e às terras que possuirá.

— Sei, pai.

— Sabes, mas não tens feito nada! Falarei com o francês se precisar.

— Não! — exclamou ela aterrorizada com o constrangimento — Ele falará quando lhe parecer o momento oportuno.

— Esse momento tem que chegar logo. Tem até o verão para que o francês se comprometa contigo e com a Escócia. Preciso um herdeiro e como não tenho um filho, se não povoou logo as terras, os ingleses as apropriarão. Douglas não permitirá que isso aconteça e eu tampouco, ouviste-me? Morto ou vivo, estas terras serão de homens com meu sangue em suas veias!

Calou-se sem fôlego. Ela se deu conta de que essa guerra tinha sido complicada.

— Entendo-o, pai — concedeu ela com delicadeza, embora sabia que seu coração ainda não tinha aceitado tudo o que ele queria dizer.

— Em primeiro de maio, na festa do Beltane. Se resolverá de uma forma ou outra.

— Tenho certeza de que Alain dirá algo.

Entretanto, não tinha a certeza de nada. Embora Alain dissesse algo, nunca se comprometeria a viver na fronteira de Escócia... e ela tampouco.

Murine apareceu na porta, em silêncio, como se tivesse sabido que a conversa tinha terminado. Clare se levantou, partiu sem dizer nada e permitiu que a mulher o ajudasse a deitar-se.

Enfureceu-se consigo mesma quando fechou a porta. Naturalmente, já tinha chegado o momento de que se casasse, mas tinha que fazê-lo adequadamente, não como dizia a linguagem chula de seu pai. Entretanto, já não havia tempo para esperar com paciência. Só faltavam umas semanas para que chegasse primeiro de maio e o verão.

Possivelmente pudesse conseguir que as intenções grosseiras do Fitzjohn dessem bons resultados. Alain não o apreciava mais que ela. Possivelmente, um pouco de rivalidade pudesse convencer ao conde para que se declarasse. Entretanto, tinha que fazê-lo com cuidado. Despertar o interesse do Fitzjohn podia ser perigoso. Sobretudo, para ela mesma.



Capítulo Sete

Na manhã seguinte, Fitzjohn viu, com espanto e cautela, que Clare se aproximava dele na sala comum rebolando um pouco e com um sorriso nos lábios. Era um sorriso forçado, mas um sorriso.

— Bom dia, Fitzjohn — saudou ela.

— Senhora...

Ela inclinou a cabeça em silêncio, com o sorriso inalterável e olhando-o nos olhos. Não se parecia nada com a mulher que tinha chegado a conhecer, a mulher com língua afiada e que se controlava implacavelmente. Ele tinha passado a noite toda acordado revivendo o beijo. Estava claro que era uma mulher apaixonada, mas era uma paixão reprimida e ele tinha chegado à conclusão de que o rio se congelaria em pleno verão antes que ela voltasse a lhe dirigir uma palavra amável.

— O que necessita de mim? — perguntou-lhe ele.

— Necessitar? Nada — ela olhou para a ponta dos sapatos e voltou a olhá-lo batendo as asas das pestanas — Você está bem?

— Bem?

Ele tinha captado o olhar sedutor. Tinha visto na Euphemia, mas para ela era algo tão natural como respirar. Parecia como se Clare tivesse praticado sem ter conseguido a perfeição. Então, viu que ela olhava de soslaio para a chaminé, onde estava o francês, e se sentiu desapontado.

— Não está me olhando, senhora. Se quer despertar seu interesse, vai necessitar algo mais que me dirigir uns olhares.

A expressão delicada e acolhedora dela desapareceu imediatamente.

— O que quer dizer, eu não...?

Ficou em silêncio ao dar-se conta de que tinha girado a cabeça para ver se Alain estava olhando-a.

— Se quer fazer-lhe ciúmes, tem que lhe dar motivos para ficar ciumento.

Na realidade, segundo o que ele tinha podido observar desse homem, os ciúmes só poderiam despertar seu interesse para vencer o seu rival, não por Clare em si mesmo. Mesmo assim, esse plano lhe dava a ocasião de estar um momento com ela.

Ela se afastou um pouco, mas seu aroma de flores brancas e frutas amadurecidos seguiu envolvendo-o.

— Estás imaginando assegurou ela, embora já não o olhava nos olhos.

— Absolutamente — replicou ele, embora desejou que fosse verdade — Eu adoraria lhe ajudar, senhora — ele se aproximou e olhou por cima do ombro dela — Seu francês está olhando agora. Não lhe toquei ainda, mas posso fazê-lo — apoiou a mão em seu quadril e notou que a imprudência tomou posse dele — Acredito que já captamos sua atenção.

— Basta — disse ela quase sem fôlego.

Entretanto, quando lhe pôs a mão nas costas para levá-la aonde o conde não pudesse vê-los, ela o acompanhou. Levou-a pela escada de caracol para o torreão, longe do olhar dos sentinelas.

Uma vez fora, ele inalou o ar fresco que cheirava à terra fértil e a erva a ponto de brotar. Pelas frestas podiam ver-se as colinas diante dele, como se fossem delas. Voltou a olhar a Clare, mas ela não estava olhando-o a ele nem às colinas, estava olhando para a escadas vazias. Acariciou lhe a bochecha para que o olhasse.

— Crê que virá? — perguntou-lhe ele com uma voz áspera, como se o ciumento fosse ele.

— Sim. Sua obrigação como cavalheiro é me proteger.

Primeiro sentiu raiva, mas logo sentiu medo por ela por acreditar que o resto do mundo ia seguir suas maravilhosas normas.

— É possível, mas se esperar que todos os homens façam o mesmo, é melhor lhe comerem viva, Clare. Este mundo pertence aos guerreiros e a

eles não importa a quem vão machucar se conseguirem o que querem. É a única lição importante nesta fronteira.

Ela o olhou e seus olhos cintilaram como fogo verde.

— Por isso quero partir. Estas colinas estão cheias de homens sem escrúpulos e vocês são como eles ou pior.

— É uma afirmação severa, *demoiselle*.

Entretanto, temia-se que era verdade.

Ela piscou para ouvi-lo falar em francês. Ele sorriu porque sabia que seu acento, que tinha aprendido na corte, podia comparar-se ao do Alain.

— É possível — disse ela por fim — mas se não fossem, defenderiam-lhes com a verdade.

A verdade. Ele havia visto muitas batalhas que se livraram entre homens que se agarravam a suas verdades. Já não estava seguro do significado dessa palavra. Voltou a adornar seus lábios com um sorriso.

— Se tivesse que lhe esclarecer a verdade da falsidade, demoraria horas — o cheiro do sangue o incomodou. Aproximou-se tanto que dela que se separasse os lábios, poderia notar as palavras dele na língua — Além disso, há melhores forma de passar o tempo com uma mulher formosa.

Ela se aproximou. Se se aproximava um pouco mais, voltaria a beijá-la. Poderiam voltar a começar onde o deixaram a noite anterior, mas essa vez, ela sucumbiria.

Os lábios dela roçaram os dele com a delicadeza de uma pluma. Ele a abraçou com suavidade e seus peitos se estreitaram contra ele, que lentamente saboreou a boca dela com a língua.

Fitzjohn notou que se entregava.

Então, Clare o afastou com um empurrão.

— Não! — os dois se cambalearam — Não lhe necessito. Não vos desejo.

Ele desejou que o coração lhe pulsasse mais devagar. Por um instante, tinha vislumbrado como seria chegar tão profundamente que ela

o conhecesse plenamente e pudesse ser amado. Era difícil para a maioria, mas para ele era impossível, sobretudo, com essa mulher.

— *Pardon, demoiselle*. Acreditei que queria fazer ciúmes ao conde.

— Ele não está aqui. Não pode ter ciúmes do que não vê.

— *Au contraire* — replicou ele com um sorriso — O que não se vê, terá que imaginar. Muita gente descreve com todos os detalhes situações que não presenciou — apoiou-se na parede de pedra com os braços cruzados, para evitar a tentação de abraçá-la — Direi um par de palavras e será igual a que não nos tenha visto. Acreditará em algo que eu diga.

— Você é um homem cruel, Fitzjohn.

— Porque tentei cumprir o desejo de uma dama como faria um perfeito cavalheiro? Como quer que ele fique ciumento? — ele voltou a inclinar-se para ela, incapaz de manter a distância — Posso descrever seus olhos — a observou como se pensasse o que dizer — São verdes, mas com um tom cinza, e duros como a pedra, ao menos, quando estão olhando os meus, naturalmente.

Ela cravou os olhos nos dele.

— Ele viu meus olhos.

Além disso, com toda certeza, seus olhos seriam delicados como a erva da primavera ao olhar ao conde.

— Então, seu cabelo. Farei uma descrição poética de seu cabelo caindo em cascata sobre os ombros como um manto de seda.

— Não acreditará. Nunca deixo o cabelo solto.

— Então lhe falarei de sua pele — sua voz era cada vez mais profunda enquanto falava do que desejava e não podia conseguir. Voltou a abraçá-la. Delicada que pareceu a meus dedos quando acariciei a curva de seus peitos...

— Não! — ela tentou afastar-se, mas ele não a soltou — Assim das a entender que eu, que nós...

Ele ouviu os passos furiosos do conde que subiam as escadas. Ela também os ouviu.

— Não, por favor — ela o olhou com os olhos desesperados — Pensará que não sou adequada para ser sua esposa.

Por um instante, ele esteve tentado a falar com conde sobre seus olhos, seu cabelo, sua pele e muito mais. Um homem com um desejo tão leve não a merecia.

— Bom, não podemos permiti-lo agora, verdade?

— Solte-a.

Ele levantou a cabeça, aturdido por olhá-la tão profundamente nos olhos.

— Olha o conde do Garencieres, estávamos falando de você.

Clare se afastou dele e se aproximou do outro homem. Gavin deixou cair os braços, vazios e ciumentos.

— Não, não é verdade.

— Ah...!

Ele a olhou sem se importar quem o observava. Não tinha gostado de fazer o papel de admirador quando ela o pediu, o que lhe havia gostado era deixar de representá-lo.

— Do que estávamos falando? — seguiu Gavin — Ah, sim, de seus olhos.

O francês ficou diante dela.

— Se não soubesse já quem é, mesmo assim saberia que é um traidor ignóbil a algum de dois bandos ou aos dois. A dama não deseja sua companhia.

Clare, atrás do conde, não quis olhar para Gavin.

— Já conseguistes o seu interesse, Clare. Faça o que quiser com ele.

Ele deu a volta e partiu sem olhar para trás, com medo de ver que estava tocando-a e que se importava.

Sempre tinha tido mulheres. Quando foi fazendo-se homem na corte do David, em cativo, e quando logo entrou no resplandecente círculo do rei Eduardo, sempre havia alguma mulher disposta a lhe ajudar a aliviar seus desejos. Não sabia se tinha sido por sua atitude, sua linhagem ou seu ar perigoso, mas não se importava. Nunca tinha tentado parecer o que não era: um bastardo sem terras e com sangue mesclado em que pese a sua linhagem real. Elas tampouco esperaram outra coisa.

Entretanto, essa mulher sim o esperava, desejava-o. O merecia. Merecia tudo o que ele pudesse lhe oferecer. Ele tinha reforçado seu coração contra a tentação que ela representava. Ela, depois de desprezar sua simples presença, era o suficientemente insensível para utilizá-lo para conseguir um homem que estava muito cego para ver o que podia ter. Se queria fazer ciúmes a esse homem, ele podia agradá-la. Possivelmente tivesse chegado o momento em que *demoiselle* Clare soubesse o que podia ser a paixão. Entretanto, isso podia ser perigoso para ambos.

Talvez seria preferível manter-se afastado.

Clare descobriu que os ciúmes podiam instigar a Alain. Era lhe gratificante que ele voltasse a ser importante. Inclusive, tinha aceitado levar o Wee One na caçada. Neil, o falcoeiro, tinha resmungado por sair em caça com a temporada tão avançada. Quase tinha chegado o momento de que os pássaros ficassem nos aviários para trocar as plumas, como todos os anos.

Organizar uma caçada para toda a torre era tão complicada como entrar em batalha. Todos tinham que cavalgar por ordem de categoria. Ela prestou muita atenção. Algum dia, sairia do chateau encabeçando as partidas de caça mais importantes, não como uma mulher qualquer com seu próprio falcão. Seu pai o entenderia algum dia, tinha que fazê-lo.

Fitzjohn se aproximou dela enquanto os cavalos enchiam o pátio.

— Observo que o conde desfruta derrotando a um rival. Abandonou-nos já há alguns dias.

Ela estava envergonhada por ter que reconhecê-lo. Era te degradante pensar que não ele não reagia por ela, mas sim por Fitzjohn, como se ela só fora um osso que disputavam dois cães.

— Talvez é que não saiba qual é a maneira adequada de tratar a uma dama.

— Só estou feliz por ter podido lhe ser de utilidade, Clare.

Ela deixou escapar uma gargalhada muito imprópria de uma dama.

— Nem sequer me aprecia.

Uma expressão muito estranha, entre zombadora e preocupada, refletiu-se no rosto dele.

— Senhora... Lhe aprecio muito. Só acredito que emprega o falcão equivocado. Necessita de um que goste de caçar tanto como você.

Ela colocou no lugar uma mecha de cabelo que se soltou.

— Está permitindo que as damas cacem.

— O que acontecerá a Alain se decidir um dia que não o poderá fazer?

— Ele não faria algo assim!

Entretanto, poderia fazê-lo, recordou-se a si mesmo.

Alain a chamou e ela se afastou em seu cavalo e respirou com tranquilidade quando saíram da torre. O ar da primavera fazia que voltasse a sentir-se como uma menina. Como teria podido esquecer-se? Tinha adorado essas colinas antes que sua mãe morrera e evaporasse toda sua felicidade infantil.

Os falcões voaram primeiro e perseguiram a suas presas no chão. Ela o entendia, mas nunca tinha concordado vê-los voar tão baixo que suas asas quase tocavam a erva. Um falcão capturava a sua presa no ar e algumas vezes voava tão alto que parecia que podia tocar Deus.

Alain cavalcou para seu lado, mas o olhar dela se desviou para o Fitzjohn. Montava como um guerreiro, fora de seu lugar em algo tão doméstico como uma partida de caça. A guerra que detestava tanto parecia acompanhá-lo sem que ele pudesse evitá-lo.

Um falcão capturou um coelho e os cavaleiros saíram atrás em galope. Ela, aborrecida desses voos ao mesmo nível do chão, aproximou-se do falcoeiro que levava os cabides e colocou a luva.

— Vou levar o Wee One — disse ela recolhendo o falcão encapuzado antes que ele pudesse dizer algo — Não demorarei muito.

Wee One bateu as asas como se estivesse contente por voltar para seu punho. Então, Clare esporeou a seu cavalo e galopou para o topo da colina, com o vento na cara quase riu pelo alívio quando perdeu de vista a partida de caça.

Ele a tinha desafiado para que cavalgasse pelas colinas até que o vento a deixasse sem respiração. A erva e as árvores ficaram atrás e ascendeu tanto que a neve cobriu o chão sob os cascos do cavalo. Freou um pouco a contra gosto. Havia pântanos e buracos e não queria que lhe acontecesse nada ao cavalo. Então, quando o vento na cara se apaziguou, ouviu os cascos de outro cavalo e olhou por cima do ombro.

Fitzjohn estava aproximando-se e seu enorme cavalo negro pisoteava a erva. Alcançou-a em seguida e lhe agarrou as rédeas, colocando-se a seu lado.

— Estão bem?

Então, deu-se conta de que ele tinha acreditado que seu cavalo tinha fugido. Tinha que lhe permitir que pensasse que tinha acontecido isso porque uma dama não se teria escapado sozinha como tinha feito ela.

Entretanto, esboçou um sorriso fruto do vento e da velocidade.

— Você disse isso que cavalgasse e gritasse às montanhas.

Por um instante, só com ele perto do topo, com o vento lhe varrendo o rosto e o cabelo, sentiu-se feliz por seu sorriso.

— Bom — disse ele depois de um momento —, as terras de Robson estão justo por trás da cúpula seguinte. Possivelmente seja preferível que fique deste lado do limite.

Ela suspirou. Queria seguir galopando como se pudesse voar, mas tinha que dominar essa tentação... e a dele. Olhou-o com uma expressão de advertência e freou um pouco mais o seu cavalo.

— Peça-lhe o mesmo. Alain não necessita mais de motivos para se sentir ciumento.

— Então, querer caçar? — perguntou-lhe com um tom de pena.

Clare assentiu com a cabeça. Wee One tinha esperado com paciência, mas estava faminta e ela tinha que voltar com uma presa para justificar sua ausência.

— Então, será melhor que voltemos. Os falcões e suas presas não sabem nada de limites.

Deram a volta e cavalgaram em silêncio até que chegaram a erva e os arbustos. Então, ele, sem dizer nada, indicou-lhe que procuraria algum

ave para que levantasse voo. Desmontou, o cavalo ficou quieto como lhe tinha ordenado, e ele rastejou para a erva daninha.

Ela tirou o capuz ao Wee One e levantou o punho. O pássaro soube o que se esperava dele. Ascendeu até que o vento levou o tinido de suas campainhas. Então, quando era uma mancha diminuta no céu, começou a dar voltas e esperou que seus ajudantes humanos lhe proporcionassem uma presa.

Fitzjohn rastejou para uns matagais onde tinha ouvido um pássaro. Deu umas palmadas e o pássaro saiu voando de seu esconderijo com a esperança de ficar a salvo desse homem. Sua agitação com as asas eram mais ruidosas que o a do falcão, mas o voo era quase tão veloz, e custou a Clare segui-lo.

Wee One caiu desceu rapidamente do céu e falhou. O pássaro voou tão depressa quanto pôde para o vale perseguido pelo falcão.

Fitzjohn voltou a montar e Clare segurou as rédeas para segui-lo. Então, ouviu algo por trás, como se também os seguisse. Olhou e lhe pareceu um falcão macho.

Clare deu um assobio que sempre usava para chamar Wee One. Foi inútil. Tinha desaparecido com o falcão macho que a estava cortejando.

— Assobia com muita força — comentou Fitzjohn —, mas pode estar muito longe para lhe ouvir.

Isso ela já sabia ela. Além disso, se Wee One tinha capturado o pássaro e tinha descoberto que podia dar um festim sem a ajuda dos humanos, para o macho seria fácil enrolá-la para que abandonasse os aviários e fosse livre.

Podia imaginar-se Neil, o falcoeiro, brigando com ela por ter perdido o ave, mas nunca brigaria tanto como brigaria ela a si mesma. Tinha infringido as regras e tinha originado um desastre.

Gavin assinalou para as colinas com o braço.

— Percorreremo-las em um sentido e logo voltarão — o tom paciente, sem um nenhum tipo de sarcasmo, surpreendeu Clare— Assim não deixaremos nada sem checar.

Ela vacilou, mas assentiu com a cabeça e o seguiu. Cavalgaram pelas colinas em todos os sentidos, enquanto o sol ascendia e o coração lhe afundava. Encontraria o caminho de volta Wee One? Queria encontrá-lo?

De vez em quando, paravam e ela assobiava, até que os lábios não puderam emitir um som audível para o pássaro.

Por fim, ela viu um ponto no céu que dava voltas lentamente. Detiveram-se e ela voltou a assobiar. O pássaro voou para eles até que Clare pôde por fim reconhecê-lo. Wee One voltava obedientemente.

O pulso não lhe desacelerou até que a teve no punho, encapuzada e atada à luva com as correias.

Encontraram um bosque de carvalhos, desmontaram para descansar e estenderam uma manta sobre o chão úmido. Clare, esgotada, atou ao Wee One para não perdê-la outra vez.

— Não deve ter capturado o pássaro — comentou Gavin — Senão teria partido faz tempo.

Clare sabia. Sabia que o pássaro só estava com ela para poder comer, mas também gostava de pensar que Wee One voltava por algo mais.

— O falcoeiro me advertiu centenas de vezes que não devia caçar sozinha porque poderia perdê-la.

— Pode perdê-la apesar de tudo.

Ela tentou conter o calafrio que lhe tinham produzido suas palavras.

— Não sei se fico com o grupo e faço o que me diz o falcoeiro.

— Crê que isso lhe protegerá?

— Sim.

Ela respondeu um pouco duvidosa, embora lhe pareceu ridículo nada mais dizê-lo. Entretanto, se fazia bem as coisas, se seguia as normas, estaria a salvo. Ninguém morreria. Ele pegou as suas mãos. Era uma sensação quente, de segurança. Até que ele falou.

— Clare — disse ele com uma sinceridade nos olhos que ela não tinha visto jamais— , tanto faz o que faça ou deixe de fazer. Nada garantirá que não vás perdê-la.

Ela retirou as mãos.

— Como que sabe?

— Acreditas que não perdi nada em minha vida?

— O que perdeste?

Foi uma pergunta irrefletida e se arrependeu assim que a fez.

— Meu pai. Minha infância. Meu país — respondeu ele com os olhos tristes.

Ela sentiu uma compaixão que não queria sentir. Não queria entender esse homem. Queria odiá-lo.

— Perdeste teu país? Abandonaste teu país.

— Afastaram-me de meu país.

— Mas logo desertaste de teu rei, ignoraste tua promessa de lealdade como cavalheiro.

— Então, crês que mereço meu destino?

— Sim! Se Deus não castigar aos malvados e proteger os virtuosos, como poderia alguém estar a salvo?

Ele apertou os lábios com força, possivelmente, para que não tremessem.

— O que podia fazer um menino de três anos que seja tão abominável que mereça a morte de seu pai?

Clare tragou saliva em silêncio. Ela tinha feito a mesma pergunta durante dez anos. Que preceito tinha quebrado para causar a morte de sua mãe?

Ela, ao menos, tinha conhecido a sua mãe querida, perfeita e formosa. Seu pai deve ter morrido antes que pudesse converter-se em uma lembrança. Entretanto, seu pai tinha sido um monstro.

— Seu pai morreu por sua própria perversidade, não pela tua.

Assombrosamente, ele recuperou sua máscara zombadora.

— Foi mais perverso que seu avô, o primeiro Eduardo, quem levou a Escócia ao desastre, executou William Wallace e, mesmo assim, viveu mais de sessenta primaveras?

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Não encontrou uma resposta. Muitas pessoas atrozess tinham vivido até ser muito maiores e outras muito boas tinham morrido jovens. Os intuitos de Deus eram inexplicáveis.

— Sinto muito — se desculpou ela.

— Por minha perda, pela tua ou por ter infringido alguma norma com sua descortesia? — perguntou-lhe ele com cautela.

— Porque foi criado sem pai.

A infância dela terminou com a morte de sua mãe. A dele também tinha sido tirada.

Ele se encolheu de ombros e olhou as nuvens que ameaçavam o céu espaçoso.

— Foi mas faz muito tempo.

— Me fale de sua mãe — Clare o tinha pedido muitas vezes, como se tomasse emprestadas as mães de outros para encher seu vazio — Devia ser doloroso.

Ele esboçou um sorriso muito leve.

— A família dela, meus tios, teriam se alegrado do verme morto. Inclusive se negaram a me treinar para a guerra, mas ela me protegeu como se fôssemos um reino de duas pessoas.

— Entretanto, mandou-te com o inimigo...

Como podia uma mãe fazer algo assim?

— Estávamos derrotados — o olhar sério lhe pediu compreensão — Tinham capturado ao rei David.

— Mas não devia ter mais que doze anos!

Ela era mais jovem inclusive quando partiu a França. Era a forma que tinha a nobreza de instruir a seus filhos.

— Maior para ser um pajem do rei — Gavin sorriu — Ela acreditou que fosse com David, aprenderia algo da gente de meu pai. Meus tios aceitaram. Esperaram que não voltasse. Nunca mais voltei para eles.

Ela tentou imaginar um menino diante de um rei, um tio que não tinha conhecido.

— O que disse o rei Eduardo quando soube quem eras?

Ele desviou o olhar para o sul, perdido entre as lembranças.

— Assim é você — respondeu Gavin.

— Mas te aceitou.

— Pôs-me de escudeiro com um de seus homens para que recuperasse o tempo perdido e me treinasse. Acreditou que eu estava contente em voltar para o “meu povo”.

— Não o estava?

— Não o disse dito claramente? Sou escocês e inglês. Tentava me colocar em um lado ou outro da fronteira.

Ele assinalou com o braço para o topo ainda coberto de neve que delimitava a fronteira invisível.

— Você foi quem a cruzou, quem escolheu.

Ele deixou cair os ombros e assentiu com a cabeça, com tristeza e sem deixar de olhar para as montanhas.

— Agora posso viver no mesmo limite, não?

Não a olhou para obter uma resposta que não tinha. Ela o observou em silêncio. A tristeza de seus olhos era mais antiga que a guerra, os sulcos de seu rosto existiram muito antes que começasse a lutar. O Fitzjohn que estava sentado a seu lado não era o homem que ela imaginou.

— Então, lamenta não haver ficado na Inglaterra?

Girou a cabeça para olhá-la, mas não disse nada, como se estivesse procurando uma resposta em seu rosto.

— Não — respondeu ele ao cabo de um momento — Não pude fazer nada com respeito a meu nascimento nem a minha infância, mas o último, voltar para aqui, foi minha decisão, para bem ou para mal.

O vento encheu o silêncio enquanto olhavam juntos para as montanhas com cúpulas nevadas, que começavam a ter tons marrons pela proximidade da primavera. Wee One bateu as asas para expressar sua vontade de voltar a voar.

— Desde quando a tem? — perguntou-lhe ele como se alegrasse de deixar para trás o passado.

— Três anos.

Ela sabia que era muito tempo. O correto era capturar um pássaro, adestrá-lo, caçar com ele uma temporada e deixá-lo livre.

— Sabe muito de falcoaria — acrescentou ela.

— O rei levou falcões com o exército quando fomos para a França. Assim, quando deixávamos de matar, podíamos ver como matavam os pássaros.

— Quando diz “o rei”, a que homem se refere? — perguntou ela com uma careta de desgosto.

Ele abriu a boca, mas o nome não brotou. Aliviada, notou que a fúria voltava a apropriar-se dela e reconstruía o muro entre eles. Esse homem tinha sido um cavalheiro esse dia e tinha compartilhado muitas coisas. Necessitava que continuasse sendo um vilão, porque se a luz e a escuridão podiam mesclar-se na alma dele, também poderia passar o mesmo na dela.

— Refere ao Eduardo da Inglaterra ou ao David de Escócia? — insistiu ela.

— Os dois gostam de muito de falcoaria.

— Entretanto, Fitzjohn, não se referia ao David, verdade? David nunca enfrentaria os franceses, nossos aliados.

— Não, me referia ao Eduardo.

Ela não percebeu vergonha em sua voz.

— Se refere a ele quando diz “rei”, então, Fitzjohn, acredito que ainda não é escocês.



Capítulo Oito

Essa noite, depois da caçada, seu pai, que tinha estado demasiadamente silencioso, e a chamou a seus aposentos.

— Hoje ficaste algum tempo a sós com o Fitzjohn. És infiel?

— Não! Segui o meu falcão e Fitzjohn acreditou que eu precisava de ajuda. Então, Wee One desapareceu e tivemos que procurá-lo.

Quando voltaram, ela notou algumas olhares de curiosidade e o ciúmes de Alain se converteu em uma fúria sombria, em vez da consideração lisonjeira de antes.

Seu pai arqueou as sobrancelhas como se esperasse que ela dissesse algo mais. Ela não disse. O sentimento de tentação, medo e desconfiança que esse homem tinha despertado nela não podia expressar-se com palavras, sobretudo, nesse momento, quando estava revestida de uma compreensão tão perigosa como seu beijo.

— Além disso, Alain não havia dito nada.

Já não era uma pergunta, mas ela negou com a cabeça.

— Não é um homem que se possa apressar.

— Não estou seguro de que seja um homem sequer, mas se for o que queres, dançarei em tuas bodas. Entretanto, se não quiseses ele, será o outro.

— Que outro?

— Fitzjohn! Esse touro de sangue ardente!

— Não está falando sério!

Teria ficado seu pai louco? Acaso seu intento de pôr ciúmes a Alain tinha dado uma idéia equivocada?

— Não? Está cheio de energia e vigor.

— Mas é meio inglês!

— Como a maioria das famílias destas terras fronteiriças. Não aprecio aos ingleses, fui seguidor do Bruce toda minha vida, como meu pai e o pai de meu pai — parou para tomar fôlego — Entretanto, lutamos por estas terras desde tempos mais remotos. Algum dia tem que acabar. Não sei como nem se viverei para vê-lo, mas até que chegue esse dia, necessitará de um homem forte e acordado que te mantenha a salvo. Um homem que possa cheirar o vento e cavalgar pelas correntes, como esses pássaros que você gosta tanto. Este homem é assim.

— Desonrar-me-á para proteger as terras? — perguntou ela com uma voz tão trêmula que quase não pôde dizer as palavras.

— Tenho que te proteger!

— Sem se importar quem sou nem o que sinto?

— Sentirá-se muito bem quando tiver acontecido.

— Nunca. Jamais com ele. Jamais com um homem que queimou toda essa gente!

Ele tinha jurado que não o tinha feito, mas ela não queria acreditá-lo. Era mais seguro que acreditasse que ele era um monstro.

— Fizesse-o ou não, acredita que nós não fizemos o mesmo ou coisas piores ao outro lado da fronteira? A guerra é um inferno, filha, e só os homens que se parecem podem odiar-se tanto.

Clare estremeceu. Tinha se lembrado muito de Gavin.

— Mas nós temos a razão de nossa parte, pai, não os homens como ele.

— Filha... — ele suspirou muito profundamente — Deus não fez um mundo tão singelo para a maioria de nós. Acabamos fazendo coisas que nunca pensamos que faríamos. Para sobreviver — deu uma palmada torpe no braço de sua filha — Para proteger a quem amo.

Ela mostrou sua desaprovação agitando uma mão.

— Eu não o farei — ela elevou uma prece pela blasfêmia de seu pai, que ficou sem orientação espiritual quando a peste matou o sacerdote da torre — Me concedeu até o Beltane, em primeiro de maio — o dia se

aproximava a toda velocidade — Mantenha sua palavra. Alain haverá dito algo até esse dia.

Tinha que dizê-lo ou a vida que se abatia sobre ela seria mais apavorante do que nunca se tinha temido.

Gavin foi à sala das armas naquela noite para refugiar-se no mundo que conhecia. A guerra, as armas, a morte. O barão lhe havia dito que as mantivesse afiadas e no ponto. A paz era provisória, sobretudo, para um homem como ele. Não duraria mais que a paciência de lorde Douglas ou o gênio do rei Eduardo... ou a tolerância de Clare.

Entretanto, no momento, as armas descansavam em paz. Tomou uma espada e passou o dedo pelo fio para apreciar as rachaduras muito leves, as que não podiam ver-se à tênue luz da tocha. O sangue oxidava as armas mais que a água.

Uns passos ligeiros subiram pelas escadas e pararam diante da porta. Era Clare. Olharam-se nos olhos. Será que ela tinha sorrido? Ou tão somente tinha sido um efeito da chama de sua vela.

As poucas horas de sinceridade que viveram juntos nas montanhas tinham acabado bruscamente. Não a havia tocado e, mesmo assim, ela lhe fechou a porta, separou-o de si e o devolveu ao papel que conhecia muito bem. Um mau filho de um pai pior.

Ali podia censurá-lo sem risco e sentir-se tentada por ele sem manifestá-lo, perguntar-se o que sabia sobre essa maldade e se ele gostava.

Era uma pergunta que ele responderia com muito prazer.

— O que lhe traz por aqui tão tarde, lady Clare?

— Fui aos aviários.

— Despertastes aos pássaros?

Foi uma pergunta absurda, uma maneira de mantê-la perto. Ela teve a delicadeza de sorrir, mas não se aproximou.

— O falcão macho voltou e o expulsei.

Ele voltou a deixar a espada em sua bainha.

— Não vai resignar-se.

Ele tampouco. Tinha cavalgado o dia todo ao lado dela e se comportou com toda a nobreza que se podia esperar. Entretanto, nesse momento, o aroma delicado e penetrante dela penetrou através da habitação. Agarrou-a por um braço e apagou a vela antes que ela pudesse afastar-se. À luz da tocha era mais difícil ver a repulsão em seu olhar.

— Está escuro — sussurrou ele — Seu francês foi dormir e ninguém pode nos ver. Vou lhe beijar — apertou a sua cintura com os braços, pegou o seu bumbum com as mãos e a puxou para si — Verás como são leves esses limites quando os ultrapassas.

Beijou-a nos lábios e os limites se evaporaram.

Algo reagiu em seu ventre e despertou tudo o que ela tinha tentado sufocar. Agarrou-se os seus ombros, embora tentasse explicar-se que só o fazia para manter o equilíbrio, mas era porque desejava algo que tinha desencadeado o beijo. Algo que lhe permitiria voar, abandonar o chão. Os limites, as fronteiras e as normas foram fazendo-se cada vez menores, até que deixou de as ver.

Jogou-se de repente contra a parede e voltou para a terra com barulho. Deu-lhe uma bofetada. Cambaleou um pouco, com uma mecha solta sobre a frente e o empurrou com a outra mão.

Ele não resistiu.

— Demonstrate-o — boquiaberta, tinha a respiração entrecortada e o coração acelerado — Não pudestes fingir que és um cavalheiro durante muito mais tempo que uma tarde.

Ele acariciou a sua bochecha, mas com seu meio sorriso não titubeou.

— Sei o que te aborrece. Ouve os galanteios para Euphemia e vê seu pai e essa mulher rirem a todo momento, mas vocês continua esperando esse francês.

— Comporto-me como deve se comportar uma mulher decente.

Entretanto, quando ele a havia beijado se esqueceu de tudo o que deveria saber uma mulher decente e só quis acasalar-se como um animal. O pior era que ele sabia.

— Os anos estão passando, Clare — ele sacudiu a cabeça — O tempo voa mais depressa que um falcão.

Ele não deu um passo, mas ela o desejou. Nenhum homem a tinha tratado assim, como se fora uma mulher a que desejava com toda sua alma. Se não o detinha, tampouco poderia deter-se si mesmo. Tomou fôlego e disse a calúnia mais ofensiva que lhe ocorreu.

— Incendiário.

O sorriso dele titubeou.

— Vá, comprovo que minha cortesia cavalheiresca não lhes enganou absolutamente. Perguntou-me por minha honra como cavalheiro se fiz essas coisas e lhe respondi que não. Entretanto, não foi suficiente, não é verdade?

Ela negou com a cabeça. Não queria acreditar.

— Prometeu servir ao rei Eduardo e o descumpristes. Por que ia acreditar em algo que me disse?

Ele assentiu com a cabeça, como se tivesse esperando.

— Por isso não me preocupo nunca por minha reputação. As pessoas acreditam o que quiserem. É muito mais fácil que adivinhar a verdade.

Ele se inclinou para ela, mas não o fez com a sedução provocadora de antes.

— Considere-me o que quiser, minha senhora. Me considere uma ameaça para o país. Acredite que qualquer escocês que me olhe com receio, homem, mulher ou menino, pode contar com que o queimarei.

Ela cruzou os braços como se isso pudesse mantê-lo longe. Seu rosto, marcado pela raiva, era o rosto de um homem que poderia ter feito essas coisas e poderia fazê-las outra vez.

— Sim, recuam, senhora, porque dormimos sob o mesmo teto e isso vai manter lhes em vigília todas as noites.

Ele deteve-se como se quisesse recompor-se. A raiva se desvaneceu de seus olhos e recuperou o sorriso. Ele alargou a mão, acariciou-lhe a orelha, passou-lhe os dedos pelo pescoço e ela o permitiu.

— Acaso tenho algo mais que lhe mantenha em vigília?

Ela afastou a mão.

— Nada em você me mantém em vigília, Fitzjohn, salvo rezar para que você parta logo.

Entretanto, soube que não era verdade enquanto subia correndo as escadas. Manteria-se em vigília noite após noite. Além disso, com esse beijo, estava começando a dar-se conta do motivo.

Ele golpeou a mesa com a mão quando ela partiu. Tinha algo por baixo dessa superfície gélida que o atraía como não o tinha atraído em outra mulher. Esse era não era o momento certo para sentir-se tentado e ela era a mulher equivocada para tentá-lo.

— Ofereci-te minha hospitalidade, não me estrague os móveis.

Ele, sobressaltado, deu a volta e viu o ancião apoiado no marco da porta.

— O que faz aqui?

— Desfrutar de uma noite de primavera.

— Pediu-me que tivesse com as armas prontas e estou fazendo-o.

Não necessito de sua supervisão.

— Trocastes algumas palavras com minha filha.

Ele se perguntou quantas palavras teria ouvido.

— Algumas.

— Não gosta dela? — afirmou o barão.

— Bom, é um sentimento mútuo.

— De verdade? — o barão sorriu — Então, enganaste-me.

Gavin esperou que não o tivesse visto ruborizar-se na escuridão.

— Não nos entendemos. Somos muito diferentes.

— Não é o que me parece. Vejo-te como um concorrente.

— A que? — perguntou Gavin fumando.

— Deixei-te entrar e te deixei ficar inclusive depois de saber quem és. Pareço-te um tolo?

Ouviu-se uma gargalhada sincera. O barão era inteligente como poucos.

— Não, senhor.

— Trato-te como a um idiota covarde?

Ele esteve tentado a responder que sim para provocá-lo.

— Não, senhor, não o faz.

O barão entrou e se sentou em um banco com as costas apoiadas na mesa.

— Mesmo assim, abri-te a porta e te deixei entrar em minha fortaleza quando a maioria dos homens teria te matado sem ver mais nada. O que acredita que significa isso, Fitzjohn?

— Por que não me dizem isso você?

— Eu gostaria que fizesse uma coisa.

Deveria haver um motivo oculto. Ninguém o aceitaria por si mesmo.

— Quer que roube mais gado?

— Não — respondeu ele entre risadas.

— Então, diga-me o que é e eu lhe direi se estou disposto a fazê-lo.

— Se case! Tenha filhos!

Um calafrio lhe percorreu todas as costas. Viu o sorriso do ancião e teve uma visão como um brilho.

— Morreria — replicou com a boca aberta.

— Certamente, mas antes, se case com Clare!

Não disse nada, mas tampouco pôde dissimular a surpresa. O barão voltou a rir.

— Surpreende-se?

Que se casasse com uma mulher que o odiava com toda sua alma, ficara louco?

— O que te parece?

O barão se inclinou para diante com a expressão séria, como se lhe preocupasse sinceramente que Gavin importasse se um pouquinho com sua idéia. Não queria enganar o ancião, mas era impossível. Clare não participaria daquilo. E ele? Podia oferecer pouco a uma mulher e esperar menos. Quando abandonou Eduardo, afastou-se de tudo exceto do que sua espada e seu braço pudessem lhe proporcionar.

— Elaborastes um plano muito interessante.

— Plano? — perguntou o barão num tom irado — Estou falando de continuar o nome dos Carr. De ter netos para que não se perca meu sangue e que minha terra não acabe em mãos de algum adulator que escova o cavalo de lorde Douglas! — exclamou o ancião completamente sério.

— Para consegui-lo, estás disposto a mesclar teu sangue com a de um incendiário de Igrejas?

Clare não acreditou na verdade, e seu pai? Ele o olhou de soslaio.

— Sobe ao piso da família. Observa essa mulher e logo decidiremos.

O pulso do Gavin se acelerou por Clare, não por uns lençóis limpos.

— Clare está de acordo?

— Estará — o barão olhou para outro lado — O estará.

— Ela não sabe — o beijo que lhe tinha dado a tinha assustado, não tentado — Que saco toda essa separação, além de uma esposa que não quer um verme na mesma casa que ela?

— A torre. A terra. O dinheiro que eu tenho quando morrer.

Entretanto, nada disso despertava seu desejo. Queria um lar, um refúgio que não fosse provisório, a não ser permanente. Algo que não tinha podido imaginar nunca. Aplacou a esperança, temeroso de que crescesse muito.

— Prometem coisas que não podem oferecer. Nunca conheci um escocês que possa entregar suas posses.

Ele esboçou um sorriso torcido.

— Quando meu filho morreu depois da batalha de Naville's Cross, lorde Douglas, em um arrebatamento sentimental que não tornou a ter, disse-me que se Clare tivesse um marido antes que David Bruce voltasse de seu cativeiro, ele, Douglas, aceitaria qualquer homem que eu escolhesse para possuir a torre de Carr.

Clare nunca tinha falado de um irmão.

— David está a dez anos na Inglaterra.

— Acredito que lorde Douglas nunca pensou que passaria tanto tempo fora.

— Por que eu?

— Porque me cai bem — ele sorriu — Além disso, acredito que virá bem a ela e às terras.

Era tentador. Estava muito tentado e muito temeroso de acreditar-lhe. — Os homens perigosos não precisam pensar muito.

— Eu pensarei.

O barão podia trocar de opinião.

Os homens perigosos não precisam pensar muito.

Eram as mesmas palavras que ele tinha dirigido ao barão fazia muitos noites. Nesse momento, estava envenenando-o igualmente.

— Agora. Decide-o esta noite.

Ter um lar na terra onde tinha nascido compensava qualquer esposa endiabrada que tivesse que suportar.

— Mesmo assim, ela poderia escolher ao conde.

Não acreditava que o francês fosse pedir a mão de Clare, mas podia estar equivocado.

Carr bufou.

— Acredita que se a cortejasse, ela escolheria a esse francês covarde?

— Não, senhor!

Ele podia lhe oferecer coisas que o outro homem nunca poderia lhe oferecer... se ela era capaz de as distinguir.

— Já sei que escolhi o homem indicado — Carr lhe estendeu a mão, olharam-se aos olhos e os estreitaram — Me escute. Tem que tratá-la bem. Uma vez que tenha estado com ela, se alguma vez for com outra, matarei o com minhas mãos.

Uma advertência curiosa. Gavin se perguntou quando se deitou com Murine a primeira vez e se ele estava condenando-se a si mesmo a uma vida de castidade.

— Sei que ela pode parecer delicada — seguiu o barão — , mas está dura como o aço e umas qualidades melhores que a da maioria dos homens — limpou a garganta — Como estava sua mãe antes da idade dela.

Além disso, pensou Gavin, estava tão perto da virtude como podia está-lo esse velho descarado ou ele.

— Não se diz que só o céu sabe com quem vai se casar uma pessoa? Se ele, se casava com ela, podia acabar no inferno.



Capítulo Nove

Na noite seguinte, foi mudou-se para uma habitação que dava para o sul no alto da torre. Angus levou a sua bolsa, embora não fosse necessário. Só possuía o que um homem podia levar.

— Onde dormem os outros?

— A senhora Clare, em frente. O conde... — Angus enrugou o nariz— ali.

— E o barão?

Angus assinalou com a cabeça para uma porta fechada no lado do oeste.

— Mas, conforme me contaram, não dorme muito ali.

Gavin assentiu com a cabeça. Todo mundo sabia que passava tantas noites na casita do Murine como em sua própria cama.

— Obrigado, Angus. Pode se retirar.

Gavin foi até a janela e olhou para a Inglaterra. Estava ali, em algum lugar. Uma dessas montanhas era Escócia, e a seguinte, coberta com a mesma neve que se derretia, era a Inglaterra. Entretanto, como sabia um homem que tinha transpassado o limite? Nenhum muro ou perto assinalava a fronteira. Caiu à escuridão e o limite que procurava deixou de ver-se, se tinha visto alguma vez.

Abandonou bruscamente a janela. Se a ia cortejar, seria melhor que começasse.

A porta de Clare estava entreaberta e oferecia uma visão irresistível de seu quarto privado na torre. A tapeçaria vermelha e dourada que esteve a ponto de destroçar tampava um arca aos pés de sua cama. Uma chaleira com água e lavanda sobre o fogo da chaminé

perfumava o ambiente. Era uma visão muito íntima, mais íntima que um beijo, como se vislumbrasse suas esperanças e seus sonhos. Abriu a porta com muito cuidado. Ela, ainda estava acordada, estava sentada na cama costurando o capuz do falcão. Ficou impressionado por todas as vezes que imaginou deitar-se com ela. O cabelo loiro, sempre recolhido em uma trança às costas, caía livre sobre seus ombros e seus peitos. Era loiro, mas não com o tom dourado como o sol da dinastia real. Suas mechas resplandeciam como pedaços de gelo à luz da lua.

Ouviram-se as risadas do barão e de sua mulher por trás da porta do fundo do vestíbulo. Por as ouvir, ela levantou a cabeça com o cenho franzido. Então, seus olhares se encontraram. Ela separou os lábios pela surpresa e conteve o fôlego, como ele.

— É uma visão maravilhosa, senhora.

Gavin ficou assombrado que as palavras lhe saíssem com tanta calma, quando tinha o coração acelerado. Ela se tampou com os lençóis, embora já tinha os peitos tampados com a camisola e a cabelo.

— Saia.

— Durmo aqui, não sabia? Seu pai me pediu que me mudasse aqui para acima, perto de você.

— Me disse isso — reconheceu ela com um suspiro.

— Não se preocupe, não vou esquentar-lhe na sua cama.

Ela ficou rígida e ele lamentou havê-lo dito. Entretanto, olhou-o por um momento e suavizou o gesto antes de falar.

— Não — replicou ela — , não o fará.

Ficou surpreso. Em que pese tudo o que lhe tinha chamado e a sua desconfiança, tinha mais fé em sua bondade que ele mesmo? Ou estaria limitando-se a rechaçá-lo com outras palavras?

Deixou de lado o desejo para seguir com essa delicadeza. Se ia casar com ele, coisa que duvidava, não devia lhe recordar o pouco que se parecia com os cavalheiros de seus sonhos, nem pensar do que tinha feito na guerra. Tinha que falar de prazeres inofensivos e refinados. Apoiou-se no marco da porta, mas não se aproximou.

— Está muito formosa sentada aí— disse com uma voz rouca por uma emoção que preferia não sentir — Como uma juvenzinha antes de rezar e deitar-se sem nenhuma preocupação. Tem alguma preocupação?

— Nenhuma que vá lhe contar — respondeu ela sem rastro da delicadeza anterior.

Entretanto, ele sabia que tinha preocupações. Procurava a perfeição conforme as normas que os outros tinham ditado. Um fim impossível.

— Deveria ser tão feliz e despreocupada como quando fora pequena e só lhe preocupava encontrar ovos de galinha.

Desejava-o por ela ou por ele mesmo?

— Nunca fui assim, nem de menina. Minha mãe morreu quando eu tinha oito anos.

Ele piscou. Tinham esse lastro em comum. Ele era um filho sem pai e ela uma filha sem mãe.

— Então, deveria esquecer suas preocupações e atuar como atuaria essa menina.

Ela fechou os olhos e enrugou os lábios como se resistisse à idéia. Então, olhou-o e deixou de lado o pequeno capuz de couro com gesto expressivo.

— Fitzjohn, seu atrativo é muito limitado, não o esbanje comigo.

Ele não se alterou.

— Você, não disse isso ao seu pai? Vamos nos casar.

— Embora as idéias desprezíveis de meu pai, não sou seu futuro. Sou algo mais que um corpo para transmitir suas terras, seu sangue e seus netos. Além disso, não me interessa.

Fora o que fosse o que lhe havia dito seu pai, não lhe tinha facilitado o cortejo.

— Interesse-lhe ou não, sou o que vai receber.

— Não enquanto possa respirar.

— Tem uma oferta melhor? — foi uma pergunta desalmada, mas a fez.

Ela levantou o queixo com um orgulho feroz.

— Já sabe a resposta.

— Então, como podem recusar a minha mão e meu coração? — perguntou ele com certo tom zombador.

— Não tem coração, Fitzjohn.

Ele desejou que fosse verdade.

— Difamam-me, senhora — replicou sem deixar de sorrir.

— Não acredito. Interessa-me um homem que se interesse em mim, não só em meu corpo e minhas posses.

Uns sonhos ingênuos para alguém que desejava um trato cortês.

— Se quer ser uma dama, isso é tudo o que lhe parecerá interessante a um marido. Entretanto, se casar comigo, todo mundo dirá que seu desalmado pai lhe casou com um bastardo incendiário e tanto faz o que digam ou o que pensem sorriu ao pensar nas noites — Todas as manhãs despertará com um sorriso.

Uma expressão lhe cruzou rapidamente o rosto e desapareceu. A ele lhe pareceu aidez.

— Lisonjeia-se a você mesmo com essa fantasia, Fitzjohn. Não sou uma donzela afetada que necessite de um braço forte e de um galo mais forte ainda.

O sorriso dele ficou petrificado pela surpresa.

— Acreditava que não conhecia essa palavra, não é verdade? — dessa vez foi ela que sorriu.

— Bom, são é mulher cheia de surpresas.

Gostava dessa Clare, a que não tinha medo de dizer o que pensava.

— Sou uma mulher competente, inteligente e com um físico aceitável.

Ela, entretanto, disse-o como se quisesse convencer-se a si mesmo, não a ele.

— Sim, Clare.

Era muito mais. Era formosa e severa, com uns olhos tão intensos e penetrantes como os de seu falcão. Também estava sem falar nada. Ela levantou o queixo e ele notou que tinha as maçãs do rosto ruborizadas.

— Apague esse sorriso, Fitzjohn. Nunca serei sua.

— “Nunca” é uma palavra perigosa.

— Não foste escolhido à luz. Tivestes uma atadura nos olhos, Fitzjohn, cego como um de meus pássaros, que se conforma com sua ignorância sempre que não vê o que o rodeia. Seja o que for o que lhe prometeu meu pai, não o terá porque eu não participo do trato.

Ele tentou parecer ofendido, embora não deixou de sorrir.

— O francês é tão melhor assim?

O olhar dela indicou que era uma pergunta que não merecia resposta.

— Escolhi o homem com que posso compartilhar minha vida... — ela se atropelou com as palavras— e a mim mesma.

Nenhuma mulher e muito poucos homens podiam escolher suas vidas. Entretanto, ela queria escolher a quem dar a sua mão. Ela tinha que conseguir que ele escolhesse a sua.

— Então, me falem desse modelo de perfeição com quem quer casar.

— Não se parece nada a você.

— Dói-me profundamente que diga isso, quando me conhece muito pouco.

— Conheço o suficiente.

Ela, como todos eles, sabia tudo o que precisava saber. Além disso, sua opinião seria pior se soubesse tudo.

— Então, me fale do conde do Garencieres. Me digam por que é seu homem ideal.

— É admirado por suas maneiras, sua gentileza e seu valor e destreza no campo de batalha. É um cavalheiro que aprecia a arte e a literatura, e conhece a elegância da corte.

Ele apertou a mandíbula para conter uma onda de amargura. Seu nascimento e seu sangue o tinham privado de parte disso. O resto se esfumou com a guerra. Entretanto, o francês seguia como intacto por todos os espantos que tinha visto. Era invejável, embora só fosse por isso.

— Além disso, entende o que é a vida em comum e sabe rir com os outros — seguiu ela ante o silêncio dele.

— Como muitos outros homens.

Ela comprovaria, para sua desdita, que o conde não era um deles. A que parecia, estava tão cega como ele, mas não podia dizer-lhe — Ela se levantou da cama e seguiu a seqüência de elogios enquanto se aproximava dele.

— O homem com que me case reconhecerá que faço a melhor cerveja deste lado do Jedburgh.

Ele acelerou o coração enquanto tentava distinguir suas formas debaixo da camisola de dormir. Quem dormia com uma roupa assim? O que temia? A ele, naturalmente... ou seria a si mesmo? Ela seguia sorrindo com o queixo levantado e a cabeça inclinada.

— Também dançará comigo à luz das estrelas — o sorriso dela estava melancólico como se falasse consigo mesma — Seguirá os falcões a meu lado e cavalgará tão depressa como o vôo de um pássaro.

Tinha sido ele quem a tinha instigado para que cavalgasse livremente, mas ela amarrou a língua tão forte como o falcoeiro amarrava o falcão. Resplandecia como um anjo espectral na penumbra. A camisola branca, a pele branca, o cabelo branco... Poderia resplandecer inclusive na escuridão mais absoluta. Então, olhou-o nos olhos como se houvesse voltado a si.

— Eu serei a melhor esposa que um homem pode esperar para esse homem, para o homem adequado. Você não o é nem nunca o será.

Ela já tinha chegado até a porta e sorria como se o tivesse derrotado. Ele só queria derrubá-la nessa cama vazia até que descobrisse os seus segredos e aceitasse os dele.

— A próxima lua nova será a festa do Beltane, dancem comigo então.

Pareceu-lhe ver uma resposta em seus olhos, uma suspeita de desejo que lhe deu esperanças.

Tomou com delicadeza os braços para que não se afastasse.

— Dançaremos sob as estrelas, rezaremos para que volte o verão e acenderemos fogueiras para nos certificar de que vai acontecer.

Gavin, face à penumbra, deu-se conta que ela tinha ficado pálida e de que ao falar de fogo voltava a ser um vilão.

— Não se preocupe — seguiu ele com um sorriso que o protegia — Nunca invado a cama de quem é amável comigo. Será amável comigo, não é verdade, senhora?

Ela retrocedeu e o deixou com as mãos vazias.

— Serei amável se merecer, Fitzjohn. No momento, é muito pouco.

E fechou a porta no nariz dele. A gargalhada estrondosa dele com certeza que chegou aos ouvidos do barão e de sua mulher.

O falcão macho voltou para os aviários poucos dias depois e deixou um pouco de comida aos pés do Wee One. Clare o observou revoar por cima do cabide.

— Está lhe dando de comer — comentou ela.

— Está enrolando-a para consegui-la — replicou ele.

Ela o olhou penetrantemente, mas ele só se referia ao pássaro. Ali desfrutavam de uma trégua. Ela, a contra gosto, deixava que Fitzjohn lhe ajudasse a exercitar os pássaros. O falcoeiro necessitava de ajuda e Alain não mostrava interesse com seus próprios pássaros salvo quando saíam a caçar. A verdade era que Fitzjohn sabia tanto ou mais sobre os pássaros que Neil ou ela mesma.

— É possível? — perguntou ela — Aqui?

Ele negou com a cabeça.

— Como aprenderiam os pintinhos a voar e caçar?

Um pássaro capturado quando era livre já sabia essas coisas.

— Como os pássaros jovens que captura nos ninhos. Wee One era assim.

— Mas, ao menos, já lhe tinham ensinado a voar. Como poderia aprender aqui?

Ela olhou ao redor dos aviários e, subitamente, pareceram-lhe pequenas e escuras.

— É certo que um pássaro nasce sabendo voar.

— Não — replicou ele — Vi pintinhos que se cansar do ninho e não puderam voltar.

Pareceu-lhe que o mundo era um lugar perigoso.

— Então, possivelmente fosse preferível criá-los aqui, onde seus pais podem ensiná-los.

— De verdade pensa em criar falcões nos aviários? — perguntou-lhe ele com assombro e curiosidade.

Ao menos, poderia comentá-lo com ele. Alain e o falcoeiro consideravam essa idéia como uma heresia.

— Só me tinha perguntado se poderia fazer-se — respondeu ela.

— Por quê? É antinatural.

— Mais antinatural que lhes pedir que cacem conosco?

— Caçam por instinto.

— Bom, conforme me contaste, também procriam por instinto — replicou ela com um sorriso.

Ele riu com segurança.

— Entretanto, não o fazem — seguiu ela com a testa enrugada— por quê?

Ele encolheu de ombros com duvidas.

— Tente e o provará.

Ela sabia que não fazia é porque tinha que haver um motivo. Se o tentasse, seria um desastre. Mesmo assim, a idéia de que Wee One tivesse uma família era tranquilizadora. Os pássaros sempre voltavam para mesmo sítio para fazer os ninhos. Se ela cruzasse, essa seria sua casa, um lugar que não abandonaria nunca.

— Entretanto, preocupa-se com algo que não acontecerá nunca — disse ele lhe interrompendo os pensamentos — Nunca ouvi falar jamais de falcões que tenham procriado em aviários.

Entretanto, a idéia tinha enraizado profundamente em sua cabeça. A próxima vez que visse o falcão macho, ela fecharia a porta com o pássaro dentro. Pareceu-lhe que teria que ser igual de forma imperativa para que Alain se declarasse antes que o prazo se acabasse e seu pai voltasse a ameaçá-la com o Fitzjohn.

Encontrou o ovo a véspera de Beltane. Durante umas semanas, Wee One tinha ocupado uma prateleira no alto do aviário. O falcão macho e ela tinham enchido com ramos pequenos e ervas, mas nessa manhã, em vez de manter-se de pé, estava agachada na prateleira como se escondesse algo.

— O que é isso, Wee One? — perguntou-lhe Clare como se pudesse entendê-la — O que tem aí, carinho?

O pássaro bateu as asas ameaçadoramente para que Clare não se aproximasse, mas ela pôde vislumbrar o ovo marrom com bolinhas. As lágrimas lhe embargaram a garganta. Esse ser indômito, sua querida companheira, tinha encontrado a maneira de formar uma família. Tinha-o conseguido inclusive em cativeiro. Não como ela.

Tentou lembrar-se do que lhe havia dito Gavin sobre criar falcões. Depois de cruzar, demoravam semanas para pôr o ovo. Então, os dois já tinham cruzado antes que ela tentasse estimulá-los. Possivelmente foi o dia em que ela acreditou ter perdido o Wee One.

— Ah, por fim te encontro, *demoiselle*. Estou cansado da cerveja escocesa e esta noite gostaria de vinho. Podia servir um pouco no jantar.

Ao ouvir a voz de Alain, Wee One começou a bater as asas com violência e deixou escapar uns gritos agudos e furiosos.

— Olhe — sussurrou ela como se o falcão pudesse ouvi-la e entendê-la — Pôs um ovo.

Ele quase nem o olhou.

— Destrói-o, não se pode criar pássaros. Inclusive se os capturar muito jovens, são maus voadores.

— A este não o retirarão do ninho. Sua mãe o adestrará como um bom caçador.

— Não pensará o mesmo quando o pintinho gritar toda a noite e se negar a voar porque sabe que lhe dará de comer. O falcoeiro foi muito descuidado ao deixar que um macho lhe aproximasse tanto — ele se

encolheu de ombros como se todo esse assunto não lhe importasse — A mãe é muito pequena para ser uma boa caçadora.

Ela sentiu uma fúria que reafirmou sua vontade.

— O ovo está aqui e é dela. Não o tirarão.

— Faz como queira — replicou ele com um sorriso — Se não, como aprenderás? Entretanto, te prepares para a decepção.

Saíram dos aviários e Alain se afastou depois de lhe beijar a mão e lhe recordar que queria vinho.

Clare provou o que restava da barrica de vinho francês e estalou a língua. Alain reprovaria. Estava quase azedo. Além disso, tinha razão sobre o pássaro, claro. Gavin lhe havia dito o mesmo.

Era à tarde da véspera do Beltane e Clare se sentia inquieta e preguiçosa. Deixou os preparativos para Murine. A mãe de Clare, que tinha chegado da França, nunca entendeu esses ritos festivos e não pôde acostumar a sua filha. Sua mãe, como Alain, tinha sido uma estrangeira nessa terra. Ela não o era. Poderia sentir-se bem ali se não conseguisse convencer seu pai para que trocasse de opinião? Se Alain...

Deixou de lado essa idéia. Seu país seria a França. Seus pensamentos sombrios se deviam à ameaça da escuridão. De menina, se escondia entre as saias de sua mãe ao final do dia, quando as chaminés se apagavam. O que acontecia se não podia reavivar o fogo? O que acontecia se ficava sozinha toda a noite enorme e escura?

Já era maior para temer a escuridão, mas também para saber, melhor que antes, que acender um fogo sem uma chama era muito, muito difícil. O que aconteceria se a madeira não acendia? O que aconteceria se Alain não dizia nada? Então, ela o diria a ele, embora infringisse tudo o que tinha aprendido. Ele não sabia nada das exigências de seu pai. Quando o explicasse, entenderia por que não tinha podido esperar. Aliviada, percorreu a torre e as casitas para certificar-se de que todas as chaminés estavam apagadas. Os ramos de serbal em flor lhe fizeram sorrir. De menina, adorava as flores brancas junto às chaminés e nas soleiras das

casas para atrair boa sorte. Continuavam lhe encantando. Eram puras, limpas, imaculadas.

Estava anoitecendo e deixou a torre para trás para reunir-se aos outros enquanto caminhava para as fogueiras da colina. Seu coração se animou quando olhou para as ondulantes colinas. Logo, as ovelhas subiriam aos pastos mais altos e o verão teria começado. Entretanto, ela não estaria ali para vê-lo. Estaria de caminho a França.

No dia anterior, os homens tinham preparado os fossas para as duas fogueiras de Beltane. Voltavam a usá-los todos os anos, mas durante o inverno se enchiam de terra e erva. Nesse momento, recém escavados, estavam cheios de lenha seca. Nem sequer a tinham deixado de noite para que não se molhasse com o orvalho e não ardesse.

Lembrou-se de que em sua infância havia uma roda muito grande e muitos homens corriam juntos para fazê-la girar até que a fricção acendia o fogo que necessitava. Nesse momento, acender o fogo se converteu em uma tarefa individual, não comunitária. Os homens se alinhavam para competir, para ser o primeiro em acendê-la. Seu pai estava acostumado a ser o primeiro, o ganhador, mas tinha acabado por aceitar que suas mãos já estavam muito cansadas.

Alain lhe ofereceu o melhor assento e sacudiu a cabeça.

— Seria melhor um torneio para afinar a destreza no combate que um sacrilégio assim no mês dedicado à Virgem Maria.

Ela franziu o cenho.

— Mas o ganhador poderá escolher a mulher que quer de par para a noite. Eu pensei...

Ela mordeu o lábio. Tinha esperado poder ficar algum tempo a sós com Alain. Deu -lhe uma palmada na mão.

— Naturalmente, eu te acompanharei, à margem destes homens. Nenhum é digno de ti.

Então, assim que a fogueira se acendeu, ela o separaria dos outros.

Um a um, foram se escolhendo ao final ficaram nove. Quatro soldados e quatro camponeses. Ficava uma praça livre, até que Fitzjohn tomou assento. Ela sentiu um estremecimento. Foi porque lhe dava medo?

— Vá, acredito que vamos ver fogo muito em breve — disse Alain em voz alta, para que todos o ouvissem.

A multidão sussurrou. Segundo a superstição, se um homem não podia acender um fogo era porque sua alma estava manchada com um pecado. Todos sabiam já quem era. Embora sua incursão em terras dos Robson tinham convencido a alguns para que o aceitassem, outros seguiam sem convencer-se apesar do respaldo do barão.

Fitzjohn perderia em qualquer caso. Se acendia uma chama, demonstraria que era um incendiário. Se não, demonstraria o mesmo, que o pecado do fogo o perseguia.

Os olhos do Fitzjohn a encontraram e se detiveram nela. Seu sorriso, seu eterno sorriso, não titubeou.

Seu pai explicou as normas. Assim que o sol se ocultou pelo horizonte, ele daria o sinal para começar. O primeiro homem que acendesse fogo escolheria seu par para a noite.

Havia outra parte dessa festa que lhe aborrecia. Quase todos eram bons cristãos, mas alguns aproveitavam desse dia para tomar liberdades. De menina, sua mãe lhe tinha tapado os olhos com as mãos mais de uma vez para que não visse todo tipo de atos obscenos. Além disso, também tinha ouvido sussurrar que a primeira vez que seu pai ficou com o Murine foi no Beltane. Entretanto, alegrou-se em comprovar que Murine segurava com força Euphemia pelos ombros.

Clare, como todos, olhou para o topo mais afastado e escuro.

— Já! — bramou seu pai.

Não houve gritos de ânimo aos favoritos de cada um. Só se ouviu o murmúrio de dúzias de pessoas que continham o fôlego. Sempre acontecia o mesmo. Era um assunto sério, porque se não se acendia uma chama, não haveria fogo, não haveria luz nem calor.

Ela só olhou o Fitzjohn. Todos tinham um pau redondo que encaixava no buraco de uma tabela. Agachado sobre ela, pôs a bota no extremo da tabela para que não se movesse, colocou o pau no buraco e começou a girá-lo com as palmas das mãos. Umas lascas secas estavam preparadas para receber a faísca.

Ela conteve o fôlego. Uns fios de fumaça subiram de onde o pau se unia com a tabela, mas desapareceram. Gavin tinha a frente enrugada pela concentração, mas, ao contrário dos outros, em seu rosto não se refletia preocupação, sorria.

Um espiral de fumaça se elevou de sua tabela. Enquanto outros seguiam esfregando freneticamente seus paus, ele levantou a pequena chaleira que tinha recolhido as brasas e soprou dentro com delicadeza.

Outro homem, ao lado dele, emocionou-se tanto que soprou com força, perdeu as brasas entre a erva e teve que voltar ao começo. Gavin, entretanto, manteve as brasas na mão esquerda, pegou o molho de ervas secas e lascas e jogou as brasas em cima. Logo, soprou a erva com a delicadeza de uma pluma.

Todos pararam para olhá-lo ao saber que seria o primeiro. A erva seca resplandeceu e brotou uma chama.

Ouviram-se alguns aplausos e felicidades. Gavin se dirigiu à fogueira e aproximou a chama às madeiras da borda. Custaria-lhes arder.

Angus foi correndo até ele e lhe deu uma tocha empapada com resina de pinheiro, que arderia mais facilmente. Gavin, imóvel, olhou-a em silêncio e aproximou o molho de ervas ardendo. A tocha prendeu justo quando se consumiu o fogo do molho. Jogou a tocha dentro da fogueira e ficou um bom momento olhando as chamas antes de dar a volta.

— Muito bem, moço — disse o barão em voz alta, enquanto a multidão se dispersava — A quem quer de acompanhante para esta noite?

Ele piscou como se acabasse de despertar e levantou a cabeça.

— A Clare, naturalmente. Se ela me fizer à honra...



Capítulo Dez

Alain agarrou com força o braço dela. Gavin se aproximou, tomou a outra mão e a beijou.

— *Demoiselle...* — a saudou com um acento perfeito.

— Não a merece — interveio Alain com o rosto decomposto pela ira.

Os maneiras deliciosas de Gavin não se alteraram.

— *Au contraire, mon ami.* Se evitou o combate, não podem reclamar o troféu.

— Falaremos mais tarde — sussurrou ela a Alain, antes que ele partisse furioso.

Fitzjohn a pegou pela cintura com uma mão. O eloqüente sorriso do barão enquanto eles se afastavam era fruto de algo mais que a cerveja.

Ela soltou a mão de Fitzjohn.

— Alain e você falam de mim como se fosse um troféu, não uma pessoa.

— Queria ser a dama de um cavalheiro. Para um cavalheiro, ganhar uma dama ela é o símbolo de sua destreza. Participa do jogo do amor contra seus iguais, como no jogo da guerra.

— Acreditava que não considerava a guerra um jogo de cavalheiros.

— Não o faço — ele a olhou — Tampouco me parece isso o amor.

A fogueira iluminava seu rosto com luzes e sombras. Ela captou uma guerra em seu olhar, uma guerra entre o desejo de acreditar na bondade e a escuridão que sabia que aninhava em sua alma... e na dela.

Clare tentou evitar seu olhar, que sabia muitas coisas, mas a delicada mão em sua cintura voltou firme.

— Se quer jogar amor, não entendo por que me escolheste .

— De verdade?

Essas duas palavras continham todo um mundo. Expressavam mais que os desejos de seu pai, expressavam os desejos dele. Por um instante, ela quis conhecer seu coração. Não o que dizia a gente dele, a não ser os segredos que ninguém conhecia.

Não. Não os conheceria. Se o fizesse, lhe pediria os dela em troca.

— Sou uma dama, Fitzjohn, e você um descarado.

— Não posso fazer nada contra minhas origens.

— Não me refiro só a seus pais. É um maquinador que espera sair-se sempre com a sua sorte.

— Bom, isso demonstra que não me conhece bem. Ainda.

— Conheço-lhe suficientemente bem. Parece-me muito com meu pai.

— Obrigado pelo elogio, senhora. É um homem maravilhoso.

— Para você.

— Não o apreciam muito, não é verdade?

— Não desde que tinha oito anos.

Então, ela renunciou a ele... ou ele renunciou a ela. Quando sua mãe morreu, ele não a abraçou ou consolou a uma menina solitária e assustada. Mandou-a para o outro lado do mar com uns desconhecidos, meteu em sua cama outra mulher e sentou em seus joelhos outra menina.

— É uma decisão considerável para tomá-la tão depressa.

— Agora cresci e leva menos tempo. Julguei-lhe assim que vi esses frios olhos azuis.

Ela tinha vislumbrado uma mescla perigosa. Um brilho incrível que ocultava sombras tão escuras como as dela.

— Ao menos, acertou a cor.

— Disse que sabia julgar o caráter das pessoas — ela se separou dele para resistir à tentação — Lhe considero desumano e perigoso, e não quero ter nada que haver com você.

Ela tinha mentido e ele soube. Se aproximava muito, voltaria a desejar seu beijo.

— Querem um matrimônio que lhes proporcione dinheiro e uma mulher na cama, Fitzjohn. Eu quero mais. Quero viver longe de toda esta selvageria — da selvageria que levava dentro — Nem você nem meu pai apreciavam esse mundo.

— Fala muito do homem e da vida que quer. O que está disposta a dar nesse matrimônio de fantasia?

— Tudo, naturalmente. Entregaria-lhe tudo o que sou.

Ao menos, tudo o que um homem podia querer. Sempre se reservaria uma parte, a parte que tinha enterrado ou tinha tentado enterrar. Os desejos que se apropriavam dela a altas horas da noite, os que não podia saber nem um marido.

— Senhora, nem sequer sabe tudo o que é.

Os lábios dele se aproximaram muito e despertaram essas necessidades sombrias, essas sensações que não podia confessar jamais, nem sequer a si mesma. Alain não tinha despertado isso nunca. Com ele, estava a salvo.

Entretanto, não estava com Alain, estava com Gavin no Beltane, uma noite consagrada à fertilidade, e seu corpo queria dar essa resposta ancestral e pecaminosa. Se fechava os olhos, ficaria cega como um falcão que não podia temer o que não via? Baixou o olhar e se aproximou mais.

— *Demoiselle* Clare...

Afastou-se cambaleando ao ouvir a voz de Alain. O que tinha visto? Alisou a saia como se Fitzjohn lhe tivesse enrugado a roupa. Como se tivesse acontecido algo. Naturalmente, não tinha acontecido nada, mas o pior era que tinha desejado que acontecesse.

— *Demoiselle* Clare, acredito que já desperdiçaste bastante tempo com este homem. Vim te buscar.

— Sim. Sim, obrigado.

Ela tomou fôlego enquanto Alain a levava e não olhou para trás por medo de que Gavin pudesse chamá-la. O que estava disposta a dar? Estava

disposta a entregar-se a Alain. Uma dama não podia envenenar um homem, nunca podia fazer a pergunta, mas tinha que fazê-la.

— Alain, chegou o momento...

Ela se deteve e se apoiou em uma rocha. As fogueiras crepitavam no alto da colina. Estavam passando o gado entre as duas fogueiras para protegê-lo durante o ano seguinte.

— Há algumas... Eu estou...

Não podia expressar as palavras.

— *Chérie*, o que aconteceu? Importunou-te?

— Não. Não! Não é isso.

— Então, do que se trata? Posso fazer algo?

Acariciou-lhe a bochecha e a olhou nos olhos. Entretanto, ela não captou adiver e tentou sorrir.

— Tenho que dizer algumas coisas e não sei como começar.

— Por que é tão difícil quando falamos de tantos assuntos?

Tantas coisas... dele, de sua casa, de suas façanhas, de suas opiniões sobre falcoaria, de suas preferências com a comida... Tinham falado alguma vez dela? Não se recordava.

— Falamos que muitas coisas, Alain, mas nunca do futuro.

O rosto dele ficou inexpressivo, embora um pouco perturbado.

— O futuro?

— *L'advir* — respondeu ela com um sorriso — Planos, esperanças, sonhos... — ela baixou a cabeça — É muito complicado, não posso.

Ele levantou-lhe a cabeça com um dedo no queixo.

— Fala de *l'advir*, *chérie*.

Ela o olhou nos olhos. Eram sossegados, tranqüilizadores, sem arestas, sem dor. Sem paixão.

— Alain, eu gostaria que você falasse disso. Está aqui há mais de um ano. Conversamos, caminhamos e montamos a cavalo. Passamos tanto tempo juntos que cheguei a esperar, quer dizer, pensei que sentia algo por mim. Sente algo por mim?

Ele deixou cair à mão e se afastou.

— Claro.

Isso não ia bem. Era o cavalheiro que teria que estar de joelhos para lhe expressar sua veneração apaixonada.

— O que sente?

Ele a olhou como se ela fosse um cão que se urinou em sua perna. Possivelmente por amor, mas tinha feito algo impeciente e que o incomodava.

— Respeito. Admiração — ele encolheu de ombros.

Essas palavras estavam cheias de compaixão... Se dava conta do que ela estava fazendo?

— Nada mais?

— Mais?

— Isso é tudo o que sente?

— Sentir é uma palavra difícil de entender.

— *Tendresse*.

— O que sinto por ti é o adequado.

— Sente o suficiente para me pedir que seja sua esposa?

Ele piscou como um cervo que tinha visto o caçador lhe apontando com uma flecha, mas que não podia mover-se. Então, ela soube a resposta. Devia tê-la sabido quando a olhou nos olhos com delicadeza, mas distante, sem chegar a ver além da superfície. Não tinha notado a diferença até que Gavin Fitzjohn a arrasou com um olhar. Ele tossiu e limpou a garganta.

— Minha esposa...?

Perguntou-o como se não o tivesse exposto jamais. Como se ela fosse boba por havê-lo entendido mal. Entretanto, já não podia humilhar-se mais nem tinha nada a perder. Era a vez dele sofrer e retorcer-se de vergonha.

— Sim, sua esposa. Sabia que meu marido possuirá a torre e estas terras enquanto as possa defender?

— Mas, naturalmente, você sabe que tenho que voltar para a França.

Efetivamente, estava começando a desfrutar. Pressionaria-o, pressionaria aos dois até o amargo final.

— Sim, claro, a França é meu segundo país, como sabe.

— Há algo mais, uma aliança, minha família... — ele falou atropeladamente — O entenderá...

— *Une alliance* — sussurrou ela — Claro que sabia — ela se ergueu, incapaz de seguir suportando a vergonha — Só queria estar certa de que não havia mal-entendidos, de que você e eu...

Ela olhou o céu e desejou poder elevar-se tanto como um falcão. Logo, cairia sobre ele e lhe arrancaria os olhos com as garras. A idéia lhe deu força.

— Não pode haver mal-entendidos sobre nosso futuro porque meu pai...

— Ah, seu pai! — ele suspirou aliviado — Já entendo. Áspero, vulgar.

Seu querido pai cheio de boas intenções. Por acaso ruidoso e pouco refinado. Entretanto, Alain o estava desprezando com duas palavras.

— Sei que foi complicado noite detrás noite.

Seu querido e firme pai desejava tanto netos que teria deixado de lado suas dúvidas sobre o homem que queria sua filha com quanto que ele se deitasse com ela e os desse. Era amor, embora fosse de uma maneira estranha.

— Não quis te enganar — disse Alain — É doce, inteligente e distinguida. Além disso, seu comportamento foi perfeito e nunca indicou...

Quanto o tinha desejado ela. Quanto tinha desejado sacudi-lo e lhe dizer que a beijasse, que a amasse e que se casasse com ela. Entretanto, comportou-se perfeitamente por temor a perdê-lo. Mas o tinha perdido de todas formas.

— Me alegre muito de que tenhamos falado, Alain, e de que esteja de acordo em que não temos um futuro juntos. Teria sido muito incômodo que me pedisse que fosse sua esposa — não havia nenhum motivo para dissimular seus sentimentos nem para medir as palavras — Sou como o melhor falcão peregrino, necessito um falcoeiro digno de mim. Parece-me que você não passa de poder levar os cabides.

Deixou-o ali e se afastou com a cabeça muito alta e os olhos muito abertos, para que o vento lhe secasse as lágrimas antes que caíssem.

Os dias, os meses, desvaneceram-se sem sentido. Além disso, a culpa era dela, não dele. Não tinha tido uma mãe que lhe sussurrasse ao ouvido e lhe avisasse dos verdadeiros sentimentos dele. Tanto tempo tendo saudades de Alain e tinha sido tão estúpida de não dar-se conta de que não lhe interessava. Como podia confiar em si mesmo ao julgar um homem?

Tinha escurecido por completo. Os bailarinos ao redor das fogueiras projetavam sombras estranhas. Clare não podia suportar vê-los. Seu pai seguia o ritmo com o pé e Murine se encolhia a seu lado. Clare olhou para outro lado.

— Filha! — chamou-a.

Ela seguiu andando sem destino, mas ele a alcançou.

— Vi-te com Alain. Está arrumado?

Ela olhou para o céu sem lua e soube que choraria se olhasse seus olhos esperançados.

— Sim, está arrumado.

— De verdade? — perguntou ele com uma mescla de surpresa e decepção — Me surpreendeste, filha. Nunca pensei... Em realidade, tinha esperado...

Ela se voltou cheia de fúria. Já não sentia compreensão, nem compaixão. Se ele não a tivesse pressionado, ela não o teria perguntado nem haveria se sentido tão humilhada.

— O que tinha esperado? Que tivesse preferido a um bastardo incendiário a um dos cavalheiros mais refinados do reino? Pois não. Entretanto, sim comprovei que esse cavaleiro não me prefere— a ira lhe agarrou na garganta, mas não soube se estava dirigida para seu pai, Alain ou ela mesma — fui uma idiota que esteve tendo saudades de um homem que só estava passando um momento comigo para não aborrecer-se. Além disso, eu, como uma idiota, não me dei conta.

— O que está dizendo, pequena?

— Estou dizendo que Alain não será meu marido nem quis sê-lo nunca.

A ira desencaixou o rosto de seu pai.

— Matarei-o.

Ela o agarrou pelas toscas mangas.

— Não, não o fará. Não permitirei que piore as coisas.

Ele a abraçou e ela sentiu a lâ áspera em sua bochecha.

— Sinto muito, pequena.

Ela mordeu o lábio para conter as lágrimas. Nunca tinha sido tão carinhoso com ela.

— Não o sinta, por favor. Posso suportá-lo.

Ele se apartou e ficou muito reto.

— Então, será o outro.

— Não pode dizê-lo de verdade.

Ela tinha rezado para que Fitzjohn fosse só uma ameaça, uma maneira de obrigar Alain a fazer algo. Clare assinalou com as mãos aos homens e mulheres que dançavam ruidosamente ao redor do fogo.

— Nunca o aceitarão como seu senhor — assegurou ela.

— Entrarão em consenso.

— Eu, não.

— Fará-o se eu o digo. Acaso não tem consideração por seu pai?

— Terei a mesma consideração que você tem por mim. O que acontece coma minha vontade?

Alain, Fitzjohn, seu pai... Para eles só era um meio para conseguir um fim.

— Basta. Será o outro. Te prepare. Vou dizer a ele.

— Não. Espera — ela ficou surpreendida de sua tranquilidade e firmeza.

Aturdida pelo golpe, não tinha se dado na conta do que significava o rechaço de Alain. Estava presa nesse deserto montanhoso. Podia opor-se a seu pai, mas ele escolheria outro homem, a um desconhecido que possivelmente nem sequer fosse um cavalheiro, a alguém com muita força

e poucos maneiras quem, possivelmente, nem sequer tivesse saído daquelas montanhas. Fitzjohn, ao menos, sabia muito de falcoaria.

— Eu vou ser sua esposa — ela respirou pela primeira vez com tranquilidade depois da traição de Alain — Eu o direi.

Queria ver os olhos do Gavin quando se inteirasse de seu destino. Esperava poder confiar no que visse.

— Vá rápido, filha.

Uma vez acesas as fogueiras, deixavam que os meninos menores praticassem com paus e pranchas para que algum dia pudessem competir. Encontrou Gavin com o Angus agachado em cima de uma tabela. Gavin lhe guiava as mãos para lhe ensinar a girar o pau com suavidade.

Ele levantou a cabeça e a olhou nos olhos. Captava possivelmente um brilho de esperança neles? Não teve certeza.

— Tenho que falar com você.

Deu a volta, convencida de que ele a seguiria.



Capítulo Onze

Clare acendeu uma pequena tocha na fogueira e, em silêncio, levou-o ladeira abaixo até que chegaram às muralhas da torre. Por trás tinham ficado as fogueiras e a festa.

— Querias ver-me, senhora?

Ela colocou a tocha de forma que não lhe gotejasse nos dedos.

— Pode me chamar de Clare, Gavin.

— Por que me concede semelhante privilégio? — perguntou-lhe ele com as sobrancelhas arqueadas.

— Será meu marido. Acredito que um marido pode chamar a sua esposa como quer.

— Um marido?

Seu sorriso se esfumou e seu olhar foi tão penetrante como a de um falcão sobre sua presa.

— Efetivamente. Ganhaste-te esse troféu. Recebeste o louro da mão da dama — ela riu para não chorar — Em realidade, recebeste a mão da dama... e tudo o que a acompanha.

Seus olhos, à luz da tocha, refletiram todas as impressões tão depressa que ela não pôde as distinguir.

Incredulidade? Desejo? Assombro? Alegria?

Tomou a mão vazia, inclinou-se e a beijou.

— O que o conde perdeu, ganhei-o eu.

Ela retirou bruscamente a mão porque não suportava recordara rejeição de Alain.

— Naturalmente, ganhaste algo mais que minha mão: a torre e as terras se as podes defender.

Não deixava de falar para mantê-lo à distância, para não pensar nele. Se não, seriam um homem e uma mulher na escuridão, que pensavam no que podiam fazer um marido e sua esposa.

— Escolheste um lado da fronteira — seguiu ela — Agora, tens que mantê-la onde está. Não te equivoques, os ingleses, que estão ao outro lado daquela cúpula, farão tudo o que possam para deslocá-la. Empurrarão-a reine David, Eduardo, Robert, Williams, James ou Matilda da Noruega. Tem em conta porque, em definitivo, manter esta fronteira será muito mais importante que me manter a mim.

A cortesã refinada de repente se transformou no guerreiro sombrio que conheceu o primeiro dia nas montanhas.

— Manterei-a — afirmou com firmeza.

Quando o olhou nos olhos, ela viu um sentimento que reconheceu: entusiasmo. Então, compreendeu-o. Seu ímpeto ia dirigido à Escócia, não a ela. Deu a volta.

— Muito bem. Posto que se que casa por isso. Tem minha mão, mas será a única coisa que terá de mim.

Gavin tragou a saliva, sem poder falar, pensando nela, em um lar, em tudo o que mais tinha desejado ao alcance de sua mão.

— Espero que nosso matrimônio seja algo mais que isso.

— Nosso matrimônio só será isso. Meu pai e lorde Douglas podem dispor de minha vida como querem. Escolheram me entregar a ti e ficarei atada a este lugar assustador o resto de minha vida.

Clare afundou os ombros e olhou para a colina, iluminada pelas fogueiras, como um falcão resignado.

Ele compreendeu a verdade. Ela não tinha desejado Alain, a não ser a França.

— Quer partir daqui tanto como eu voltar para minha terra.

— Acredita que esta é sua terra?

— Pode sê-lo. Quero que o seja.

— Então, conseguirá o que quer.

— Não sem ti.

— Quer dizer que não pode consegui-la sem mim, não que não a quer sem mim.

Ele foi replicar, mas ela levantou uma mão.

— Não quero mentiras lisonjeiras, Fitzjohn. Não lhe fica bem. Incitou o magnífico plano de meu pai, mas eu não vou participar. Se quer tanto conservar esta torre, que te entregue-a. Aceita-a, defende-a, faça-a tua.

— Isso não é o que ele quer.

— Sei. Ele quer netos, sangue de suas entranhas, povoar estas terras até o advento. Quer que lhe recorde. Como faz que se sinta por isso? Como um carneiro garanhão?

Sua veemência o deixou mudo. Onde estava a dama virginal que temia transpassar os limites do correto? A rejeição de Alain tinha desencadeado uma Clare nova, com uma língua mais afiada inclusive quando lhe fechou a porta no nariz. Ele esboçou um sorriso irônico.

— Honra-me que tenha pensado em meu sangue para mesclar-se com o seu, muitos teriam cuspidido nela.

Ela corou de vergonha e a dama dócil voltou.

— Sinto muito, não deveria ter dito isso.

— Acredita que não deveria havê-lo dito, mas sim acredita no que disse. As mentiras lisonjeiras não lhe ficam melhor do que a mim.

— Tentei-o — disse ela para si mesmo — Tentei ser uma dama digna de um cavalheiro.

— E eu um cavalheiro digno de uma dama — sussurrou ele — Os dois fracassamos.

Entretanto, ele se sentiu o vencedor porque soube o que ia conseguir. Tirou-lhe a tocha da mão e a estreitou contra si com o outro braço.

— Dance comigo, Clare — lhe pediu ele embriagado por seu aroma — Ninguém pode nos ver salvo as estrelas.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e ele a abraçou.

— Vê? — perguntou-lhe ele enquanto se moviam em silêncio — Posso ser seu homem, que baila contigo em lua nova e cavalgue contigo pelas montanhas.

Ele tinha esperado que ela levantasse a cabeça e sorrisse. Entretanto, notou a umidade de suas lágrimas sobre a túnica.

— Então, um beijo para selar o compromisso, para celebrar Beltane e rezar pela fertilidade.

Ela ficou rígida, como se fora a limitar-se a suportá-lo, como se tolerasse seu abraço sem entregar-se. Ele, entretanto, queria algo mais. Queria que soltasse seu espírito tanto como sua língua.

— Pense, Clare — lhe sussurrou ele ao ouvido — Pense, você e eu sozinhos na escuridão, sem que ninguém possa nos ver.

Ela acelerou a respiração.

— Um marido tem direitos. Você os exercerá.

— Quero algo mais que direitos.

Queria a essência dessa mulher. Queria essa vida em comum carinhosa e divertida da que ela tinha falado. Queria algo que nunca tinha visto e quase não se imaginou. Possivelmente não existisse para alguém como ele, mas só possivelmente...

— Vamos, Clare. Sabemos que pode responder a um beijo.

Beijou-a nos lábios. Ela tinha rechaçado a sedução e aquilo era uma reclamação. Não a ia tomar ali nesse momento, mas essa noite fariam algo mais que dançar. Assinalaria-a como dele.

Sua língua saboreou a doçura de sua boca e algo reagiu dentro dela em que pese a sua resistência. Notou que seus peitos se estreitavam contra o peito dele e que seus lábios se abrandavam. Esqueceu-se do baile e atirou a tocha ao chão porque necessitava das duas mãos. Com uma a abraçava enquanto a outra percorria o que ia ser dele. Tomou o seu rosto na palma da mão e lhe secou as lágrimas. Baixou os dedos pelo pescoço até o ombro e com o polegar notou o delicado vazio da clavícula. Sem apartar os lábios, baixou mais a mão para procurar seu peito baixou a áspera lã do vestido.

Ela ficou rígida quando o encontrou e voltou a resistir, mas ele já não fingiu ser um cavalheiro. Tomou o peito com a mão e logo há separou um pouco para lhe beliscar brandamente o mamilo. Ela deixou escapar um gemido involuntário e fechou o punho sobre seu ombro, mas não o afastou.

Irritado pela capa de lã que a protegia, deixou o peito e baixou mais a mão. Ela suspirou aliviada, mas não sabia suas intenções. Ele apertou a mão contra a saia para localizar a parte mais sensível entre as coxas e introduziu o tecido entre suas pernas com um dedo. Ela ficou sem fôlego. Separou as pernas, e elas fraquejaram-lhe e deixou escapar um grito como o que logo ouviria em sua cama. Ele pegou a sua mão e a levou entre suas pernas, onde ela poderia notar seu desejo...

— Clare... Está aí?

Ao ouvir a voz da Euphemia, ela o empurrou com tanta força que fez que cambaleasse.

— Sim — respondeu com uma voz irreconhecível.

Os passos da garota se aproximaram.

— Aconteceu algo?

— Não, nada.

Ele se agachou para recolher a tocha, que, felizmente, não os tinha iluminado. Nem Clare nem ele podiam respirar.

— É o momento de repartir — comentou Euphemia quando chegou.

— Já vou.

— Ainda não terminamos, Clare — replicou ele.

Entretanto, salvo que pudesse persuadir a seu coração como a seu corpo, temia-se que seu matrimônio podia ter terminado antes de começar.



Capítulo Doze

Clare, ainda tremendo, pegou uma bolsa de Euphemia e deixou que ficasse com a outra. A garota sorriu.

— Agora você gosta mais, não é verdade?

— Meta-se em seus assuntos, Euphemia.

“Você e eu sozinhos na escuridão...”. Se lhe entregava tudo o que ele pedia, ainda o quereria? Ele tinha mostrado o que ocultava, mas ela não.

Começaram a dirigir-se para a colina outra vez. Essa noite, necessitava de sua mãe.

Tinha que saber se uma mulher podia desejar tanto ao homem com o qual ia casar se. Queria saber o que teria pensado sua mãe de Fitzjohn, se o aceitaria.

Repreendeu-se por pensá-lo. Sua mãe teria se horrorizado se tivesse sabido o quanto ela esteve perto de entregar-se a ele essa noite, ali, onde qualquer pessoa poderia tê-los visto, como uma rameira excitada.

Seu pai lhe havia dito que sua mãe tinha jogado com ele. Era possível? A imagem de sua mãe que tinha de menina estava girando ao em torno de si, como se a condenasse ao olhá-la com olhos de mulher.

No alto da colina, homens, mulheres e meninos lutavam para agarrar um pão-doce feito com ovos, manteiga, leite e aveia que se cozia antes que o fogo se apagasse e logo o comiam. Além disso, um tinha uma cruz desenhada com carvão.

Sua mãe detestava essa parte do festejo e ela também. Representava o pior desse lugar supersticioso e pagão. O companheirismo se converteu em conflito. Esse ano não celebravam só a chegada do verão,

a não ser, também, o fim da guerra e a expulsão dos ingleses. O alívio liberava os demônios e as brigas aconteciam entre a multidão.

Euphemia, ruborizada e contente, provocava sorrisos ao andar e não só pela doçura dos pães-doces. Será que, depois de tudo, os homens só gostassem de sua atitude radiante? Ela, como Murine, pareciam em paz com o mundo, inclusive, contentes.

A inveja manchou o coração de Clare. Ao que parecia, toda sua vida tinha querido ser outra pessoa em outro lugar.

Notou que Fitzjohn estava a seu lado, mas não o olhou por não saber o que fazer. Como era possível ter estado aos beijos nos braços de um homem e ato seguido falar às pessoas como se não se tivesse passado nada? Ensinou-lhe como usar a bolsa para tentar sossegar a respiração.

— Sabe do que se trata? Todo mundo toma um pão-doce, aquele que ficar com o que tem o sinal se converte no homem verde.

Podia parecer uma honra, mas não o era. Antigamente, possivelmente tivesse sido um sacrifício aos deuses que queimavam na fogueira em troca de um bom verão. Nesses momentos, atirava-se cascas de ovo, empurravam para a fogueira para simular um sacrifício e logo evitavam a pessoa toda à noite.

Ele colocou a mão na bolsa e tirou um pão-doce.

— O povo de minha mãe o fazia um pouco diferente, mas me lembro.

Ela olhou para baixo e ficou sem fôlego. Ele tinha tirado o pão-doce com o sinal. Ela foi pegá-lo para voltar a atirá-lo na bolsa, mas o homem que estava ao lado deles o tinha visto.

— É ele!

Os homens e mulheres ao redor o olharam fixamente e em silêncio. Ele também baixou o olhar e quando viu o que tinha na mão, deixou escapar um suspiro.

— De modo que hoje, como tantos outros dias, tratarão-me como a um bastardo.

Gavin olhou fixamente o pão-doce e quis poder soltá-lo, ou espremê-lo, ou atirá-lo à fogueira. Era muito tarde. Sua mão sujeitava a

confirmação divina do que muitos tinham pensado. Os murmúrios crescentes da multidão sufocaram o sussurro da esperança. Essa tampouco seria sua terra. Até sua futura esposa o evitava. Estava condenado ao fogo, seria o sacrifício simbólico. Ao menos purgaria assim seus pecados?

A primeira casca de ovo o alcançou na cara. Apertou o pão-doce na mão para não intimidar-se. Correr não serviria de nada. Seus pecados e os de seu pai, verdadeiros ou falsos, seguiriam-no aonde fora. Entretanto, não podia negar quem era nem o faria, tampouco procuraria a redenção por coisas que não tinha feito.

Clare fez uma careta de dor quando uma casca lhe golpeou na bochecha. Seguiu-a outra e outra mais cada vez mais seguidas. Normalmente, era uma diversão, mas seus rostos refletiam raiva, não sorriam. A cerveja desencadeou os temores reprimidos. No fim, continuava sendo um forasteiro fácil de odiar.

— Inglês bastardo!

— Filho de cadela!

As mães tamparam os ouvidos de seus filhos e se afastaram com eles. As cascas de ovo deram passo às pedras.

— Basta! Imediatamente! — surpreendeu-se ela ao ouvir-se gritar — Não é o que pensam.

Perguntou-se por que ela o defendia, sendo que o tinha desprezado mais que os outros. Entretanto, nunca tinha querido chegar a isso.

Alguns que a ouviram tentaram conter os outros, mas dois camponeses, encorajados pela bebida e autorizados pelo festejo, equilibraram-se sobre o Gavin e o jogaram no chão.

— Talvez é culpado! — gritou um deles — Acendeu o fogo muito depressa.

— Também o teria condenado se não o tivesse acendido — replicou ela quase incapaz de ouvir-se pelas palpitações que notava nos ouvidos.

— É possível que desta vez renasça — disse ele olhando-a aos olhos enquanto o levavam.

O que tinha captado ela em seu olhar? Resignação, esperança, amor, despedida.

Angus foi correndo e se aferrou a uma perna de Gavin como se um menino pequeno pudesse salvá-lo. Entretanto, não podia competir com dois homens embora estivessem bêbados.

— Angus! Procura o barão!

O menino saiu correndo com os olhos muito abertos.

Dois soldados se uniram aos camponeses. Dois soldados que tinham comido ao lado dele. Cada um agarrou uma perna enquanto os camponeses o agarravam pelos braços e o balançaram para as chamas. Era o rito habitual que se fazia como uma diversão.

Entretanto, ela não ouviu nenhuma risada. Alain apareceu a seu lado, mas não fez nada para intervir. Ela o agarrou pelo braço.

— Detenha-os!

Ele cruzou os braços.

— Quem se importa com um inglês bastardo?

— Não tem honra se não for mover um dedo por outro cavaleiro.

Ela voltou a olhar para Gavin. O que aconteceria se ele escapasse deles e o jogavam nas chamas?

Então, efetivamente, escapou da mão de alguém e o mundo se deteve enquanto voava pelos ares. Entretanto, caiu no chão e se levantou de um salto entre as fogueiras. Enfrentou as pessoas dispostas a lançar-se sobre ele.

Ela pôs-se a correr enquanto rezava, rodeou a fogueira por trás e o alcançou antes. Tinha o rosto e a roupa manchados pela cinza. As chamas resplandeciam em suas mechas douradas. Parecia um anjo arrojado injustamente do céu, mas qual? Miguel ou Lúcifer?

Se pôs diante dele para enfrentar a massa de rostos violentos. Era a senhora da torre do Carr e a escutariam.

— Por favor...

Uma pedra saiu do meio da multidão. Gavin a tampou com seu corpo e ela estremeceu quando a pedra o golpeou no peito.

— É muito tarde — lhe disse ele — Fique por trás de mim.

Dois homens, um deles um soldado, correram para ele com os punhos levantados.

— Basta! — bramou o pai dela enquanto surgia de entre a multidão — Parem imediatamente!

Alguns, suficientemente sóbrios ainda para reconhecer a seu senhor, detiveram-se, mas a maioria já estavam muito descontrolados para pensar em outra coisa que não fosse uma briga.

O primeiro homem tentou golpear Gavin, que contra-atacou dando-lhe um murro no estômago. Ela se agachou para procurar uma madeira que pudesse utilizar como arma porque não queria tirar sua adaga contra seus homens.

Gavin se desfez do primeiro homem, mas o seguinte se dirigiu para ele com os punhos preparados. Dois soldados abriram caminho para colocar-se junto de Gavin. Ela encontrou um ramo que não se queimou, agarrou-a com as duas mãos e o levantou.

— Clare! Saia daqui! — gritou-lhe Gavin.

A briga tinha começado.



Capítulo Treze

Gavin e os dois soldados brigavam ombro com ombro para protegê-la de socos e pontapés. Alain tinha desaparecido, mas Angus, desejoso de demonstrar que era um homem, voltou para unir-se a eles.

Clare se dobrou ao receber um murro, mas tentou distinguir os gritos de Gavin dos de Angus e dos atacantes.

Seu pai também tinha desaparecido, mas teve a impressão de ver Murine, que se pegava alguns revoltosos agarrados pelas orelhas e lhes dava umas bofetadas para que se acalmassem. Inclusive na penumbra viu hematomas nos flamejantes olhos de Gavin, cortes no seu corpo e que tinha a túnica manchada de sangue.

Pouco a pouco, à medida que os oponentes gastavam as energias que lhes dava a embriaguez, foram tomando a iniciativa de parar. Então, seu pai apareceu por trás abriu-se um espaço entre a multidão, ficou ao lado de Gavin e estendeu os braços.

— Basta, turma de bêbados! Este é o homem que vai se casar com minha filha! Este é o homem que defenderá a torre de Carr!

Todos, atônitos, ficaram quietos. O crepitar do fogo que se apagava ressonou no silêncio.

Um homem, cabisbaixo, limpou a mão na túnica e a estendeu a Gavin, a quem, generoso, a apertou. Outros, embora não todos, imitaram-no. Alguns, deram-lhe as costas entre murmúrios.

Não ia ser fácil que Fitzjohn ganhasse, como tinha previsto ela.

Terminado o festejo, as mães acenderam pequenas tochas nas fogueiras e levaram seus sonolentos filhos colina abaixo. Outros as seguiram com um pau ardente para reacender suas chaminés.

Os joelhos de seu pai não agüentaram mais e cederam. Gavin o agarrou. Murine se pôs do outro lado. Ele quis afastá-los com uma mão, mas necessitava que o ajudassem, um a cada lado, enquanto baixavam lentamente a colina.

Clare fez com uma brasa e os seguiu com o Angus ao lado.

Uma vez dentro das muralhas, Murine assinalou à esquerda.

— Podemos levá-lo para minha casa — disse a Gavin.

— Não — Clare levantou a mão para detê-los — Deverá estar em sua habitação.

Murine a olhou com pouca paciência nos olhos.

— Vais obrigar lhe a subir a escadas para satisfazer teu orgulho?

Pergunta-lhe e a deixou muda. O mundo estava ao contrário. Cavalheiros sem honra. Os homens se levantavam contra seu senhor. O que podia importar que um senhor dormisse na cama de uma rameira? Levaram-no para dentro. Estava mais débil e Angus foi correndo por água enquanto Clare acendia a chaminé com sua brasa. As flores brancas de serbal estavam murchas.

A casa estava limpa, mas era desoladora. Por que teria preferido seu pai dormir ali noite após noite?

— Pode se retirar, Murine. Eu cuidarei dele.

A mulher ficou muito reta.

— Não, senhora Clare, não o farei. Não sou sua esposa nem sua filha, mas estive a seu lado durante dez anos e não vou sair agora.

Clare estava muito cansada para discutir... ou possivelmente soubesse que seria inútil. Possivelmente também soubesse que essa mulher ganhou sua posição. Juntas limparam-lhe o sangue e lhe trataram os ferimentos. Murine fez uma poção para dormir e lhe aplicou um unguento feito com folhas de *Aquilea* para que deixasse de sangrar.

Ao final, Clare compreendeu que tinha que deixá-lo ali. Levantou-se com as costas doloridas, olhou ao redor e se perguntou aonde teria ido Gavin. Prendeu uma pequena tocha para voltar para sua habitação.

— Murine — a chamou parando na porta.

A mulher levantou o olhar quase sem vê-la.

— Obrigado.

Ela reconheceu o sorriso. Era igual ao de Euphemia.

O ondular resplendor da tocha era um pequeno círculo tranquilizador que a acompanhou enquanto ia até a torre e subia ao terceiro piso. Quando esteve na guerra, ela tinha se negado a pensar na morte de seu pai. Uma vez ali, parecia impossível que tivesse sobrevivido a todas as batalhas e que o tivessem derrotado em uma briga de bêbados.

Perder seu pai também era mais do que poderia suportar. Entretanto, os anos passavam muito depressa e podia ver uma fragilidade que antes tinha passado por cima. Ele também tinha que notá-la e saber que o caminho que tinha por diante era mais curto que o que tinha por trás. Além disso, tinha que proteger a sua filha antes que terminasse esse caminho. Embora isso significasse que se casasse com Gavin Fitzjohn.

Uma vez em seus aposentos, Clare acendeu a chaminé que tinha apagado para reacender no Beltane. O resplendor iluminou a habitação, seu pequeno refúgio de ordem e beleza. Seu tríptico de marfim, sua preciosa cópia do *Miroir dê preudes femmes*, sua tapeçaria vermelha e dourada. Como era possível que continuasse igual quando tudo estava trocado? Quando tudo estava perdido. Não se casaria com Alain. Não viveria na França. Não escaparia dessa terra cheia de horrores como os que tinha presenciado esta noite. Não tinha ficado nenhuma das esperanças às que se agarrara para sobreviver dia após dia.

Aturdida, colocou a camisola. Tinha acreditado que conhecia Alain. Tinha acreditado em seus sentimentos e se equivocou completamente. Alain a tinha rejeitado. Ainda tinha menos motivos para confiar em Gavin. Salvo que também se equivocou com ele.

Ouviu passos no vestíbulo, diante de sua porta.

Gavin entrou sem pedir permissão. Estava coberto de pó, cinza e suor e seu peito subia e baixava como se tivesse andado muitos quilômetros. Tinha-o defendido contra os briguentos, mas o homem que tinha diante de si representava tudo o que tinha temido dele desde o começo.

Aproximou-se dela com um olhar desafiador, como se brilhasse com um fogo escuro. Ela desembainhou sua adaga e apontou tentando que não lhe tremesse a mão. Pôde ver suas feridas. O olho arroxeadado, a bochecha ensangüentada, as feridas em carne viva, o peito cheio de cortes com a túnica rasgada. Seus olhos refletiam uma violência como nunca tinha visto.

Tragou a saliva para tentar conter o medo. Ele havia dito que não tinha queimado aquela igreja, mas se o tivesse feito, teria mentido sem vacilar. Mesmo assim, seu peito subiu e baixou ao ritmo do dele.

— Não te aproximes mais — a adaga tremeu na sua mão.

— Esta noite, ameaçaram-me no lugar aonde fui. Agora, vou aonde me agrada. Por isso, não me aponte à faca se não for utilizá-la.

Ele se aproximou até que a ponta lhe tocou o peito, como se fosse cravar se desse um passo a mais. Ela baixou a faca e soube que não tinha a força ou a vontade de cravar-lhe.

— Me olhe.

Ela o olhou e tomou a mão tremendo e a levantou até que teve a ponta da faca na base do pescoço. Ali, até ela podia feri-lo de morte.

— Agora, me atravesse.

Ele o disse como se fosse agradecer a morte. Solto-lhe a mão, mas seus olhos seguiram cravados nos dela. Clare tentou interpretar seu olhar. Era desespero ou rendição? Não, seus olhos lhe pediam que o salvasse, mas ela não sabia como.

Ela não moveu a adaga e ele soube que já não o faria. Afastou-lhe a mão e a adaga caiu ao chão.

Clare sentiu que se abrasava por dentro e não era pela chaminé. Retrocedeu. Deveria correr para que essas mãos suarentas e ensangüentadas não manchassem sua camisola... nem tocassem seus lábios. Nem que ela deixasse ao descoberto seu segredo, o desejo que sentia por ele.

— Acreditas neles de, verdade? — perguntou-lhe ele sem dissimular a raiva — Acreditas apesar de tudo o que te disse, acreditas em cada calúnia que disseram de mim.

Ela não pôde negá-lo.

— É algo mais, verdade? Não só o acreditas, excita-te.

Olhou-a como se não só pudesse lhe tirar a roupa com o olhar, mas também a fachada que tampava tudo o que tinha tentado ocultar.

— Não — respondeu ela.

Entretanto, tinha razão. Ele a tinha chamado para o jogo do amor. Fora o que fosse o que teria com esse homem, não seria um jogo, seria um vôo em fuga de amor e morte. Além disso, se o aceitava, não haveria ninguém para recolhê-la quando caísse.

Ele sorriu. Sempre sorria como se soubesse algo gracioso que ela não entendia.

— Além disso, agora que vamos casar sabe que haverá algo mais que beijos.

— Basta! Busca lhe alguém que queira seus beijos.

— Já encontrei. Você os quer.

Agarrou-a pelos braços e a estreitou contra si. Tinha os lábios tão perto que podia notar seu fôlego e cheirar seu suor. Quis provar o sangue de seus lábios.

— Acredito, senhora, que estávamos aqui quando nos interromperam bruscamente.

Ela conteve o fôlego e fechou os olhos. Tomou a boca, mas dessa vez, os limites tinham desaparecido, se é que os tinha havido alguma vez.

Arrastada a lugares aonde tinha querido e temido ir, devolveu-lhe o beijo. O suor lhe manchou a camisola e tomou um peito com a mão, sem brutalidade, com um ritmo insistente que fez que ela se arqueasse contra ele e notasse sua rigidez.

Ele apartou os lábios da boca e os desceu por seu pescoço para lhe beijar o gemido que lhe brotava dali. Percorreu-lhe com a língua o pequeno vazio na base do pescoço, onde lhe tinha posto a adaga.

A camisola lhe desceu por um ombro. O ar da noite lhe esfriou um peito antes que ele tomasse com a boca. O delicado mamilo se endureceu com voracidade, o mundo se reduzia ao peito, a sua boca e ao desejo.

Ela se cambaleou para trás e caiu na cama. Ele se inclinou sobre ela com os braços estirados, o suficientemente longe para que ela pudesse lhe ver os olhos outra vez.

— Depois de tudo, não tem tanto medo.

O sangue e o pó lhe mancharam a manga. Seria uma mancha que não desapareceria jamais.

— Vá embora.

Ela tentou golpeá-lo com a palavra, mas sua respiração se acelerou tanto como seu coração.

Ele se levantou e se moveu pela habitação como se já fosse sua.

— Não resiste para mim, Clare. Resiste a si mesma. Dorme bem e sonha com nossa noite de bodas.

Ele não a tinha tomado, mas ela sabia que podia fazê-lo... e ele também.



Capítulo Quatorze

Gavin reviveu toda a noite em sonhos; o fogo, a briga, o desejo dela.

Despertou lamentando-o. A noite anterior lhe tinham arrebatado a última fresta de cavalheirismo ao que tinha apreendido. Tinha querido reclamá-la, marcá-la como dela. Entretanto, havia tornado a confirmar por que ela nunca queria ser dela.

Tinha sabido que não teria uma terra nenhuma esposa. Tinha sabido que a evasão que tanto tinha desejado seria breve. Entretanto, permitiu-se um sonho e ao despertar tinha querido mais. Essas montanhas, essa torre e ela.

Tinha tido muitas mulheres, mas não tinha permitido que nenhuma delas se aproximasse o suficiente para comprovar se era tão mau como elas temiam ou esperavam.

Tinha querido que alguma aceitasse ou, inclusive, compartilhasse essa escuridão de sua alma para abrir uma janela e que entrasse a luz, para não estar tão sozinho ali. Entretanto, nenhuma pôde. Menos ainda essa mulher como um pássaro ferido atada a outro homem e a seu passado. A noite anterior tinha demonstrado por que era impossível. Para todos eles seria sempre o filho de um inimigo odiado.

Para ela, seria algo pior. Seria o homem que liberaria tudo o que levava dentro e queria ocultar. Tinha visto debaixo de seu véu, tinha vislumbrado o que os limitava. Por trás dos olhos gélidos, do olhar duro como uma pedra, havia uma mulher que temia seus desejos e o odiava por descobri-los. Uma vez casados, sozinhos, haveria algum limite que não transpassariam? Pensou que nenhum dos dois estava disposto a descobri-lo.

Não tinha nenhum futuro ali. Era o momento de seguir seu caminho. Levantou-se. O diria ao barão nesse momento.

Baixou a cabeça para entrar na casita do Murine com as paredes obscurecidas pela fumaça. Era mais humilde ainda que a torre tosca e com paredes de pedra, mas o ancião a preferia. Possivelmente essa fosse sua evasão dos demônios e das lembranças.

Essa manhã, o barão estava sentado no bordo da cama. Estava enfaixado, mas sorridente. Se não tivesse sabido que era verdade, teria se perguntado se na noite anterior o ancião tinha exagerado suas feridas. Considerava-o um ancião porque tinha dez anos mais que os que teria seu pai se estivesse vivo.

— Olá, Fitzjohn.

Murine, que estava mexendo uma sopa sobre o fogo, saudou-lhe com a cabeça.

— Que tal estão esta manhã? — perguntou-lhe Gavin.

— Sempre estou melhor depois de uma boa briga. E você?

— Não estou mal. Ontem à noite, no calor da batalha, disseram algumas coisas.

— Efetivamente, disse-te que as diriam.

O que podia dizer ele? Pareceria um ingrato se o rejeitava.

— Queria lhe dizer que entenderia se o senhor desistir.

Murine deu uma terrina ao barão, ele bebeu e passou a língua pelos lábios.

— Romper minha palavra? E por que o faria?

Porque Clare não o aceitaria jamais e ele não podia reprovar-lhe

— Sua filha lhe agradecerá por isso.

Ele soprou.

— Agradecer-me-á quando se tiver casado contigo, embora agora não saiba.

Gavin não estranhou que ela resistisse tanto. Algum homem, seu pai, o conde ou Douglas, tinha levado em conta seus sentimentos? Era o destino de uma mulher, naturalmente, mas a tratavam como a seus pássaros, como se tivesse que voar e caçar por obrigação.

— Viu esses homens ontem à noite, inclusive, alguns soldados. Queriam me matar.

Ele tinha lutado e, ao menos, parecia que ainda não era hora de morrer.

— Você, se defenda. Eles, terão seus motivos.

O ancião tinha mais fé nele que ele mesmo. Subitamente, quis merecer-lhe

— Senhor...

O barão, que estava abotoando o cinturão, levantou o olhar.

— Senhor, eu não queimei essa igreja.

O pai de Clare suspirou e sacudiu a cabeça.

— Já sei.

— Por quê?

— Porque o disse uma vez.

Isso não tinha sido suficiente para Clare.

— Entretanto, todo mundo diz...

— O que querem ouvir. Eu me alegro de saber a verdade — o barão lhe deu uma palmada no ombro — Mandarei uma mensagem a lorde Douglas. Assim que ele e o sacerdote chegarem, teremos umas bodas!

Umás bodas com uma mulher que o considerava o mesmo que Lúcifer. Embora se podia convencer a uma mulher, inclusive a essa, como a um falcão ao que era adestrado para seguir seus instintos. Embora ela não soubesse ainda quais eram.

Se Clare tinha tido a esperança de que seu pai o pensasse melhor com a chegada do dia, esvaiu-se quando ele comunicou seu compromisso durante o almoço, justo depois de também comunicar a seus homens que lhes suprimiria sua ração de cerveja durante uma semana pela briga.

Alguns murmuraram em voz baixa, mas outros tinham chegado a confiar no Fitzjohn e o resto, envergonhados pela briga da noite anterior, não expressaram suas queixa. Ela, inclusive, tinha ouvido algumas desculpa, mas não de Thom, o soldado que lançou o primeiro golpe.

Fitzjohn, pelo menos, manteve-se em um discreto silêncio. Ela não teria podido suportar que tivesse celebrado o poder que tinha conseguido sobre ela.

Depois da comida, Clare foi aos aviários para chorar sem que a vissem. Entre lágrimas, viu o Wee One, perto do ninho, que pegava comida de seu parceiro.

— Perderão-se a todos — tinha grunhido Neil — É um macho descarado. Estão jogando com o desastre ao criar falcões.

Ela tinha abafado os ouvidos. Wee One, ao menos, podia formar uma família feliz. Era mais do que ela podia esperar no momento.

Aproximou-se e viu uns ovos no ninho. Eram tão formosos que quis esquentá-los com as mãos.

A porta se abriu e fechou silenciosamente. Ouviu os passos do Gavin, mas não quis dar a volta.

— É verdade que está decidida a seguir adiante com isto? — perguntou-lhe ele com amabilidade.

— Tão decidida como está você a se casar — respondeu ela olhando-o por cima do ombro — Ela ao menos escolheu o seu parceiro e está formando uma família. Como ia impedi-lo?

— Wee One foi a seu ninho e empurrou um dos ovos com o bico até que caiu pelo borda.

Clare, com o coração acelerado, abriu a mão e conseguiu agarrá-lo.

— O está fazendo?

Clare tentou voltar a deixar o ovo, mas Wee One gritou e ela afastou a mão antes que a bicasse. Ficou com o ovo ainda quente na palma da mão. Pobre pintinho. Ainda não tinha nascido e já o tinham rejeitado.

— Por que uma mãe faria algo assim?

— Olhe — mostrou uma rachadura quase invisível na casca — Não teria sobrevivido.

Ela assentiu com a cabeça e o deixou. Era outra das crueldades da vida.

— Acreditei que tinha rejeitado ao pintinho antes de nascer.

Clare se tragou em lágrimas absurdas e renegou contra o que formava parte dos desígnios inexplicáveis de Deus.

— Não tem alma. É um animal — explicou ele.

— É uma mãe — replicou ela com vontade de gritar — Como pode fazê-lo?

Gavin a olhou nos olhos sem responder. Em silêncio, deram a volta e saíram juntos do aviário. Já lhe tinha deixado ver muito de si mesma.

Voltou a reprovar em silêncio sua mãe por ter morrido tão cedo, quando ela mais necessitava. Como ia casar-se com esse bárbaro desconhecido sem os conselhos de sua mãe? Mais ainda, como ia ser mãe sem que sua mãe lhe ensinasse a sê-lo, sem ter uma mãe a quem perguntar? Sentiu-se tão abandonada e incapaz como o ovo quebrado.

Tinha que ocultar tudo aquilo que tinha feito que nem sua mãe nem Alain a quisessem. Por pior que esse homem fora, não podia permitir que também a abandonasse.

Clare começou os preparativos das bodas sem ilusão e com incerteza. O que se serviria de comida? Como se vestiria? Cada passo era um trabalho penoso e solitário sem sua mãe nenhuma mulher de sua condição com quem compartilhá-lo.

Uns dias mais tarde, Murine bateu na porta de seus aposentos. Clare tentava decidir-se entre três vestidos que tinha sobre a cama e, ao princípio, fez pouco caso, mas a mulher, baixa e gordinha, com alguns cabelos cinza, esperou com paciência e sem alterar-se.

— O que quer, Murine? — perguntou-lhe Clare ao cabo de um momento.

— Está preocupada com as bodas.

Ela se ruborizou. Não pensava em falar de suas iminentes bodas com a mulher que se deitava com seu pai.

— Não tenho nada que te dizer a esse respeito.

— Muito bem. Eu sim tenho algumas coisas que te dizer e as vais ouvir, Clare.

Clare, surpreendida, piscou. Era uma mulher atual e sempre tinha sabido qual era o seu lugar.

— Sei que não me aprecia e por que — começou Murine, como se tivesse preparado o discurso — , mas a verdade é que amo a seu pai e por isso também te quero como se fosse minha filha.

— Não o sou nem...

— Me deixe terminar. Seu pai se preocupa contigo.

— Esperou muito.

As lágrimas lhe arderam nos olhos. Quando era uma menina pequena, triste e assustada que necessitava do consolo de seu pai, ele a tinha mandado para longe para poder divertir-se com essa mulher.

— Você o reprova por não chorar mais por sua mãe. Era uma mulher muito boa e ele a amou muito. Entretanto, um homem não pode viver sozinho e eu lhe alegrei a vida.

Era verdade e Clare o reconhecia a contra gosto.

— Continue.

— Não pode aceitá-lo tal como é em vez de querer que seja como você quer?

Não. Só podia aceitar ao Gavin daquela maneira... ou a ela mesma.

— Se eu lhe preocupasse de verdade, nunca teria organizado este matrimônio. Fez para o satisfazer-se a si mesmo, não a mim.

Deu-se conta da tolice que havia dito não ia dizer mais nada. Que mulher esperava um matrimônio pensado para agradá-la?

— Eu também tentei te alegrar a vida, mas... — Murine encolheu de ombros — Ninguém pode consegui-lo se te você só pense em ser infeliz.

— Não tem direito de falar assim. A felicidade chega para quem espera à perfeição ditada por nosso Deus celestial — replicou Clare, embora sabia o quanto estava longe disso.

— Bom, parece decidida a não querer aproveitar as pequenas coisas a que alguns nos agarramos aqui embaixo.

Ela abriu a boca para recitar suas infelicidades. Uma infância sem mãe. Um pai distante. A rejeição de quem ela considerava um pretendente. Um matrimônio imposto com um homem a quem temia e que a amarrava a uma vida que detestava.

Entretanto, nesse momento, os vestidos lhe pareceram mais importantes que tudo isso. Olhou-os e as cores se esfumaram ante seus olhos. Azul, vermelho, nata... Qual era a cor de uma noiva?

— Minha mãe deveria estar aqui para me ajudar.

— Bom, sua mãe esta morta há dez anos. É muito tempo para chorar por ela.

— Evidentemente, meu pai não a chorou tanto.

Murine a olhou aos olhos.

— Eu também chorei a morte de meu marido.

Clare, ruborizada pela vergonha, ficou boquiaberta.

— Sinto-o — balbuciou ao dar-se conta de que não tinha visto a dor de outros.

Tinha chegado a pensar que era a única que ficou sozinha, mas a gente que a rodeava tinha sofrido perdas inimagináveis.

— Arrastas o passado como esses teus pássaros e suas campanhas. Cada vez que consegues esquecê-lo, a campainha soa para que o recorde e volte a sofrer.

Clare se deixou cair e se sentou na arca de madeira. As lágrimas lhe dos olhos e Murine lhe deu uma palmada no ombro. Como era possível que essa mulher a conhecesse tão bem?

— Eu pensei que Alain... e ele... nem sequer sabe o que fez de mau.

Tudo era culpa dela, não de seu pai, absolutamente.

Murine a agarrou com os braços estendidos e a olhou nos olhos.

— Acredito que esse francês é tão parvo que não se deu conta de quão afortunado era por te ter.

Essa frase tão franca esteve a ponto de lhe fazer rir. Não tinha esperado que fosse dita por uma mulher a quem tinha criticado sem rodeios. Sorriu, secou as lágrimas com a manga e tentou recordar se sua mãe a tinha adulado assim alguma vez.

— Bom, é o matrimônio que quer meu pai e é o que terá — ela suspirou — Embora não sei por que.

O sorriso de Murine foi muito eloquente.

— Saberá — deu-lhe uma palmada na bochecha de Clare — Leva a melhor parte do trato.

Não deu muita importância às palavras de Murine. Ela falava por lealdade ao seu pai. Mesmo assim, seu coração se animou um pouco.

— Ao menos, levo um homem que sabe de falcoaria. O conde era um caçador desastroso.

Suas risadas se mesclaram e Clare mostrou os vestidos com a mão.

— Qual escolho, Murine?

A mulher os olhou com atenção, passou a mão pelos tecidos e retirou um fio solto.

— O azul. Realçará seus olhos — Murine sorriu — E os dele.

Clare se deu conta de que seguia sorrindo quando Murine partiu.



Capítulo Quinze

Segundo o dito escocês, se te casavas em maio, o lamentarias. Entretanto, chegou junho antes que pudessem reunir lorde Douglas e um sacerdote suficientemente ilustrado para celebrar umas bodas, mas Clare temeu lamentar esse dia com a mesma intensidade.

No dia anterior às bodas, na mesa, seu pai, lorde Douglas e seus homens o celebraram com muitas mais desejo que Gavin e ela. Seu futuro marido, rodeado de uns homens cada vez mais ruidosos e vulgares, sentou-se com seu eterno meio sorriso, mas em silêncio.

Clare, Murine e Euphemia trabalharam sem descanso para que os pratos estivessem sempre cheios. Clare tinha a tarefa de certificar-se de que lorde Douglas recebesse o melhor corte de carne e de que sua taça nunca estivesse vazia. Era uma tarefa fácil porque bebia pouco.

Depois da comida, chamou-a com a mão e rejeitou a cerveja.

— Vem, quero falar a sós contigo.

Ele se levantou e ela olhou para Murine, que lhe indicou com a cabeça que se ocuparia de que não faltasse comida e bebida.

— Lorde Douglas — Clare acelerou o passo para segui-lo enquanto abandonava a sala comum — É uma honra lhe ter aqui.

— Claro — se limitou a responder ele.

Depois de levar dez anos como governante da zona da fronteira, estava acomodado com seu poder. Subiu as escadas até a muralha da torre e o ar puro. Só havia um vigia para observar os arredores, que se pôs muito reto ao ver lorde Douglas e se afastou quando este lhe indicou com a mão que se retirasse.

— Me fale do homem com que vais te casar — pediu lorde Douglas olhando-a nos olhos.

Ela limpou a garganta e tentou pensar. Douglas tinha feito sua promessa há vários anos. Se não gostava do homem que confiaria essas terras, possivelmente voltasse a pensar na promessa.

Escolheu cuidadosamente as palavras.

— O que lhe contou meu pai?

Se seu pai não lhe tinha falado das origens de Gavin, possivelmente tudo acabasse quando lorde Douglas soubesse a verdade. Então, o que aconteceria a ela e com todos?

— Que é filho de Eltham — respondeu ele com uma expressão sombria.

Sabia. Devia ter imaginado. Gavin lhe havia dito que seu nome era desprezado por toda a Escócia.

— Por que deveria entregar estas terras ao inimigo inglês? Seu pai está mal da cabeça?

Ela não reconheceu que se perguntou o mesmo. Mas não podia dar motivos para que lorde Douglas duvidasse de seu pai.

— Estou certa de que não espera sua bênção até que vocês também estejam convencidos de que esse homem defende a Escócia.

Ele a olhou penetrantemente.

— É a mulher com quem vai se casar, não?

O que podia dizer ela? Que não era um inimigo? Acreditava? As consequências, em si se desmoronavam ao seu redor e eram tão aterradoras como o matrimônio em si.

— Tem tanto sangue escocês como inglês.

As palavras que ele tinha repetido tantas vezes lhe saíram com calor da boca.

— Também tem tantos vínculos com Eduardo como com David... e nenhum comigo.

Douglas queria um homem que fosse tão leal a ele como a Bruce.

— Escolheu este lugar — ela tocou o muro e se lembrou dos olhos de Gavin quando olhou essa terra — Morrerá por conservar esta terra para você.

Ao menos, nisso ela acreditava. Ele a olhou com atenção.

— Então, me será leal?

Douglas, David, Escócia... Nunca lhe tinha parecido que houvesse alguma diferença.

— Sim — respondeu ela embora notou que tinha vacilado.

Ele ficou um momento em silêncio e olhando para o norte, para a extensão de Escócia. Ao fim de um momento, voltou-se para ela.

— Prepara-te para que tenhas logo um filho. Assim, se acontecer algo, nomearei um tutor até que seja major de idade.

Clare o seguiu escada abaixo em silêncio. Inglês ou escocês, teria que deitar-se com ele. Entretanto, a idéia não era tão desagradável como deveria.

A chaminé foi apagando-se enquanto Gavin atendia a lorde Douglas, quem, com tom triunfal, contou-lhes fanfarronices durante toda a tarde. Como tinha açoitado a Eduardo até expulsá-lo. Como, depois, seguiu até tirar os seguidores da Inglaterra do Galloway, Kyle e, inclusive, do imponente castelo do Caerlaverock.

— Esse foi seu final — concluiu com um sorriso sombrio dirigido a Gavin — O seu e o de Baliol, sua marionete.

Disse-o como se esperasse que Gavin dissesse algo. O ficar nesse lado da fronteira não lhe tinha proporcionado a este a tranquilidade que tinha esperado. Embora escocês, não podia alegrar-se da derrota inglesa e portanto ficou em silêncio. Estava prometido a Clare, mas Douglas, apesar da promessa que tinha feito antigamente ao barão, podia desfazê-lo tudo com uma só palavra. Procurou Clare com o olhar, como fazia sempre que não sabia bem o que pensar. Então, a mão de Douglas caiu sobre seu ombro com a veemência de um murro e o olhou com os olhos entrecerrados, como se tivesse captado suas dúvidas.

— Tem que defender esta torre, Fitzjohn.

— Prometo-o.

Douglas não suavizou seu olhar.

— É uma tarefa fácil. Assinei uma trégua com Northampton até o dia de San Miguel.

Northampton era um governante tão capitalista em seu lado da fronteira como Douglas no seu.

— Já não necessitam do rei Eduardo e do rei David para a paz ou para a guerra?

Douglas retirou a mão.

— Nunca os necessitei.

A resposta o deixou gelado. Quantos bandos havia nessa guerra?

— Então, agora pressionarão para que liberem o rei David.

Douglas deu um gole na cerveja.

— É possível.

Gavin se tinha perguntado, e não era a primeira vez, se Douglas queria realmente que David voltasse. Uma vez expulsos os ingleses e com o David cativo, lorde Douglas, junto a Stewart, era tão capitalista como um rei.

— O que nos dissuadiria de trazê-lo para casa? — perguntou Gavin com cautela.

Lorde Douglas balbuciou.

— O resgate que nos pedem nos deixaria secos. Não vou pagá-lo.

Disse-o em primeira pessoa, como se o dinheiro e o país fossem deles.

— Além disso — seguiu Douglas — , David tem pensado em entregar o trono a um filho da Inglaterra — lorde Douglas cuspiu.

— Em vez de Robert Stewart ou a você? — Gavin o perguntou com serenidade, sem saber se Douglas tiraria a faca.

— Em vez de entregá-lo a alguém que se passou a sua vida defendendo sua terra enquanto “David, pela graça de Deus”, esquentava-se os pés junto à chaminé do Eduardo.

Gavin não tinha ouvido uma calúnia semelhante sobre o rei David, em todo o tempo que passou na Inglaterra.

— Acompanhei-o junto a essa chaminé — replicou Gavin com os dentes apertados. A vida no exílio não era uma vida nada invejável — Passou dez anos na Inglaterra porque seus compatriotas são tão indignos e teimosos que não o levaram para seu país.

— De que lado está, Fitzjohn?

Quando escolheu a Escócia, também escolheu o rei David. Tornaram-se a dividir suas lealdades?

— Escolhi meu lado, Douglas. Ides fazer me escolher entre você e meu rei?

— Tem que escolher Escócia, independentemente de quem seja o rei.

Douglas o olhou nos olhos.

— Pensei que um Bruce seria rei sempre que dependesse de um Douglas.

Lorde Douglas piscou. Não podia negá-lo porque o coração de um Bruce aparecia em seu escudo.

— Gavin Fitzjohn, por que retornaste?

— Escócia é minha terra e, agora, a torre do Carr é meu lar.

Douglas o olhou com cepticismo.

— Só por minha condescendência e a força de seu braço.

— Não tenho dúvidas no referente ao braço.

Douglas franziu o cenho olhando a sua cerveja.

— Assinei uma trégua, não a paz. Se acredita que vai ser fácil manter a fronteira, não é o homem indicado.

Um homem tinha que procurar a guerra para satisfazer a Douglas?

— Não será fácil, mas a mantereí por você, por Escócia e por David Bruce — replicou Gavin — Estou certo de que estão de acordo que chegou o momento de que se sente em seu trono e não em uma poltrona do Eduardo.

O cenho franzido do Douglas refletia também admiração e seu pesar.

— Eduardo nomeou a dez delegados para negociar a paz. Estarei com eles antes de ir a França.

— Acredito que vais de peregrinação.

— Ao Amiens — Douglas fez o sinal da cruz — Para agradecer a Deus a derrota dos ingleses.

O conde se uniu a eles.

— Além disso, se algum inglês se atrever a nos desafiar em chão francês, também o derrotaremos.

Alain arqueou as sobrancelhas como desafio a Gavin, quem tinha sido um inglês em chão francês.

— Já tive bastante guerra em chão francês — replicou Gavin antes de olhar para Clare — Além disso, tenho uma esposa para atender.

O sorriso do francês se azedou sob seu bigode.

— Não foi você a quem ela desejava.

Douglas olhou para o conde e a Gavin.

— Sou eu agora.

— Confirmei-o — interveio Douglas — Espero que tenham um filho dentro de nove meses.

— Ah...? — Gavin voltou a esboçar seu sorriso despreocupado para proteger-se — Este matrimônio tem mais condições que deva saber antes de ser o senhor desta torre?

A expressão de Douglas falava de guerra, não de bodas.

— Só que a defenda. Se os homens do outro lado da fronteira, te tirarem isso, não será você quem a recupere.

— Defenderei-a — afirmou Gavin levantando sua jarra.

Douglas observou Clare, que se aproximava com outra roda de cervejas.

Gavin se fixou em que os dois se olhavam nos olhos e se perguntou do que teriam falado quando partiram sozinhos.

O matrimônio tinha sido idéia do barão e Douglas, como Clare, tinha-o aceitado à força. Teria pedido ela que impedisse o matrimônio... ou um pouco mais sinistro? Ela tinha temido, inclusive, tinha-lhe odiado. Seria suficiente para um assassinato?

— Deixa-o já, Clare. Vais te casar pela manhã e é muito tarde para que estejas trabalhando na cozinha.

Clare desatou o avental e sorriu enquanto Murine e Euphemia tentavam convencê-la para que partisse. Nada podia ser mais distinto do castelo da família Garencieres que essa cozinha, mas o tempo que tinha passado ali com essas duas mulheres lhe tinha proporcionado uns desses retalhos de felicidade dos que lhe falou Murine. Possivelmente também encontrasse alguns desses momentos ao casar-se com Gavin.

— Clare, quero falar contigo um momento.

Sobressaltou-se, olhou para cima e o viu na porta. Seu corpo tinha começado a pensar na noite de bodas e lhe custava respirar cada vez que o via.

— Vê-o? — perguntou-lhe Murine — É hora que se vá.

Entretanto, Gavin não sorria essa noite e a excitação se dissipou. Agarrou-a por um braço como se a levasse cativa para as escadas. O piso abaixo estava escuro. Ocupavam-no uma masmorra vazia e a adega e cheirava a vinho velho, a carne seca e a uma mescla de especiarias.

— Falou com Douglas — o que lhe disse ele quando estiveram sozinhos.

— Sim.

— O que lhe disse?

— Queria saber se lhe seria leal.

— E se não fosse?

As dúvidas que ela tinha sufocado voltaram com toda sua força.

— Disse-lhe que o seria. Disse-lhe o que repete uma e outra vez: que tem tanto sangue escocês como inglês. Está me dizendo que menti?

— Não estou te dizendo nada. Estou te perguntando se Douglas e você estão conspirando para acabar com este matrimônio.

Sobressaltada, olhou-o fixamente. Douglas tinha prometido umas bodas. Ninguém podia garantir a duração e não vacilaria em matar Gavin se acreditava que tinha motivos. Tinha matado a seu tio para ser o cabeça da família. Ser inimigo do Douglas podia ser tão perigoso como ser seu amigo.

— E então? — insistiu Gavin com impaciência.

— Não me contou seus planos.

Ele tinha os olhos muito azuis, como se tivesse roubado uma parte de céu. Ainda lhe temia quando se via refletida neles, mas não por um motivo que pudesse lhe confessar a Douglas.

— Entretanto — seguiu ela —, em meus planos estão umas bodas, não um enterro.

— Umas bodas e um nascimento.

Ela estremeceu. O sangue, frio e ardente, estremeceu só de pensá-lo. Perto dele, na penumbra, alterava-lhe o corpo sem tocá-lo. Dentro de dois dias, não teria escapatória. Estaria obrigada a aceitar a esse homem dentro de seu corpo. Noite após noite, estaria presa com o enigma dos dois. Sem salvação. Sem tranquilidade. Sem saber aonde levava o atalho que tinham tomado juntos. Sentia rancor por ele e por seu corpo porque fazia que essa idéia fosse tão tentadora.

— Sim, um nascimento. Sei qual é minha obrigação.

O olhar dele tinha refletido decepção?

— Também tem a obrigação de avisar a seu marido se sua vida correr perigo?

— Sim.

Ela temia seu contato, mas não queria vê-lo morto e por motivos que não se limitavam a suas obrigações como esposa.

Tomou o queixo e lhe girou o rosto para a luz da tocha para olhá-la nos olhos em um silêncio receoso.

— Clare...

A palavra era uma pergunta e ela não soube o que responder.

— Assim espero — disse ele deixando cair à mão.

Gavin se deu a volta, subiu as escadas e a deixou sozinha debatendo-se em um limite estranho, entre o amor e o ódio.



Capítulo Dezesseis

As bodas tinha terminado e os convidados se partiram no fim.

Clare, só em sua habitação, olhou pela janela e viu Alain, Douglas e seus homens se afastavam a cavalo, com o sacerdote atrás. Douglas não tinha tempo para ficar no festejo. Dirigia-se para o navio que os levaria a Inglaterra e, depois, a França. Sem ela.

— Despediste-te?

A voz do Gavin a sobressaltou, mas não se voltou.

— Despedi-me de nossos convidados, naturalmente.

Alegrava-se que Alain tinha partido. Não iria suportar vê-lo na manhã seguinte. A chamada à porta. O lençol ensangüentado. O olhar de Alain para procurar a evidência de que pertencia a Gavin.

Notou que seu marido lhe aproximava por trás e esperou que a tocasse como tinha direito a fazer. Não o fez.

— Não parecia muito apressado por seu matrimônio.

Ela fechou os olhos com força. Estava mais zangada com Alain e com ela mesma que com Gavin, porque era verdade.

— Não. Só eu o estou.

Tinha sido uma tola. Ele tinha partido com uma despedida cortês, como se ela não significasse nada para ele. Tanto como ele para ela, se dava conta nesse momento. Era só um símbolo, não uma pessoa. Alguém que teria decorado sua vida como a tapeçaria decorava sua arca.

— Agora me deixará que te corteje?

Ela deu a volta e o olhou bem. Era muito tosco, sem refinamento, imponente, invadia o espaço que tinha sido seu último refúgio.

— Já é muito tarde. Estamos casados. Não tenho escapatória.

— Eu tampouco.

Nos olhos dele se mesclavam a dor e a paixão. Ela piscou. Não queria ver sua dor e temia mais ainda a paixão.

— Se queria me ter, devia ter falado há muito tempo— replicou ela.

Ele não a desejava como ela tinha desejado que a desejasse. Entretanto, ao menos queria a torre, o gado e a terra. Alain tinha desdenhado até isso.

— Venha, vou te mimar.

Levou-a para o banco que havia junto ao fogo. O anel lhe pesava muito no dedo.

Ele se sentou sem deixar de olhá-la. Ela se ajoelhou diante dele para lhe desabotoar o espartilho. Ficava muito apertado porque era um presente de lorde Douglas, já que ele não tinha levado nada e não tinha havido tempo para mandar a procurar um bom tecido e lhe fazer outro. Um presente como sua esposa. Clare tremeu os dedos ao desabotoá-lo e lhe agarrou a mão.

— Como isto te desagrada, eu o farei.

Ela se endireitou e se afastou enquanto ele se levantava do banco, tirava-lhe o objeto e o atirava para o outro lado. Tirou-lhe as delicadas botas com os pés e lhe estendeu a mão.

Ela lhe deu as costas. Não queria sucumbir ao desejo de estreitar-se contra seu peito e lhe entregar os lábios. Entretanto, deixar de olhá-lo não adiantou nada. O sangue seguia lhe fervendo nas veias. Tentou tomar fôlego. O desejo tinha acabado com o rancor. Tinha uma obrigação como esposa, mas isso seria a única coisa que lhe mostraria. O dedos voltaram a tremer quando tentou desfazer os laços das costas do vestido para meter-se rapidamente na cama, como se assim, ao esconder seu corpo, pudesse dissimular o desejo que sentia.

— Deixe-me.

Seus dedos, rápidos, soltaram-lhe os laços. Seus dedos, quentes, roçaram-lhe as costas.

— Não!

Ela se afastou e atirou com veemência até que o vestido e a camisola formaram um montão a seus pés. Retirou-os com uma patada. De costas para ele, subiu na sua cama alta e estreita e se tampou até o queixo.

— Estou preparada.

Ele se aproximou e a olhou de cima com as sobrancelhas arqueadas.

— Para que?

Os batimentos do coração apagaram suas palavras. Tragou a saliva. Que palavras podia empregar para uma coisa tão íntima?

— Para... o ato...

Ele se sentou na cama, onde imperfeitamente cabiam dois, e seu joelho se apoiou nas pernas dela. Entretanto, quando se inclinou para diante com o braço sobre o joelho dobrado, parecia mais acomodado que ela.

— Parece preparada para uma execução.

— Ah... — ela se sentou, mas voltou a meter-se debaixo dos lençóis quando lhe caíram — Não te basta o meu corpo? Também queres olhar ardente e gemidos entrecortados? Então, terá que procurar outra mulher.

Ela esperou que ele se limitasse a tomá-la como esteve a ponto de fazer na noite do Beltane. Embora possivelmente tentasse tentá-la com seu sedutor sorriso, que sempre despertava quando não tinha saída. Entretanto, dessa vez não houve um sorriso indolente que lhe curvasse os lábios e lhe iluminasse os olhos. Dessa vez, seu cenho franzido recordou uma águia imperial a ponto de despedaçar a sua presa.

Agarrou-a pelos ombros sem delicadeza e os lençóis caíram deixando seus peitos à vista. O gemido que ela tinha sufocado brotou por iniciativa própria.

— Me escute bem — disse ele sem dissimular a raiva — Não vai haver outra mulher. É possível que não seja o cavalheiro andante que esperava, mas se esquece de que o modelo de afeto desse cavalheiro é uma mulher já casada com outro homem. Eu não serei tão cavalheiresco para cortejar a esposa de outro homem, nem tão generoso para perdoar ao que queira cortejar a minha. Deixemos isto claro. Casaste-te comigo.

Soltou-lhe os ombros, tomou sua mão esquerda e a levantou acariciando o anel que rodeava seu dedo que estava tremendo.

— *Vous et nul autre* — as palavras em francês soaram a sentença de morte — Você e ninguém mais — se inclinou por volta dela — Os falcões se acasalam para sempre.

Gavin soltou a mão e se endireitou. Ela tragou saliva e assentiu com a cabeça, sem poder replicar tamanha intensidade. O sorriso zombador dele a tinha enganado. Tinha achado obvio que não lhe importava mais que qualquer outra mulher que o atraía. Entretanto, estava disposto a possuí-la em corpo e alma, embora não sabia se era porque era seu dono ou porque a queria.

— Preferiria que os dois desfrutássemos no leito conjugal, mas somos e seremos marido e mulher em todos os sentidos.

Ela tampou o peito com a manta e ficou muito reta para tentar recuperar a compostura, com a esperança de que ele não se desse conta do quão rápido lhe subiam e baixavam os seios.

— Efetivamente, estamos casados, e vou te dar tudo o que exige a uma esposa, mas não espere que desfrute.

O olhar dele voltou a ter um ar sensual.

— Não o pedirei, ocuparei-me de que o faça.

Ela notou uma palpitação entre as pernas. Quis atribuí-la ao medo, mas não era medo.

— O que quer dizer?

— Antes que o falcão e o falcoeiro possam trabalhar em perfeita conexão, o pássaro tem que acostumar-se a seu dono.

Nesse momento, o estremecimento sim foi de medo. Demoravam-se semanas em adestrar a um falcão e que estivesse tranquilo entre as pessoas. Durante esse tempo, o homem e o pássaro não se separavam nunca.

— Pensa me privar do sonho e da comida até que me submeta a sua vontade?

— Submete um falcão quando o adestra?

Ela negou com a cabeça a contra gosto. Ele passou os dedos no rosto dela até lhe alcançar o pescoço.

— Quando se termina o adestramento, o pássaro e o homem não caçam melhor que se o fizessem separados?

Ela, incapaz de falar, assentiu com a cabeça. O sorriso indolente dele reapareceu.

— O falcoeiro não satisfaz todas as necessidades do falcão e proporciona à presa, a comida e a água?

— Claro.

O dedo dele, suave como uma pluma sobre seu pescoço, seguia lhe impedindo de falar.

— Então, o homem também serve ao pássaro, não?

— Sim!

Ela exclamou com rancor. Até o seu roçar mais leve fazia com que se alterasse.

— Então, quem é dono de quem? Quem adentra a quem? — o dedo dele lhe percorreu o ombro esquerdo, desceu pelo braço e se deteve sobre a delicada pele do interior do cotovelo — O falcão e o falcoeiro estão casados um com o outro.

Ela usou de todo o rancor que lhe permitiria falar.

— O pássaro segue à luva porque leva comida, não uma mão.

Entretanto, o olhar do Clare seguiu o movimento do dedo, que, suave como um sussurro, deteve-se vacilante sobre a veia azul da sua mão.

— Não te equivoques. Aprenderá a amar minha luva com a comida.

Essa ameaça lhe pareceu mais aterradora que qualquer outra porque prometia o que ela mais temia. Olhou-o aos olhos.

— Comprovará que não sou tão ingênua como um falcão, posso encontrar minha comida.

Ele sorriu, inclinou-se e seu fôlego lhe roçou a orelha com um sussurro.

— Há muitos tipos de comida, meu falcão.

Ela quase podia saborear o festim que lhe oferecia. Tudo o que tinha reprimido dentro dela encontrava correspondência nele. Se deixava

levar por seu desejo e não por seu bom julgamento, poderia escapar das amarras da terra? Não. Isso era uma quimera. Se deixava levar, ele se inteiraria de qual era sua debilidade e a abandonaria morta de calor e sozinha.

— Não me apanhará tão facilmente.

— Apanhaste a ti mesma. Puseste-te um capuz e correias sem escolher sequer um falcoeiro digno de ti. Agora, tens um que pode te ensinar a voar mais alto, mais depressa, mais longe.

Ela, tremeu, e separou-se de seu contato. Acaso não tinha pensado ela o mesmo? Entretanto, não podia entregar-se sem resistência. Cravou os olhos nos dele, desafiou-o.

— Pensa em me ter cativa por seu adestramento?

— Penso, querida Clare, que é cativa de ti mesma. Aceita o adestramento e será livre — ele o sussurrou ao ouvido, tão perto dela que teve que captar as palpitações na têmpora — Deixe que te ensine a voar como devia ter feito — tomou as mãos e as apertou com uma delicadeza que a fez tremer — Deita-te, querida. Estarei contigo dia e noite até que aprendas a te manter sobre meu punho e a confiar em meu contato.

Deitou-a. Seu coração, sua respiração e seu sangue dispararam. Ia acariciá-la, quase podia notar seus dedos.

Acreditou ficar louca de desejo... e de medo. Mas o medo desfez-se em pedacinhos entre seus dedos. Ele se ajoelhou com uma perna a cada lado dela. Destapou-a até que quase, quase pôde ver seus peitos. Tinha-o em cima, imponente, com a cabeça dourada, os ombros largos e os braços poderosos. Destapou-a de tudo. Ela conteve um grito.

Baixou o olhar e tentou escapar de suas mãos. O que faria ele? Pior ainda, o que conseguiria que fizesse ela?

— Entendo, tenho que impedir que veja o que te rodeia até que te acostume, como a um pássaro.

Uma nova pergunta agarrou na garganta.

— Pensa me pôr um capuz de couro?

Ele voltou a sorrir com sensualidade e enigmaticamente.

— É muito mais delicada que uma ave presa. Necessita algo mais suave.

Ele agarrou sua bolsa e tirou um lenço de seda azul, tampou-lhe os olhos e o atou com força por trás de sua cabeça antes que ela pudesse dizer algo. O tecido, muito suave e não muito apertado, acariciou-lhe o rosto. Sem poder ver, cada som lhe vibrava sobre a pele e nos ouvidos. O assobio do vento na esquina da torre. O rangido da palha do colchão quando ele trocou de posição. O som dos pés quando tocaram o chão. Ela estirou os braços para apalpar o ar.

— É possível que a escuridão tranquilize aos pássaros, mas não a mim.

Acariciou-lhe o ombro e desceu pelas costas.

— Se fizer algo que não queira, me diga que eu paro. Fará? — perguntou-lhe ele.

— Sim — respondeu ela com uma estranha sensação de poder.

— Promete-o. Me diga que promete.

Essas palavras fizeram que ela sentisse que algo lhe atendia o coração, um pouco mais perigoso que o desejo.

— Prometo.

— Dá a volta.

Aliviada, deu-lhe as costas. Sentiu-se mais segura com os peitos e o ventre ocultos. Notou que lhe desfazia a trança, que lhe penteava o cabelo com os dedos sobre as costas, tão suave como a seda que lhe tampava a cara.

— Agora, vou te acariciar as costas como você poderia acariciar as plumas de um falcão.

Afastou-lhe o manto de cabelo e sua mão, sensual e tranquilizadora, acariciou-lhe a pele de cima abaixo com um ritmo incessante, até que ela acreditou que podia ficar louca. Quis gritar que parasse. Entretanto, não disse nada e ele não parou.

Acabou caindo em seu feitiço, a meio do caminho entre acordada e dormida, entre excitada e relaxada, quase sem saber quem era nem onde estava flutuando, em um mundo de sensações e escuridão. Cegada pelo

lenço e o travesseiro, não sabia se tinham passado horas ou minutos. O medo se esvaiu. Deixou-se levar... e dormiu.

Despertou em meio da escuridão, abriu os olhos e não viu luz. Assustada, sentou-se e se deu conta de que o lenço ainda lhe enfaixava os olhos. Tentou tirá-lo.

— Não — disse ele com calma e firmeza.

Ela estendeu os braços como se quisesse ver com as mãos. Seus dedos apalpam uma pele nua, cálida, a dele. Já tinha visto seu peito, mas nunca o havia tocado. Descobriu-o com as palmas das mãos, percorreu-lhe o delicado arbusto de cabelo, baixou os dedos pela pele cálida que os levava até o quadril, que estava nu, e, então, encontrou-se com algo duro, erguido e vivo entre suas pernas.

Afastou bruscamente as mãos, mas ele as agarrou e rodeou com elas seu membro. Notou a calidez palpitante, sua força, embora estranhamente frágil, que se agitava com indecisão, como um cordeirinho que lhe se custava manter-se em pé.

— Agora, acariciarei-te eu.

Ela ficou rígida quando suas mãos lhe percorreram a pele dos ombros e os braços. Estava nua e exposta, sem o amparo de lhe dar as costas. Entretanto, tinha adquirido certa confiança nele e permitiu que a tocasse. Era assim que os falcões perdiam o medo e faziam os homens?

Seus dedos lhe acariciaram as cúpulas dos peitos. Ela ficou sem fôlego. Ele se moveu e a deitou com delicadeza na cama. Já não a acariciava. Girou a cabeça, para tentar ouvi-lo, senti-lo com o olfato. A cama se afundou a seu lado e deixou escapar um aroma a lavanda, à cera derretida de uma vela. Ele, sempre ele.

Conteve o fôlego ao saber que estaria olhando-a de cima abaixo. Gostava do que via?

Acariciou-a. Ela deu um coice e o afastou. Então, lentamente, ela voltou a deixar a mão sobre o lençol e ele tomou com força e calidez e com mais delicadeza da que ela tinha esperado.

— Não há pressa.

Ela não tinha esperado que ele tivesse tanta paciência. Perseverante, como quando lhe acariciou as costas, só lhe tocou a mão sem passar daí.

Sentiu-se segura, mas era uma ilusão provisória. Sua pele, privada de suas carícias, desejava-as. Quanto tempo teria que ficar esperando?

— O que te propões fazer? — perguntou ela com uma voz rouca por não havê-la utilizado durante muito tempo.

— Te ensinar que confie em mim e em ti mesma.

Nela mesma. Essas palavras acabaram bruscamente com sua cegueira. Estava nua com um homem que despertava os desejos mais perversos que hibernavam sob sua pele. Um homem que não deveria confiar e que não deveria desejar. Entretanto, desejava-o.

Afastou a mão dele e cruzou as duas sobre o regaço.

— Isso vai ser complicado.

— Não tanto como acredita.

Douglas lhe ordenou que se ocupasse de que lhe desse um filho. Assim o faria.

— É meu marido. Faça o que queira. Entregarei-me.

— Não quero que te entregues! — ela notou que o ar se agitava. Estaria movendo os braços pelo desespero? — Quero que escolha, que vá para mim com desejo.

— Não o farei nunca — mentiu ela — Faça-o. Agora.

— Não o farei até que você o queira. Nem seu pai nem lorde Douglas, nem você.

Ela levantou a cabeça e desejou poder ver seus olhos.

— Não tenho escolha.

— Eu lhe dou isso neste momento.

— O falcão não escolhe.

— Escolhe cada vez que voa. Cada vez, o pássaro pode escolher entre a liberdade ou voltar para casa.

Também temia ele perdê-la? Queria que esse matrimônio fosse algo mais que umas terras e um lar? Não. Não podia acreditá-lo, porque se

acreditava e se enganasse, seria pior que não tivesse esperado nada absolutamente.

Voltou a acariciá-la com as mãos e os lábios, sussurrou-lhe ao ouvido e acabou com suas dúvidas, acabou com sua escolha. Ela tirou o lenço porque tinha que ver seus olhos, interpretar suas intenções. Entretanto, a primeira coisa que viu foi seu corpo nu. E o dela.

A vela projetava sombras ondulantes sobre suas peles, branca a dela e mais dourada a dele.

Quis voltar a tampar os olhos. Era muito obsceno, eram dois corpos sem as dissimulações da roupa e da cor.

Entretanto, seus olhos se deleitaram com ele como tinham feito suas mãos. Os músculos dos braços eram ligeiramente arredondados, como as colinas. O cabelo dourado contrastava delicadamente com o peito. Era um guerreiro errante, tão alheio a sua cama como o falcão macho aos aviários.

Ele permitiu que o olhasse, imóvel, como se soubesse o que estava procurando.

“Despertará com um sorriso na cara”, havia-lhe dito ele. Isso era o que ela temia. Palavras, queria palavras. Queria ter a tranquilidade de que se gritasse como a rameira mais rasteira com a que se deitou, não o lamentaria.

Entretanto, pedir palavras não garantiria nada. Alain tinha dado palavras muito formosas, e todas eram mentiras. Ela o olhou nos olhos à luz da vela.

— Não posso escolher. Não confio em ti.

O olhar dele, sombrio e intenso, não a tranquilizou.

— Não desconfie de mim, desconfia de ti mesma.

Esse homem, difamado, fazia sua escolha, negou-se a defender-se ou a rechaçar as acusações mais vis e a desafiava para que ela fizesse o mesmo. Não. Era um risco do que não ia falar.

Queria que ela escolhesse. Podia entregar-se e, mesmo assim, manter-se afastada dele. Não tinha que entregar-se plenamente para lhe dar um filho. Ele não notaria a diferença.

Estendeu o braço com a mão aberta. Ele tomou e os dedos se entrelaçaram.

— Se aceitar, será só por esta noite.

— Só um vôo.

— Sim.

Gavin apagou a vela, ela voltou a ficar na segurança da escuridão e ele a beijou na boca. Suas mãos, firmes mas não autoritárias, acariciaram-lhe os mamilos, desceram até a sua cintura e seus quadris e daí aos segredos que escondia entre as pernas. Separou-as e seu corpo pareceu abrir-se em dois, desejar mais de seus lábios, de seus dedos e de tudo o que ainda não podia expressar, nem entender.

Então, entrou lentamente, encheu-a por completo como a mão do falcoeiro enchia a luva. Ela gemeu... ou foi ele? Começou a mover-se.

Algo brotou dentro dela que desejava acompanhá-lo, que ascendia como uma espiral, como um falcão para o sol. Se ele a elevava até essas alturas, ela se perderia no resplendor dourado e nunca encontraria o caminho de volta. Notou que começava a quebrar-se e quis gritar, rugir como uma louca.

Tinha aceito, mas era algo que desconhecia. Nesse momento, se lançou por trás. A criatura que estava nessa cama era muito distinta ao que tinha que ser uma dama, ao que devia pensar e fazer uma dama. Ofegante, empurrou-o.

— Pare!

Ele se deteve, apoiado nos braços e abatendo-se sobre ela, com a respiração entrecortada como se tivesse detido um cavalo ao galope.

— Tem certeza?

— Não posso fazer isto, não posso ser isto.

Se deixava levar, se chegava aonde ele a arrastava, deixaria de ser a mulher que sabia que era.

— Tem o direito de escolher o que quer?

Viu que ele resistia a seus desejos e esperava a resposta dela. Não queria escolher, não queria tirar a luz de seus demônios ocultos, que

pediam juntar-se aos dele. Isso a destruiria. Morreria se alcançava aquilo, mas também morreria se não o alcançava.

— Sim, quero.

Não houve mais perguntas, nem mais dúvida, nem mais palavras. Tomou-a, elevou-a mais alto e mais depressa até que tudo foi um vôo com ele, até que tudo se reduziu a ele, a ela e a esse momento.

Então, tudo estalou. Uma sensação cega apagou tudo. Chegou tão perto do sol que se queimou. Foi outra pessoa, nova, livre. Esperou que ele retrocedesse pelo assombro ou pela rejeição.

Não o fez. Abraçou-a enquanto ela descendia à cama obstinada a seu pescoço, sem querer soltá-lo. Era um momento de felicidade, fugaz como um suspiro, que tinha que saborear com quietude, em paz, nos braços de seu marido. Um incendiário meio inglês.

Se encolheu junto a ele, com a cara tampada por seu ombro para esperar a escuridão, a cegueira que lhe impedisse de ver o que tinha feito com ele. Porque embora a alienação se dissipou, o medo voltou. O medo que ele também a abandonasse.



Capítulo Dezessete

Gavin, a seu lado, abraçou-a com ternura, deixou que tremesse e pensou que era uma criatura muito formosa. Sim, admirava sua calma exterior, sua segurança, mas o tinha assombrado com a paixão que levava dentro. Tinha sonhado, esperado, mas era muito mais do que se imaginou.

Fechou os olhos pela luz da manhã e voltou a vê-la como a noite anterior. Com os lábios entreabertos, com o cabelo como a luz da lua esparsa sobre seu corpo, com sua mão levantada para juntar-se a dele.

Então, só nesse momento, abraçando-a por completo entre seus braços, deu-se conta de quão delicada era. As mãos, os dedos, as clavículas, tudo se diminuía entre seus braços. Não era grande coisa para a força de um guerreiro.

Tinha-a forçado? Fez-se a pergunta com medo da resposta. Não tinha sido sua intenção. Tinha querido ganhar sua lealdade com seu corpo, mas tinha querido que fosse livremente para ele, embora estivessem enjaulados nesse matrimônio como pássaros cativos.

Ao princípio, quando todo seu corpo o apressava para que a tomasse, ela tinha estado caída e coberta por uma couraça emocional, tão impenetrável como a de um guerreiro. Lenta e gradualmente a tinha tirado. O que lhe tinha dado ele em troca? Como se sentiria quando despertasse? Sentiria uma união tão profunda como a que sentia ele?

Uma noite, um vôo, isso era o que lhe tinha prometido. Clare teria querer uma próxima vez, embora não sabia como poderia não beijá-la nem tocá-la até então. Sonhava com o que poderiam fazer na vez seguinte. Estaria disposto quando ela estivesse também.

Entretanto, se não escolhia livremente, nunca poderia arriscar-se a lhe revelar o que se ocultava sob a couraça que protegia sua alma. Porque, por fim, sim lhe importava o que pensasse alguém.

Clare se desceu da cama enquanto ele dormia. Tinha medo de ver-se com ele tão logo. Já conhecia o roçar de sua pele por baixo de sua cintura, a força de seus braços nos lados dela, o momento incrível quando ele também se estremeceu. Sentiria-se tão vulnerável como ela? Quando se entregou a ela, entregou algo mais que sua semente?

Ela se tinha entregue plenamente, sem dizer uma palavra. Ele já tinha seu coração em suas mãos e podia amassá-lo em qualquer momento.

Amarrou o cabelo por trás da cabeça e o atou com um laço, não teve tempo para fazer uma trança. Seu pai devia ter segurado os seus homens porque ninguém foi bater na porta. Olhou pela janela. Seria meio-dia? Tinham passado um dia na cama?

Parou com a mão na fechadura da porta temerosa de sair e encontrar-se com os olhares eloqüentes. Embora não a tivessem ouvido gemer, todo mundo sabia como passavam a noite de bodas um casal recém casado.

O ruído na sala comum a tranqüilizou. Murine devia ter preparado o almoço. Desceu nas pontas dos pés e cruzou a sala comum sem que a vissem. Sorridente, maravilhou-se de que o mundo continuava em seu lugar. Parecia impossível que o céu fora azul com algumas nuvens soltas. Deveria estar andando sobre estrelas com as árvores enraizadas no céu.

Seus passos, como se tivessem vontade própria, levaram-na aos aviários. Nos dias prévios às bodas não tinha tido tempo para visitar Wee One. Quando se acostumou à penumbra, ouviu algo distinto. Uns pintinhos piavam. Os ovos do Wee One se abriram. Conteve a respiração e se aproximou. Dois pintinhos davam gritinhos no ninho. Wee One estava a seu lado com as asas pregadas e uma atitude agressiva. Seguiu com a cabeça cada passo de Clare. Ela e Wee One se olharam por um bom momento. Então, com muito cuidado, inclinou-se sobre o ninho contendo

o fôlego. Os pintinhos, com os olhos fechados e os picos rosa abertos, pareciam duas bolas cobertas de plumas esponjosas. Eram muito pequenos e frágeis. Não podiam ter mais de uns dias.

Tinha aberto a janela que havia no alto da gaiola, com os pássaros atados, para que o falcão macho pudesse entrar e sair. Suas partes de comida e de penugens soltos enchiam o ninho, mas os pintinhos piavam como se tivessem fome. Possivelmente não lhes tivesse levado comida suficiente. Pegou a bolsa de comida do falcoeiro e se perguntou se os pintinhos comeriam a mesma coisa que os pássaros adultos. Tirou uma parte de comida e o esfarelou entre os dedos sem deixar de olhar para Wee One. Ela tinha alimentado assim a seu falcão. Possivelmente também pudesse alimentar aos pintinhos. Abriu o braço com suavidade...

— Pare.

Deu a volta. Gavin, com sorriso amável e voz imperativa, estava na porta. Recém lavado, com o cabelo ainda molhado, tinha o sorriso de um jovem escudeiro, não o gesto sério de um guerreiro.

Ela recordou seus lábios e os peitos a queimaram. Tragou a saliva sem poder falar, ao pensar em tudo o que tinham feito... e querendo repeti-lo uma e outra vez.

Ele pegou o braço dela e se deu conta de que não se moveu, que seguia com o braço aberto.

— Se lhes der de comer, começarão a gritar cada vez que se aproxime.

Era um homem desalmado.

— São muito pequenos para caçar. Como vão comer?

— O falcão macho trará comida. A menos que queira soltar Wee One para que o ajude.

Ela retirou a mão, mas não fez nada para desatar Wee One.

— Por que sabe tanto de falcões?

— Foram uma boa companhia para um menino exilado. O falcoeiro do rei foi muito paciente comigo.

— Que rei?

Os dois sorriram.

— Os dois. David tem um falcão. Eduardo lhe deixa caçar.

— Eduardo é muito considerado.

— Seus exércitos lutam entre si, mas são familiares por matrimônio. Alguns dias, em privado, são tão cordiais como uma família.

Quantas esperanças se depositaram no matrimônio do David com a irmã do Eduardo, quando os dois eram uns meninos. Chamaram-na Jane a Pacificadora, mas não foi assim.

Entretanto, ela não queria falar de fronteiras e guerras quando a relação com seu marido era tão frágil como esses pintinhos.

— Que mais te ensinou sobre os falcões? Alguma vez criou um na gaiola?

Ele negou com a cabeça.

— Levaram alguns falcões jovens dos ninhos. Se seus pais não os adestrarem, nunca chegam a ser bons caçadores.

Ela encolheu o coração. Até os pássaros necessitavam de uma mãe que os ensinasse. Voltou a olhar as bolinhas emplumadas.

— Então, terei que deixá-los com o Wee One.

— Venha — lhe rodeou os ombros com um braço e a levou para a porta — Temos que ir nos encontrar com todo mundo.

Ela suspirou porque sabia que os comentários seriam obscenos e foi com ele para a torre.

O que lhe haveria dito sua mãe? Perguntou-se enquanto aceitava os abraços do Murine e Euphemia. O que tinha que fazer?

Observou Gavin conversar com os homens que lhe perguntavam sobre as proezas dessa noite. A maioria o rodearam e levantaram suas taças. Thom, quem encabeçou a briga do Beltane, e um par deles mais, mantiveram-se à margem cochichando com suas cervejas. Seus olhares receosos voltaram a despertar as dúvidas dela.

Conhecia-o de verdade? Podia confiar nele? Podia confiar no que sentia? Se ele a queria de verdade, se queria o matrimônio que tinha vislumbrado na escuridão na noite anterior, voltaria a ir a ela. Ela não o pediria.

Junho deu passo a julho tão depressa como as nuvens cruzavam o céu. As ovelhas, já tosquiadas, pastavam no alto das montanhas para engordar com a erva do verão. Entretanto, ele não voltou a ir a ela. Deitava-se sozinha noite após noite e ele alegava que tinha que inspecionar a armaria ou revisar as contas das vendas de lã. Logo, esperava até que estava certo de que ela dormia.

Entretanto, muitas noites ficava caída de lado, com os olhos fechados, e escutava as leves pisadas de suas botas, o roçar da túnica ao tirar e o rangido da palha quando a cama se afundava debaixo dele.

Todas as noites, quando se deitava, sua pele desejava o contato de seus dedos. Um par de vezes, esteve a ponto de dar a volta para tocá-lo, mas fechou os punhos para conter as mãos. Uma dama nunca daria o primeiro passo.

Noite após noite se caíram um ao lado do outro, com as costas tocando-se, mas ele nunca a acariciou. Algumas noites, nem sequer foi à cama. As esperanças se desvaneceram pouco a pouco. Não a tinha abandonado como Alain, mas sim a tinha abandonado em espírito. Já não compartilhariam mais segredos. Os gritos e gemidos dela o tinham dissuadido.

Achou que não lhe importava. Viviam entre mais pessoas e todos podiam ver seus gestos e ouvir suas palavras. Os dois tinham obrigações. Comiam com outros e se alguma vez o observava com melancolia quando tirava a túnica e levantava seus poderosos braços para ensinar ao Angus como brandir uma espada, só Murine se dava conta. Seu sorriso, silenciosa e compassiva, era um pouco de consolo.

Só falavam a sós quando estavam nos aviários. Os pintinhos cresceram depressa e umas plumas escuras substituíram a uma penugem branca. A beira da prateleira, agitavam as asas como se estivessem ansiosos de voar. Clare tinha fechado as venezianas, temerosa de que pudessem sair voando e não encontrassem o caminho de volta, mas nenhum dos dois se animou a dar o salto da prateleira.

Chegou-lhe o período e soube que tinha que dizer-lhe. Se queriam ter um herdeiro, teriam que voltar a compartilhar algo mais que o leite.

Essa noite, fingiu dormir até que ele se deitou. Então, deu a volta e lhe tocou o ombro. Ele se ficou sobressaltado, como se esse contato tivesse sido o sinal de que tinha chegado o inimigo.

— O que aconteceu?

— Tive o período.

Custava-lhe dizer as palavras e acreditou que não faria falta dizer nada mais. Entretanto, ele não comentou nada e tampouco a tocou.

— Acaso não é o normal?

A pergunta lhe pareceu tão estranha como a informação dela.

— Sim — respondeu ela com as bochechas lhe queimando.

Ele a olhou inexpressivamente, como se não soubesse o que ela queria dizer.

— Não espero um filho.

— Sei — replicou ele com um sorriso vacilante.

Ela tragou saliva ao não saber se seria capaz de dizê-lo. Como uma dama ia pedir algo assim?

— Isso significa que temos que...— ela baixou o olhar— outra vez.

Ele cruzou as pernas por debaixo dos lençóis, felizmente, e se inclinou para ela.

— Temos...?

— Se não tivermos um filho, perderemos a torre.

— Não será a primeira que perco em minha vida.

Sua voz, áspera, soou a anos vazios. Odiava-a tanto que renunciaria a tudo só para evitá-la? Possivelmente ele não soubesse, mas ela sim sabia o significado da vassalagem.

— Nossa obrigação é ter um filho.

Ele suspirou e colocou a cabeça entre as mãos.

— Isso é tudo o que isto significa para você? Obrigação?

— O que quer dizer?

Foi agarrá-la, mas se conteve e se cruzou os braços sobre o peito. Mesmo assim, acariciou-a com o olhar.

— Disse-te que cada vôle era uma escolha. Só o escolhe por obrigação?

— Acreditei...

O que podia responder? Entretanto, ali estava esse homem, seu marido, olhando-a com os olhos transbordantes de desejo, de algo mais que isso.

— Acreditei que não me desejava — terminou ela.

Ficou atônito, com os olhos fora das órbitas e a boca aberta. O golpe de uma espada não o teria impressionado mais. Então, sorriu de orelha a orelha e a abraçou. Sentiu-se segura, com o queixo dele em cima da cabeça, e notou que a risada lhe ecoava no peito.

— E eu acreditei que você não me desejava .

O medo que a dominou por dentro desapareceu e deu passo a uma excitação vertiginosa.

— Estava me esperando?

Que homem faria algo assim?

— Sim. Prometi que poderia escolher.

A risada dela brotou do mais profundo.

— Então, meu marido, parece-me que temos feito esperar muito ao futuro bebê.

Lhe ofereceu os lábios com descaramento e os olhos abertos. Dessa vez, veria tudo o que ele fazia.

Entretanto, sem a liberdade da escuridão, viu muito mais. Os narizes se chocaram. Primeiro o agarrou pelo pescoço, logo depois os braços e acabou deixando cair às mãos nos lados sem saber o que fazer.

Ele a provocou com a língua e ela correspondeu tentando agradá-lo, mas em vez de ser um gesto sensual, pareceu-lhe como a petulância de um menino. A primeira noite temeu o desejo que despertava nela, mas dessa vez era uma mulher torpe, insegura e convencida de que nunca poderia agradar a seu marido. Cansada de fazer tudo errado, ficou imóvel, voltou para a submissão, deixou que ele fizesse o que quisesse. Os beijos que lhe haviam coberto as bochechas, o pescoço e os ombros se distanciaram até que cessaram. Ele se afastou e a olhou atentamente.

— Tem certeza que era o que queria.

— Quero, de verdade.

— Então, o que aconteceu?

Ela olhou para outro lado.

— Acho que sou como um pintinho — ela se lembrou dos pintinhos na beira do ninho sem se atrever a saltar — Quando o vejo todo... — como podia explicar-lhe Sou como um falcão que necessita que lhe tampem os olhos por causa dos seus medos.

Ele sorriu com uma mescla de ternura e luxúria.

— Sei que fomos muito depressa. Terá que voltar para seu adestramento.

A seda voltou a lhe acariciar o rosto. Uma vez na segurança da escuridão, seus sentidos reviveram, dispostos a receber outra vez suas carícias. Caiu com um suspiro de alívio.

— Antes que um falcão esteja preparado, tem que conhecer o chamariz — disse ele com uma voz sedutora.

Ela notou que ele se levantava e tentou imaginar movendo-se pela habitação.

— O que faz? — perguntou ela com impaciência.

— Preparar o adestramento de meu precioso pintinho — abriu a tampa da arca e voltou a fechar-se — Não vou arriscar me a perdê-lo e para isso...

Esticou-lhe um braço até a beira da cama e, tão depressa como punha o capuz a Wee One, notou uma tira de couro ao redor da mão.

— ...terá que atá-lo.

Colocou-lhe a outra mão da mesma maneira.

— Agora, minha esposa, estamos preparados para retomar o adestramento.

Nesse instante, ela sentiu um comichão nos mamilos e uma palpitação entre as pernas. Estava às custas dele e o desejo se mesclou com o medo até que não pôde distingui-los.

— Está cômoda?

Ela assentiu com a cabeça.

— Recorda-se, de «para» quando quiser.

— Recordo-me.

Entretanto, também recordava outras coisas. Quanto havia pedido a ele para parar e, nesse momento, como seria impossível para ela parar.

Um pouco muito suave, a ponta de uma pluma, começou a lhe roçar o tornozelo e a subir lentamente pelo interior da perna nua. Soube onde ia terminar e já estava úmida pelo desejo. Tragou saliva para sufocar os batimentos do coração do coração que não lhe deixavam falar.

— Terá paciência comigo? Não me fará mal...

A pluma deixou de acariciá-la.

— Nenhum falcoeiro faria mal a um falcão, mas tem que escolher.
Quer remontar este vôo?

A mão dele, grande e delicada, tomou a dela enquanto esperava.

A outra vez, temerosa de um desejo tão intenso, pensou que se voltaria louca. Entretanto, tinha descoberto um céu imenso, um mundo novo e a liberdade de explorá-lo.

— Sim — respondeu ela com os dedos entrelaçados com os dele.

Gavin suspirou com mais alívio do que ela tinha esperado e a beijou na frente.

— Então, voa para todo o alto e longe até onde possas. Eu te alcançarei.

A pluma voltou a lhe acariciar a coxa.

— Além disso, aprenderá com isto quando pode esperar o alimento do amor, como quando se alimenta a um pássaro.

Ele deixou escapar um assobio muito suave. Logo, ela notou seus lábios no interior da coxa e soube que nenhum dos dois pararia.



Capítulo Dezoito

Depois de que ela se liberou, Gavin a abraçou enquanto seguia tremendo... ou era ele quem tremia? Quando a apressou, não se tinha dado conta do muito que pedia.

Nenhuma mulher tinha se entregado a ele tão plenamente. Não tinha reservado nada, não tinha oculto nada para que ele não o captasse. Se fosse um falcão, não haveria nenhum melhor e nunca permitiria que ela se perdesse. Saber que ela, essa parte dela, pertencia-lhe, fazia que se sentisse, pela primeira vez em sua vida, como algo mais que um bastardo sem país.

Abraçou-a com mais força e a beijou em um ponto sensível que tinha descoberto no pescoço, justo detrás da orelha, abafado pelo cabelo.

Não queria excitá-la, a não ser tranquilizá-la, lhe dizer sem palavras que sempre a manteria a salvo, sempre.

A sós nessa cama estavam ao amparo das fronteiras de seu próprio reino, mas ele sabia que isso era provisório. Douglas, David, Eduardo e os conflitos do mundo voltariam a alcançá-los. Só faltava saber quando.

Estava entre seus braços, tremendo e com vergonha de olhá-lo nos olhos. O que pensaria dela? No final, algo a tinha atravessado. Incapaz de contê-lo, sentiu-se como se a tivessem aberto em dois e o espírito, a essência que tinha reprimido por toda a sua vida, liberou-se. Os espasmos de seu corpo foram incontáveis, como se nesse momento só fosse um animal que gritava sem controle e que não podia mais usar máscaras. Com

toda certeza, ele se afastaria apavorado ao ver essa mulher que gritava como uma selvagem.

Alain o teria feito.

Entretanto, seu marido seguia quieto a seu lado e a protegia com seus braços. Pela primeira vez, sentiu que podia baixar suas defesas. Os braços dele as tinham substituído.

Essas coisas assombrosas que faziam juntos, essas sensações desenfreadas que brotavam entre eles, seriam seus segredos. Haveria-as sentido alguém antes? Não podia ser. Ninguém teria podido sobreviver a tanta... vulnerabilidade. Era débil, indefesa, mas ele fazia que se sentisse segura. Como se tudo o que tinha feito e sentido fosse tão perfeito como um falcão que seguia seus instintos.

Beijou-lhe o pescoço por trás da orelha, seu fôlego era delicado e seu sussurro, um fio de voz quase inaudível.

— Foi um vôo perfeito, meu intrépido falcão. Eleva-te por cima de outros.

Ela se aconchegou contra seu ombro. A liberdade que tinha procurado, que tinha açoitado pelas montanhas, encontrava-se na escuridão de uma cama compartilhada.

Seus dias se fizeram luminosos e suas noites escuras. Cada vez que se juntavam, ela ficava saciada, embora horas, minutos depois, já desejava suas carícias. Detestava os dias tão compridos do verão que os mantinham levantados, mas aproveitavam o tempo para adestrar aos dois falcões jovens, Wee Twa e Wee Thre. Gavin e ela lhes ensinaram a perseguir o chamariz, primeiro no pátio e mais tarde em campo aberto. Cada vez que o apanhavam lhes davam algo de comer, como passaria quando caçassem uma presa viva.

Entretanto, não podiam ficar todos os dias com os pássaros. Quando ela trabalhava na cozinha ou recolhia ervas aromáticas no horta, suas mãos se moviam sozinhas enquanto recordava a noite anterior. Murine e seu pai intercambiavam sorrisos furtivos quando a viam. Ela não

fazia caso. Algumas vezes, ouvia um assobio leve e vibrante, olhava-o e o via observando-a com um sorriso repleto de insinuações sobre a noite que se morava em seu mundo secreto e afastado da luz do dia.

Depois do encontro, falavam com a mesma intimidade com que se amaram. Falavam das tarefas cotidianas ou de se deviam implantar as plumas de um falcão com asas curtas para que pudesse voltar a voar. Também falavam de seus dias de meninos desterrados. Clare, de seus dias solitários e sem mãe na França, onde tentava corrigir seu acento escocês e aprender todas as normas de conduta. Gavin, de seus dias como pajem ao serviço do rei David em terras estrangeiras, que lhe diziam que eram as suas.

Entretanto, embora desejava suas carícias, tinha o lenço de seda à mão porque necessitava do amparo da escuridão antes de poder entregar-se de verdade.

— Não jogue tanta canela, Euphemia. A receita diz a metade disso.

Clare estava tentando lhe ensinar a ajudar na cozinha, mas essa tarefa punha à prova a sua paciência.

— Tem que pesar e medir com cuidado, não jogar punhados à toa.

— Mas eu gosto da canela!

— A mim também, mas isso não quer dizer que possa jogar o que quiser — essa especiaria marrom era muito apreciada e Clare olhou dentro da bolsa para ver quanto tinha — Tonto te ensinar a fazê-lo bem.

Euphemia se encolheu de ombros e seguiu sorrindo.

— Agradeço-lhe por isso, senhora — Euphemia aproximou o nariz, cheirou e suspirou agradada — Embora cheire bem.

Clare enrugou o nariz e também cheirou para tentar calcular quanta canela tinha jogado. Possivelmente, se gostasse do sabor, corrigiria a receita. Tinha comprovado, a contra gosto, que Euphemia era capaz de cozinhar sem necessidade de instruções. Trabalharam um momento em silêncio.

— Ontem à noite te vi com o Walter e a noite anterior com o Thom — comentou Clare.

Thom era um dos bagunceiros que atacaram Gavin na noite de Beltane. Walter era aprendiz de ferreiro e era um moço bom e equilibrado.

— Algum te falou que matrimônio? — acrescentou Clare.

Seu pai havia dito que se casaria com o primeiro que o pedisse, se não a deixasse grávida antes.

— Não. Fitzjohn está muito atarefado, Walter está ocupado com os cavalos e Thom está muito atarefado queixando de Fitzjohn.

— Queixando? O que diz? — Clare perguntou com mais calma do que sentia.

Os soldados murmuravam sempre, mas, ao que parecia, esse murmurava algo especial.

— Que Fitzjohn é mais inglês que escocês — respondeu a moça.

Ela, a salvo na cama com Gavin, esqueceu-se de que ele seguia sendo inglês para muitos dos homens.

— Outros também o dizem?

— Alguns — Euphemia se encolheu de ombros — Sempre lhes digo o quanto foi bom comigo.

Clare sorriu e sentiu vontade de abraçá-la. Não era um argumento que fosse convencer a um guerreiro, mas, em qualquer caso, era um sentimento terno.

— Acredita que são algo mais que comentários?

A moça inclinou a cabeça como se meditasse.

— Não sei.

Gavin tinha receio de Douglas e possivelmente tivesse tido razão. Possivelmente Douglas tivesse deixado espiões dentro das muralhas. Deixou a colher e secou as mãos no avental.

— Euphemia, tenho que sabê-lo. Pode inteirar-se por mim?

Ela assentiu com a cabeça.

— Se ouvir algo, algo que seja uma ameaça para ele, diga-me isso.

— E ao Fitzjohn?

— Não. Diga-me isso antes .

A moça era muito jovem para distinguir entre um comentário e uma conspiração. Não havia motivos para importunar a seu marido se a ameaça não era real.

— Vocês gosta de estar casada com ele, verdade, senhora?

— Sim.

Pareceu-lhe um milagre reconhecê-lo.

— Eu disse que ele era bonito.

Clare esteve a ponto de rir.

— Suponho que agora dirá que foi você quem o convidou à torre.

— É verdade, não? — perguntou a moça com um sorriso.

— E mereces que te agradeça por isso como Deus manda. Obrigado.

Essas palavras lhe soaram tão doces como a canela.

Tinha chegado o momento de que Wee Twa voasse livre. Clare sabia, mas embora o pássaro estava preparado, ela, não.

— Hoje — disse Gavin — Tem que ser hoje.

Ela olhou para o céu preocupada com o clima, mas a chuva de agosto tinha cessado. O céu estava azul, com algumas nuvens como de algodão.

— Faz um pouco de vento. Não é melhor, amanhã.

— Está a sete dias dizendo “amanhã”.

— Mas Wee Thre está doente. Deveríamos esperar até que fique boa para que possam voar juntas.

Tomou o rosto dela entre as mãos e a girou para que o olhasse.

— Agora. Se não, nunca voará.

Ela assentiu com a cabeça porque sabia que tinha razão. Tremeram-lhe as mãos quando lhe soltou a correia de couro. Tentou tranquilizar-se com essa rotina conhecida. Tinha adestrado bem ao Wee One. O pássaro voltava sempre quando ela assobiava. Entretanto, desconhecia tudo sobre esse pássaro jovem. Tinham-no adestrado, claro, e o tinham solto para chamá-lo da cabide ao punho, tanto no pátio como fora da torre. Entretanto, Clare não se arriscou a deixá-lo voar em

liberdade. Tinha desdenhado centenas de anos de experiência dos falcoeiros ao atrever-se a criar os pintinhos. Nesse momento, comprovaria se tinha acertado ou tinha sido uma tola.

Cavalgaram colina acima até que as árvores deram passo aos arbustos. Ela olhou ao redor com a esperança de que ali houvesse menos possibilidades de perdê-la que nas ladeiras cheias de árvores.

— É muito longe, Gavin. Necessita de mais adestramento.

Ele a ajudou a desmontar.

— Clare, é o momento. Está adestrada e quer que saibamos o que pode fazer. Seu instinto é voar.

Ele acariciou a bochecha de sua esposa e ela se ruborizou. O instinto dela era unir-se com ele.

Olhou ao pássaro encapuzado que tinha na luva de couro. Teria feito tudo bem? Sairia bem? Entretanto, Wee Twa era uma caçadora e tinha que voar.

Passou a ave para a mão de Gavin e pegando o chamariz, balançou-se ao extremo da corda. Girou-o da forma habitual, de cima abaixo, de um lado ao outro e por cima da cabeça. Indicou a Gavin com a cabeça que estava preparada. Tirou-lhe o capuz. O falcão olhou ao redor. Já tinham estado ali e conhecia o lugar. Gavin, afastado dela, levantou o punho e Wee Twa preparou o vôo. Clare pôde ouvir as asas que batiam com tanta força, como o pulso em seu pescoço. Também ouviu o vento e as campainhas que se afastavam. Começou a girar o chamariz.

O pássaro seguiu voando como se fosse elevar-se até o mais alto do céu e não voltar nunca mais. Até que viu o chamariz. Então, o céu deixou de lhe interessar.

Ao princípio foi fácil manter o chamariz justo diante do falcão. Tão perto que podia vê-lo e quase alcançá-lo. Tão perto que não se desanimava, mas o suficientemente longe como para que seguisse voando. Clare deu uma volta completa oscilando o chamariz, com as saias agitadas pelo vento, como se o falcão e ela estivessem dançando. Era fácil ir em frente de Wee Twa, inexperiente caçadora ainda.

À terceira volta, desacelerou levemente, justamente para que o pássaro atacasse e “matasse” o chamariz. Clare se aproximou apressadamente e o chamou com o braço estendido. O pássaro se posou em sua mão para receber sua recompensa, como lhe tinha ensinado.

Gavin também se aproximou e lhe rodeou os ombros com um braço. O vento lhe tinha solto o cabelo e sorria exultante.

— Outra vez?

O falcão fez o que lhe tinham ensinado mais depressa cada vez, até que nem sequer Gavin pôde manter o chamariz afastado facilmente. Clare, feliz por ele êxito da jornada, terminou o exercício entre risadas.

— Assim que esteja bem, faremos o mesmo com o Wee Thre e poderemos sair a caçar com os dois — comentou ela atropeladamente, enquanto punham o capuz ao pássaro — Vê? É possível criar um falcão no ninho. Voltará para a mão como sua mãe.

Ele franziu o cenho em vez de compartilhar sua alegria.

— Não se pode estar seguro com os pássaros. Nunca.

Gavin o disse como se também se referisse a eles.

Mais tarde, naquela noite, lhe falou por fim de seu nascimento.

— Minha mãe vivia perto do Halidon Hill, onde meu pai contribuía para que o exército inglês conseguisse a vitória — começou a lhe contar em voz baixa.

Ela queria inteirar-se embora não gostou que o passado se metesse na cama com eles. O nome dessa batalha era como veneno na boca de um escocês. Mais que uma batalha perdida, supôs a morte de uma geração de caudilhos. Tinham passado vinte anos e muita gente dizia que a Escócia não se repôs ainda dessa perda.

— Então, ela fez parte dos despojos da guerra?

Clare fez uma careta de desgosto ao imaginar um príncipe enlouquecido pela luxúria da batalha e um filho fruto de um encontro violento.

— Não! — respondeu ele com tensão, embora seguiu com um tom mais sereno — Ao menos, ela não me contou isso assim. Conheceram-se antes da batalha.

Ele caiu de costas e olhou para o teto.

— Como lhe contou isso? — sussurrou ela.

— Ao que parece — começou ele, como se fosse contar uma história que gostava —, John do Eltham, o irmão menor do rei, tinha vivido tanto tempo na Escócia que acabou gostando muito dessa terra. Pensou em se nomear rei se tivesse podido submetê-la.

Ela ouviu que ele ria.

— É mais difícil submeter à vontade de um escocês que a de um falcão — comentou ela.

— Isso comprovou ele.

Clare tomou a mão como se quisesse animá-lo. Ele seguiu olhando para o teto, mas voltou a falar.

— Um dia, estava encabeçando a seus soldados perto de Berwick. Foi uns meses antes da grande batalha. Pararam em um convento porque estavam famintos e sedentos. As monjas, naturalmente, não podiam atender aos soldados, mas havia algumas filhas de famílias locais refugiadas ali. Uma delas era minha mãe, Margaret McGuffin.

Ela tinha ouvido falar desse clã das terras altas.

— Conforme me contou ela, ele só tinha dezessete anos e ela também. Uma manhã, desapareceram.

Clare conteve a respiração ao imaginar-se apaixonados. John do Eltham seria uma águia imperial, como seu filho, e Margaret McGuffin uma jovem muito jovem para ser prudente e, possivelmente, rebelde... ou, possivelmente, muito entusiasmada para que lhe importasse. Ela já podia entender esse sentimento. Inclusive perdoá-lo.

— Também me contou que ele prometeu casar-se com ela.

Era impossível, teve que ser uma fantasia romântica de uma mulher que queria salvar seu orgulho.

— Entretanto, ele era inglês — comentou ela.

Gavin a olhou nos olhos e ela captou um desejo melancólico de querer acreditá-lo.

— Embora se ele fosse governar a Escócia, poderia escolher a esposa — replicou Gavin.

Clare não ia lhe tirar essa ilusão. Ela também tinha se obstinado à lembrança infantil de uma mãe perfeita.

— O que aconteceu a ela?

— As monjas a protegeram, e a mim. Entretanto, quando voltou para sua casa, sua família estava furiosa e disposta a repudiá-la com seu filho inglês e bastardo. Isso foi depois da batalha e meu pai se converteu em um dos inimigos mais odiados da Escócia... e com motivos — acrescentou ele com uma expressão de amargura.

— Então, ela não voltou a vê-lo.

— A história não é tão simples — respondeu ele com o cenho franzido — Sim o viu. Ele ia a caminho do Perth. Onde morreu. Eu era um menino muito pequeno, mas o vi abraçar e beijar a minha mãe. Quando partiu, ela chorou muito tempo.

— Porque a abandonou?

— Não, porque ela já sabia que ele era um monstro disposto a queimar uma igreja cheia de inocentes que se refugiaram ali e que eu levava seu sangue — respondeu ele com uma voz tão desolada e cortante como o vento de janeiro — Ele morreu umas semanas depois.

Seu irmão o matou. Toda Escócia sabia a história sobre a fúria de Eduardo. Nem sequer o rei da Inglaterra podia consentir semelhante sacrilégio, ao menos, naquele momento. Era uma lembrança dolorosa para Gavin e ela apertou-lhe a mão.

— Morreu e me deixou para que lutasse contra seu sangue envenenado — Gavin se sentou e a olhou — Lutei contra ele todos os dias de minha vida e te juro que eu não matei essa gente.

— Acredito — sussurrou ela com sinceridade, pela primeira vez.

— Entretanto, quis fazê-lo. Não o entende? Por um momento aterrador, quis fazê-lo.

Ela o abraçou e pensou que choraria, mas só notou um estremecimento comprido e doloroso, embora não soube se foi dele ou dela. Entregou-se plenamente a ele e se perguntava se conhecia esse homem absolutamente. Teria uma atadura nos olhos em mais de um sentido?



Capítulo Dezenove

Ele havia dito que não se podia ter nenhuma certeza com os pássaros. Ela o comprovou a princípios de outubro.

Wee One e Wee Twa estavam preparadas para caçar e ansiosas de começar a temporada. Entretanto, quando Wee Thre esteve doente, Clare cuidou dela como se fora uma filha e o pássaro perdeu todo o medo dos humanos e todo o interesse pela caça. Ao final, tiraram-na dos aviários e a levaram para a sala comum, onde todo mundo a mimava e ela chiava para que lhe dessem os restos de comida.

Nesse dia, deixaram Wee One nos aviários e levaram ao Wee Twa para que fizesse seu primeiro vôo de verdade. Era um dia radiante e fresco e cheirava a folhas silvestres quando o falcão capturou sua primeira presa, uma pomba. A segunda escapou, mas ao terceiro intento apanhou sua segunda pomba em pleno vôo.

Clare quis que voasse a última vez enquanto o sol se aproximava das montanhas. Possivelmente houvesse se tornado imprudente ou muito confiada. Possivelmente estivesse cansada ou possivelmente o estivesse o pássaro. Possivelmente já não tivesse fome ou o céu lhe parecesse mais tentador que uma presa.

Fora qual fosse o motivo, quando levantaram um chamariz e olharam para o céu, Wee Twa não deu a volta, e seguiu voando para a escuridão das montanhas, para a fronteira, como se soubesse aonde ia.

— Não!

O vento levou o grito de Clare e o arrastou atrás do pássaro. Wee Twa já era um ponto quase invisível. Assobiou até que os lábios lhe tremeram e não pôde mais mantê-los firmes. O falcão, se a ouviu, não fez

conta. Gavin a abraçou por trás em silêncio, sobravam às palavras, mas ela as necessitava.

— Deixei-a voar muitas vezes. Dei-lhe muita comida.

Clare tentou lembrar-se de todos os passos do adestramento. Em qual se equivocou? Estreitou-se contra o peito dele.

— Seu instinto é voar.

— Não o deste pássaro — replicou ela fechando os olhos para conter as lágrimas — Só conhece os aviários. Não pode desejar o que desconhece.

— Você o fez.

Ela tapou a boca com as mãos. As coisas que desejava. As coisas que tinha procurado nele embora não as conhecia até que as encontrou. Toda sua educação não tinha sufocado o fogo desses desejos.

— Vamos buscá-la — disse ele.

Ela se separou de seus braços.

— Não servirá de nada. Um falcão perdido é como se estivesse morto.

— Já disse que a buscaremos. Não disse que vamos encontrá-la.

Entretanto, ele queria tentá-lo por ela. Era um gesto tranquilizador, mas não trocava a realidade. Tinha desafiado o estabelecido, acreditou que sabia mais que gerações de falcoeiros só porque o desejava com força. Esse era o preço. Seria o primeiro pagamento de muitos outros?

No dia seguinte, voltaram a sair a cavalo. Os pastores estavam baixando alguns rebanhos das montanhas. A névoa cobria o vale como geada em suspensão. Ao subir, o vento voltou a soprar e a limpar o céu.

Desmontaram e deixaram os cavalos para seguir a subida. Os pastores tinham feito um atalho com pedras onde o chão se convertia em uma superfície quase pantanosa. O vento, implacável, agitava-lhe o capote, assobiava-lhe nos ouvidos e lhe arrancava as lágrimas das bochechas. Como poderia voar um pobre pássaro nesse vendaval? Olhou para o topo quando o vento, subitamente, conteve o fôlego. A névoa caiu em seguida e a cegou como se fosse um capuz.

— Está por aqui.

Gavin, quase invisível entre a névoa, olhava o chão como se procurasse algo.

— O que?

— A fronteira.

O frio que a dominou não foi pela névoa. Teria se dado conta o pássaro quando a cruzou? Seria mais azul o céu na terra de Eduardo e lhe oferecia algo que ela não podia lhe oferecer?

Aquela primeira noite, Gavin lhe perguntou onde estava a fronteira em seu corpo. Nesse momento, possivelmente estivesse com um pé a cada lado dessa linha riscada pelos homens.

Ao unir-se, ela tinha acreditado que o vazio dele, e o dela, fechariam-se, que desapareceriam as divisões e as feridas, que juntos, teceriam um tecido sem costuras e que ele seria um escocês sem dúvidas. Entretanto, como suas mãos entrelaçadas, não podiam estar completamente unidos, entreteciam-se como um tecido escocês, com distintas cores, mas para formar um desenho novo. Entretanto, esse desenho não estava definido ainda e temia que ele seguisse liberando uma batalha interior que só ela tinha vislumbrado.

A névoa se espessou. Não tinha sentido seguir procurando, o pássaro escapou. Esperou que Wee Twa encontrasse aquilo que estava procurando. Estendeu uma mão para Gavin, mas enquanto ela tinha estado olhando o céu, ele tinha estado olhando o chão. Agachou-se para observar de perto a erva geadada.

— Que vê?

— Rastros.

Ela também pôde vê-las sobre a geada. Uns cavalos tinham passado do lado inglês. Olhou-o nos olhos.

— Uma expedição.

— Sim. Querem recuperar esse ganho... e algo mais.

Deram a volta para descer da montanha. A trégua de Douglas tinha se quebrado.

O amor despreocupado já não encheu suas noites. Gavin dormia muito pouco e se levantava um par de vezes pelas noites para fiscalizar os guardas e receber os informes das patrulhas. Clare, que já não podia contar com seu calor na cama, voltou a usar a camisola.

As muralhas eram sólidas. Enquanto o gado estivesse dentro, os ingleses não atacariam diretamente. Entretanto, Gavin tinha ordenado que deixassem parte do rebanho fora do recinto amuralhado.

Uma noite, ela despertou quando ele se levantou.

— Aonde vai?

— À torre de vigilância.

— Há vigias na torre.

Ele tomou o capote sem olhá-la.

— Confio em meus olhos e ouvidos.

— Se guardasse o gado dentro das muralhas, poderia dormir toda a noite.

— Então, teria que ficar acordado toda a temporada esperando que voltassem a tentá-lo.

Ela ouviu o roçar de couro com metal, o que indicava que se colocou o cinturão e tinha embainhado a espada.

— Só podem levá-lo se roubarem na escuridão — replicou ela.

— E eu quero que pensem que isso é exatamente o que estão levando.

— Está certo de que seu plano não é lhes dar nossas ovelhas?

Ele ficou quieto. Não podia ver sua cara na escuridão, mas ela soube que refletia raiva.

— Por quem toma? Só tento proteger esta torre e tudo o que lhe pertence.

— Perder os animais compensa isso?

— Se o plano der resultado, não os perderemos.

— E se não der resultado?

— Tenho que me arriscar.

— Não tem que se arriscar a nada! Guarda o gado dentro e não haverá nenhum perigo.

— Não, haverá a certeza de que voltarão uma e outra vez. Quer promessas ou garantias?

— Quero que ajuste às regras.

— O inimigo não o faz.

Por isso ela detestava esse lugar. Não haveria uma batalha em campo aberto. Não haveria desafios entre cavaleiros. Não haveria vitórias ou derrotas valentes e nobres. Só se escapuliam na escuridão para matar e roubar.

— Por isso é o inimigo.

Ele suspirou, sentou-se na cama, tomou a cabeça entre as mãos e apoiou a frente na dela.

— Clare... você preferiria que fora a guerra em plena luz do dia ondeando nossa insígnia e com uma couraça imaculada.

Ela assentiu com a cabeça e se sentiu uma tola por pensar que a retidão os salvaria.

Gavin a beijou apaixonada e apressadamente e se levantou.

— Tem que confiar em mim. Farei o que seja melhor.

A porta se fechou e ficou sozinha com sua sensação de impotência. O melhor era seguir a sabedoria ancestral. Quando se desprezava a tradição, podia passar algo. Ela tinha permitido que Wee One ficasse com os ovos, acreditando, por arrogância, que sabia mais que ninguém, que poderia adestrar aos falcões para caçar como se tivessem nascido livres. Entretanto, um dos pássaros ficou infeliz e o outro escapou.

Gavin também tinha desprezado as regras, mas ela, pouco a pouco, também tinha se esquecido. Nesse momento, os perigos do mundo os espreitavam. Só na escuridão, tampou-se com a manta e sentiu um calafrio enquanto aguçava o ouvido para captar algum ruído que pudesse significar uma batalha. Uma coruja piou. Seria o sinal do sentinela? Seriam os Robson preparados para atacar? Podia distinguir com clareza quais eram as lealdades de Gavin?

Estremeceu ao pensar nos limites que tinha transpassado nessa cama. Alguma vez, teria que pagar por isso e o preço seria muito mais alto que a perda de um falcão.

Gavin subiu a torre e dispensou Thom antes do tempo, mas ele, em vez de agradecer-lhe grunhiu ao afastar-se cansado e sombrio. Gavin vigiaria pessoalmente até o amanhecer. Tinha exigido muito aos homens, a todos eles. Ele levava semanas sem dormir bem e não o faria até que derrotasse Robson. Tinha passado dias e noites repassando planos, comentando-os com o barão, fazendo mudanças e repassando-os outra vez. A torre dos Carr tinha que estar preparada quando chegassem os Robson. O pai de Clare tinha proposto que eles atacassem primeiro.

— E romper a trégua de Douglas?

Isso não ajudaria para ganhar sua avaliação.

— Ora! — replicou o barão — Quando se incomodaram os ingleses em manter a paz?

Entretanto, acabou convencendo-o. Se rompiam a trégua, os Robson fariam que os Wardens of the March, os guardiães dos condados, ajuizassem-nos. A multa seria elevada e seria uma desonra para o Douglas se rompia a trégua em sua ausência. Além disso, embora Gavin não evitasse a luta, queria a paz. Na fronteira e em sua cama.

Nesse momento, havia uma calma tensa no que tinha sido o cenário de seus prazeres secretos. Algo tinha trocado. A ameaça de luta, a perda do falcão, o que ele tinha confessado... algo lhe tinha arrebatado a seu desinibida companheira de cama.

Entretanto, nesse momento se perguntava se o prazer teria sido muito para ela. Tinha querido que desfrutasse fazendo amor e acreditava que o tinha conseguido. Entretanto, a teria amarrado em vez de liberá-la? Teria ido mais longe do que ela queria ir? Tinha que saber se os dois tinham gozado de verdade ao fazer amor, que ela iria a ele sem medos. Tinha que sabê-lo assim que terminasse esse combate.

— Fogo! — gritaram umas noites mais tarde.

Clare, tremeu, saltou da cama e desceu as escadas sem sapatos. Gritos, passos apressados, cascos de cavalos a galope. Onde estava Gavin?

Enquanto corria escada abaixo, os camponeses, as mulheres e os meninos entravam atropeladamente na torre para resguardar-se. Enrolada pela multidão, Clare escorregou e caiu.

— Pare! — agarrou a manga da esposa do falcoeiro — O que aconteceu?

— Os Robson — ela sacudiu a cabeça — Estão aqui dentro.

Clare se arrastou entre as pessoas até a porta e tentou entender o alvoroço. Viu chamas na casinha ao lado dos aviários. Os homens da torre e os desconhecidos a cavalo se enfrentavam em um espaço muito pequeno e os cavalos pisoteavam as ovelhas, que não paravam de balir. Os gritos do combate se mesclavam com alaridos de homens feridos e balidos aterradores. Neil passou correndo com um cubo.

— Os aviários serão os seguintes — disse sem parar.

Ela olhou e viu que a primeira faísca alcançava o telhado.

— Você! — gritou ao camponês que estava ao seu lado — Agarra um cubo. Ali.

Tremendo, seria muito egoísta para fazer pouco caso.

— Angus!

Agarrou o moço pelo ombro ou não teria parado. Com os olhos fora das órbitas e a adaga na mão, ia correndo para o combate.

— Angus, que esses homens apaguem o incêndio!

— Mas...

— Imediatamente!

Ele deu uma olhada na batalha que se estava diante dele e obedeceu. Murine e Euphemia apareceram entre a fumaça com cubos. O caos de homens e cavalos lhe impedia de passar. Procurou Gavin e acabou encontrando-o junto à porta, por onde os homens de Robson seguiam entrando em galope no pátio da torre. A porta estava totalmente aberta.

Voltou a olhar para os aviários. A fumaça do telhado da casinha entrava pelas janelas. Wee One.

Angus tinha reunido a alguns homens e uma fila serpenteava desde dentro da torre, onde se protegia o poço, até a casinha incendiada. Sufocaram o incêndio com vários cubos de água, mas a fumaça seguia sendo muito densa.

O chiado do Wee One abriu o passo entre o caos. Clare foi ao muro da torre para evitar os cascos dos cavalos e foi correndo aos aviários. Quando abriu a porta, a fumaça lhe irritou os olhos e tossiu. Neil apareceu a seu lado.

— Vou pegar o gavião — disse ele sem parar — Tem que soltá-los.

Wee One já revoava esticando a correia de couro. Clare a tirou dela para aproximar-se, inclusive ao alcance de suas mãos e lhe sussurrando palavras tranquilizadoras, a ave seguia batendo as asas. Não podia sujeitá-la para lhe pôr o capuz e o animal tentava escapar da fumaça por todos os meios. Tampouco podia soltar o nó da correia, que cada vez se apertava mais.

O falcoeiro já tinha solto o outro falcão, que voou para a porta aberta e o homem, tossindo, aproximou-se dela para ajudá-la.

— Saiam, eu o soltarei.

Clare a agarrou pelos lados, com cuidado de não lhe danificar as asas, e acariciou com delicadeza a Wee One. Pôde notar os batimentos do coração acelerados de seu coração. Era um animal que tinha nascido para matar, mas era pequeno e muito vulnerável.

— Já está — o falcoeiro correu para a porta — O telhado se incendiou! Soltem-na.

Ela não queria soltá-la, queria abraçá-la e protegê-la para sempre. Entretanto, o rincão contíguo depois da casita estava ardendo e a habitação se enchia de fumaça. Se soltava a Wee One, perderia-se entre a fumaça. Abraçou-a e correu para a porta.



Capítulo Vinte

Gavin, montado em seu cavalo, observava a batalha dentro das muralhas.

Tinha a roupa impregnada de uma fuligem que lhe levava lembranças que tinha querido deixar para trás. As perdas para os Carr tinham sido piores, mas os Robson tinham sofrido mais ainda.

Seus homens tinham reagido depressa e a batalha tinha sido breve, mas cruel. Um Carr e um Robson jaziam mortos. Uma casa destruída e os aviários danificados. Tinham perdido vinte ovelhas e tinham ganho um cavalo.

Além disso, quando o resultado esteve claro e os Robson se retiraram, deixaram três homens para trás, que estavam presos num quarto sem janelas que havia por trás da adega.

O barão se aproximou montado em seu cavalo.

— Meu plano não tinha em conta a traição — comentou Gavin com um suspiro.

— Mas eu matei um homem dos Robson — replicou o barão com muita seriedade — Fico pensando que deveríamos ter atacado primeiro, mas, em definitiva, derrotamo-los.

— Clare não pensará o mesmo.

Além disso, podia ter razão.

— Bom, você tem razão, há um traidor entre nós.

— Sim, e vou encontrá-lo.

Todos os planos e preparativos, riscados com tanto cuidado, tinham estado a ponto de fracassar porque alguém tinha aberto a porta.

Além disso, nesses planos não tinha previsto algo que ele, sobre tudo ele, deveria ter previsto: o fogo.

Encontrou Clare nos aviários olhando fixamente para o buraco queimado do teto. Cheirava a fumaça.

— Está bem? — perguntou ele contendo a respiração.

Ela deu a volta e ele ficou espantado. Tinha as bochechas sujas, a camisola cinzenta pelas cinzas e com queimaduras de brasas, as mãos e os pés descalços cheios de cortes...

— Vamos ter que as demolir — respondeu ela aturdida pela pena e o cansaço — Não posso suportar o aroma.

— O que aconteceu com os pássaros? Wee One?

— Ela... Eu... — as lágrimas e a fumaça pareciam lhe prender a garganta — Se foi. Soltei-a. Como a todos. Levei-a...

Clare cruzou os braços como se ainda levasse a pássaro e olhou para a porta. Ele se aproximou sem saber se ela aceitaria seu abraço. Pensou que era culpa dele e que gostaria de repeti-lo tudo desde o começo. Manteria as ovelhas, aos pássaros, a sua esposa e a sua gente encerrados a salvo dentro das muralhas. Entretanto, como podia protegê-los da traição?

— Levantaremos outros aviários melhores.

Ela deixou cair os braços vazios.

— Para que? Não há pássaros.

Ele a rodeou com os braços.

— Haverá. Prometo-lhe isso, haverá.

Gavin notou que se estremecia pelo pranto, mas não soube se chorava pelos pássaros, por si mesma ou porque suas ilusões se acabaram.

— O risco que correu, compensou tudo isto? — perguntou-lhe ela por fim contra seu peito.

Havia dito que não tinha por que correr nenhum risco. Ele desejou que fosse verdade porque entre seus cálculos não tinha previsto que seus queridos rapazes fossem parte do preço.

— Clare, a emboscada saiu mal porque nos traíram.

Ela levantou a cabeça e o desespero de seu olhar deu passo à perplexidade.

— O que quer dizer?

— Tínhamos cercados-os quando alguém abriu as portas e os deixou entrar.

— Quem?

— Não sei ainda, mas o encontrarei e, então, o traidor morrerá.

Ela secou os olhos e ele captou algo que não entendeu.

— Terá que atender aos feridos e preparar comida.

Clare começou a enumerar tudo o que tinha que fazer enquanto se dirigia para a porta. Ele a rodeou com um braço e a acompanhou fora dos aviários, à luz do dia. O sol estava no alto, embora parecia impossível que fosse o mesmo dia que tinha começado com o grito de guerra dos Robson debaixo de sua janela.

Um chiado rasgou o ar. Ela levantou a cabeça com o rosto iluminado pela esperança.

Wee One estava pousada na muralha e chiava para reclamar atenção. Clare assobiou e o falcão desceu até a sua mão. Nem sequer as garras presas à pele avermelhada puderam apagar a felicidade de seu rosto.

Clare se lavou e colocou um vestido de lã, mas o aroma de fumaça não desapareceu. Tinha trabalho. Tinha que enfaixar os feridos e dar de comer aos famintos. Tinha que cavar as tumbas. Entretanto, antes tinha que falar com a Euphemia.

Captou um olhar do Thom e tentou encontrar remorso. Viu raiva e indignação, umas expressões habituais, mas nada mais, nada novo.

Gavin e seu pai tinham começado a fiscalizar os trabalhos. Walter tinha saído caminho do Jedburgh para conseguir um sacerdote que celebrasse os enterros. Alguns homens estavam cavando umas fossas no cemitério que havia junto à capela. Uma para um de seus homens, a quem chorariam, e outra para um homem do Robson, a quem não chorariam.

Outro grupo de homens estava retirando os entulhos da casa queimada e demolindo os aviários. Reconstruiriam-nas no dia seguinte. Essa noite, a família sem lar dormiria na sala comum.

Clare encontrou Euphemia na cozinha. Fez-lhe um sinal para que a acompanhasse ao alto da torre.

Só havia um vigia. O que tinham estado vigiando já tinha chegado.

O vento lhe entrou entre a roupa enquanto olhava as montanhas que tinha cruzado o inimigo para atacá-los. O brejo tinha perdido a cor. Essa noite gelaria.

Os olhos da Euphemia, habitualmente alegres, estavam cansados de tanto chorar. Clare pensou que deveria ter contado a Gavin o que sabia sobre o Thom.

— Euphemia, alguém abriu as portas ao inimigo.

Clare esperou alguma sinal de que a moça soubesse, mas ficou boquiaberta pela surpresa.

— Tem certeza?

— Sim. O que disse Thom? Comentou algo, que fosse, sobre isto?

— Não! Nada.

— Tenho que descobri-lo.

Se fosse necessário, faria que a moça fosse uma espia.

— Não pode ser verdade. Estava descontente com o Fitzjohn, mas nunca entregaria aos ingleses.

Ela olhou com atenção os olhos chorosos e se perguntou se a garota tinha razão ou estava cegada por um amor juvenil. Então, repentinamente, ela se expôs o mesmo. Não podia imaginar nenhum soldado, por mais aborrecido que estivesse, abrisse a porta aos ingleses. O único homem da torre com vínculos do outro lado da fronteira era Gavin.

— Já sei que acreditas nele — disse Clare tentando dominar o tremor da voz — , mas, algumas vezes, não conhecemos nem às pessoas que temos mais perto. Por favor, tenta descobri-lo.

Ela teria que fazer o mesmo.

Essa noite, quando Gavin e ela subiam as escadas para o piso familiar, os ossos lhe doíam tanto que quase não podia levantar os pés. O aroma de fumaça entrou com eles em seus aposentos. Deixou cair o vestido junto à camisola destroçada e se prometeu não voltar a usar nenhum dos dois.

— Sabe quem pôde ser que abriu as portas? — perguntou ela tentando dissimular suas suspeitas.

Ele negou com a cabeça, sentou-se no tamborete que havia junto à chaminé e tirou as botas.

— Interroguei aos homens do Robson. Juram que não sabem e acredito que dizem a verdade.

Ela jogou lavanda seca na chaleira com água fervendo que havia sobre o fogo para tentar atenuar o aroma. De pé junto a ele, só com a camisola vestida, sentiu a mesma vulnerabilidade que os primeiros dias. Ele poderia captar seus receios? Agarrou-a por um braço para que o olhasse.

— Quem você acredita que pôde fazê-lo?

Ela tragou saliva. Não podia acusar ao Thom sem provas. Ele a agarrou com mais força.

— Sabe algo, o que é? — insistiu ele.

— Não sei. Não estou certa.

Ele tinha falado de sangue envenenado. Sentiu um pouco de medo.

— Então, diga-me isso embora não esteja certa.

Ele não tinha queimado a igreja, mas quis fazê-lo. Podia haver mais transgressões que, possivelmente, não tivesse podido evitar, como os pecados cometidos na cama. Ela tentou escapar dele, mas a forçou com força.

— Diga-me isso?

— Você! Teria podido ser você! — Quê?

Ele, atônito, soltou-lhe o braço.

— Eu?

Ela tentou interpretar seu olhar, que já não era azul e plácido como o céu no verão. Era medo ou fúria? O que refletia?

— Quem, se não, podia querer que os ingleses ganhassem?

Ele se levantou e retrocedeu como se não pudesse suportar estar perto dela.

— Você? Minha esposa? Como pode...?

Tentou emitir umas palavras que não podiam brotar de sua garganta. Quando o conseguiu, ela quase não pôde ouvi-lo.

— Acredita de verdade? Depois... — olhou para a cama e voltou a olhar para ela— de todo... Como pode acreditar nisso?

O que viu em seus olhos era dor. Ela também olhou a cama. Tinham estado nus ali, tanto em corpo como em alma. Sentiu-se dominada pelo remorso. Deveria haver-lhe dito antes.

— Thom.

— O que?

— Pode ser Thom. Euphemia me disse... Foi muito pouca coisa, uma só frase.

— O que te disse? Diga-me isso.

— Disse-me que Thom estava... descontente contigo.

— Está-o desde antes do Beltane.

— Disse que é mais inglês que escocês.

A frase ficou flutuando no ar. Ela observou que ele dominava a dor e a raiva para poder analisar essa possibilidade.

— Mas se for tão escocês, por que ia deixar entrar os homens do Robson? O que teria acontecido se tivessem ganho? Não tem sentido. A não ser... — a olhou aos olhos — A não ser que quisesse que as pessoas pensassem como você, que eu o tinha feito.

— Podia odiá-lo tanto?

Sua fé era tão fraca que tinha acreditado que Gavin os poderia trair. Até ela o tinha pensado por um momento. A expressão de Gavin se escureceu.

Quando ele partiu, ela rezou para que tivesse dado o nome correto.

Gavin baixou à sala comum, sacudiu ao Thom para despertá-lo e o tirou para fora. Uma névoa gélida e densa velava a lua minguante.

— Por quê? — perguntou Gavin — Por que o tem feito?

— O que tenho feito? — perguntou Thom com desdém.

O punho de Gavin alcançou o rosto de Thom e ele tombou sobre o pó.

— Um de nossos homens está morto por sua culpa, uma família ficou sem lar e, além disso, perdemos vinte ovelhas, os aviários e um cavalo adestrado.

Decidiu que tinha que acalmar-se. Um falcão dava voltas até encontrar o momento adequado para atacar.

Do chão, Thom, ao dar-se conta de que estava apanhando, olhou-o desafiante e com ódio.

— Por sua culpa, bons escoceses têm que inclinar-se diante de um inglês bastardo que matou a muitos dos nossos.

— Há mais? Quantos? Todos pensam o mesmo?

— O que aconteceria se dissesse que todos? — Thom riu — O que aconteceria se dissesse que nenhum acredita que tenha direito a ser o senhor da torre? Prefeririam ter um Robson de governante que a ti.

Gavin fez um esforço para conter a ira. Matar esse homem que tinha a seus pés só aumentaria os receios.

Não podia ser o único em ouvir sua confissão de culpabilidade.

— Entretanto, sou o senhor da torre e vou permitir que conheça bem aos Robson.

Thom ficou pálido e Gavin o levantou.

— Sim, vais passar algum tempo encarcerado com eles e logo veremos se pensas o mesmo.

Entretanto, quando o encerrou no calabouço, sua sensação de triunfo desapareceu. Fazia todo o possível para que esse sítio fosse seu lar, para protegê-lo, mas não tinha encontrado a tranquilidade. Quantos pensariam como Thom? Até sua esposa tinha duvidado dele.



Capítulo Vinte e Um

Ao que parecia, Thom tinha atuado sozinho. Nem os interrogatórios do barão nem as perguntas acalmadas de Euphemia tinham descoberto mais aliados nessa conspiração. Ao contrário, todos os homens, um a um, acudiram a Gavin para renovar sua promessa de lealdade. Alguns, inclusive, ofereceram-se para sujeitar a espada que justificasse ao culpado, mas Gavin os convenceu para que esperassem à volta de Douglas. Ele queria justiça, não vingança.

Não tiveram que esperar muito. As geadas de novembro cobriam as montanhas quando lorde Douglas e seus homens chegaram à torre do Carr.

Gavin sorriu para a sua esposa quando ela se adiantou para saudar os convidados. Tinha pedido que a perdoasse por duvidar dele e ele a tinha perdoado. Entretanto, ao vê-la com Douglas outra vez, voltou a sentir receio.

— Lorde Douglas — lhe saudou Clare com sua voz mais distinguida—, sua presença nos honra e...

Douglas cuspiu no chão. Clare cruzou as mãos sobre os lados e retrocedeu.

— Lorde Douglas... — Gavin se aproximou para protegê-la.

— Estamos perdidos. Centenas de mortos escoceses e franceses. Eduardo tem dois reis prisioneiros; o francês Jean acompanha a David.

Inclusive Gavin, que conhecia os pontos fortes e fracos dos adversários, ficou estupefato.

Esquecida a guerra local, entraram todos à sala comum, ofereceram-lhes comida e bebida e escutaram a narração da batalha de

Poitiers. Os ingleses, eram menos numerosos, mas saíram vencedores. A chuva de flechas que caiu sobre a carga dos cavaleiros franceses. Os homens e cavalos que ficaram moribundos sobre o barro. Milhares de mortos ou prisioneiros.

— E o conde? — perguntou Gavin.

O olhar de Clare lhe indicou que estava surpreendida de que o tivesse perguntado.

— Prisioneiro — respondeu Douglas — Pedem mais de mil libras. Como alguns de nossos melhores homens.

Gavin conteve a vontade de perguntar por que milagre lorde Douglas tinha escapado do mesmo destino. O abatimento caiu sobre a sala comum e Gavin intercambiou um olhar com o barão.

Inglaterra não só tinha ganho a batalha. A guerra tinha terminado.

— Agora que não tem que lutar em chão francês, Eduardo voltará a centrar sua atenção na Escócia — disse Gavin — Além disso, esta vez estaremos sozinhos.

— Os franceses nos ajudavam pouco — replicou o barão com uma despreocupação fingida — Não precisamos deles. Gavin encolheu os ombros sem lhe contrariar. Douglas teve que se reunir com os emissários de Eduardo antes de partir para a França. Por que seguia exilado David?

— É possível que Eduardo negocie agora a liberação do David — comentou Gavin — A guerra foi cara. O resgate seria bem recebido.

Lorde Douglas olhou fixamente o fogo e assentiu com a cabeça.

Eduardo não tinha sido um obstáculo para que David voltasse para sua terra. Durante os últimos dez anos, Stewart e lorde Douglas dividiram o país e tinham governado a seu desejo e sem pressa para que o rei legítimo voltasse. Douglas terminou sua cerveja e estalou a língua.

— Sim, acredito que é o momento de que o pobre homem volte.

O alívio deixou escapar um sorriso. David também poderia voltar para sua terra.

— Já solicitei um salvo-conduto para que alguns homens vão à Inglaterra — Douglas olhou para Gavin e sorriu — Acompanha-os.

— É uma honra, lorde Douglas... — Douglas, sem dúvida, pôde captar o entusiasmo de Gavin— representar a Escócia.

A paz entre Escócia e Inglaterra... David reposto no trono... Seria tudo o que sempre tinha esperado.

Quanto a sua volta à Inglaterra... Chegou o momento de fazer as pazes com seu tio e de receber as respostas a perguntas que deveria ter feito faz muito tempo.

— Convocarei uma reunião do conselho. Fixaremos os limites e escolheremos o resto da delegação — Douglas o olhou— , mas não seria a primeira vez que encalhamos com os ingleses nas condições.

Estava claro que o poder do Douglas não se apoiava só em sua destreza na guerra. Se voltasse com condições que não gostava, culparia a Gavin e as rechaçaria. Gavin pensou que, independentemente do que acontecesse a David, teria que ter em conta a Douglas.

— Prometo-lhes que será a última — replicou Gavin com o olhar firme.

Resolvido o plano, o barão e ele falaram de sua batalha, da traição e dos prisioneiros.

— Quando atacaram? — perguntou Douglas.

— No início de outubro — respondeu o barão.

Douglas sacudiu a cabeça.

— Esperaram a que a trégua tivesse expirado. Arditosos canalhas — Douglas olhou o fogo por um momento e logo levantou a cabeça — Matem.

Uma noite a mais e teria partido. Clare colocou um ramalhete de lavanda na bolsa do Gavin para ele recordar a sua terra.

As semanas de dúvidas dela e a luta por impor-se dos dois tinham definido o fluxo e vazante dos dias. Entretanto, ela tinha esperado ter tempo para perdoar-se e reconciliar-se plenamente. Um tempo que tinha totalmente desperdiçado.

Já não havia tempo. Agarrou-se a ele sem vontade de confrontar os meses que passaria sozinha até que ele voltasse. Empurrou-o para a cama para unir-se com ele pela última vez, uma lembrança que teria que lhe durar os meses de ausência. Ele não se moveu.

— Chegou o momento de que remontes o vôo.

— O que quer dizer?

— Tens que tirar o capuz, soltar a correia e provar tuas asas.

Ela, aterrada só de pensá-lo, tampou os olhos com as mãos. Nunca poderia voar sem a liberdade que lhe dava a escuridão, nunca se atreveria a olhá-lo enquanto se transformava nesse outro ser. Na escuridão, podia fingir que se entregava só porque ele persistia. Com os olhos abertos, teria que reconhecer seus próprios desejos.

— Não posso.

Ele a agarrou pelas pulsos e lhe tirou as mãos dos olhos.

— Não pode ou não tens valor?

Ele a olhou nos olhos e ela captou nos seus as dúvidas de um menino que não tinha tido nem pai nem lar. Acaso ele também se perguntava se ela ia a ele por eleição ou obrigação? Que estranho era que um homem pudesse conhecer os segredos mais íntimos de seu corpo e não conhecesse seu coração.

— Temo que meu vôo te decepcione.

— Estou desejando correr esse risco. E você?

Ela quis gritar que não. O que aconteceria se o decepcionasse? O que aconteceria era torpe e se convertia em um encargo e não em um prazer? Entretanto, seus olhos lhe perguntavam com tanta intensidade que tinha que responder. Tinha que tentá-lo por ele, para que pudesse saber como era sua verdadeira natureza.

— Sim é porque quero.

Entretanto, não podia esperar que essa vez fosse alcançar a altura, a liberdade que tinha chegado a adorar na escuridão. Era paradoxal que tivesse que reprimir-se para ser livre.

— Começa te despindo — disse ele.

Ela não se despiu nunca. Sempre ele a tinha despido. Inibida, pegou um cordão sem atrever-se a olhar para ele.

Entretanto, algo lhe alterou por dentro ao sentir que a olhava e saber o que ia acontecer. Ao saber o que tinha passado antes. Ele tinha adestrado seu corpo para desejar o coito. Esse desejo, ao menos, não tinha desaparecido quando tinha a atadura nos olhos.

Esse estremecimento do desejo lhe deu confiança. Olhou-o nos olhos. Ao estar vestida tinha a sensação estranha de ter o poder em suas mãos. Seguiu olhando-o nos olhos enquanto tirava o vestido. Sem a atadura nos olhos, pôde comprovar pela primeira vez que o desejo despertava só de vê-la. Um desejo que prendeu as partes secas de seu corpo e lhe deu esperança.

Ficou nua diante ele. O ardor de seus olhos a envolveu, mas não soube aonde olhar, não soube o que tocar com as mãos livres para sentir.

— O que faço agora?

— O que quiser.

Quando tinha tido essa possibilidade? O que queria um falcão? Voar, caçar, comer, acasalar-se.

— Quero que te dispas.

Ele abriu os braços como se oferecesse a ela.

— Então, me dispa.

Sentou-se no banco e ela se ajoelhou, tirou-lhe as botas e aproveitou a ocasião para lhe acariciar o cabelo dourado como a plumagem de uma águia. Logo introduziu as mãos pelas amplas mangas da túnica e se deleitou com a força que palpitava sob a pele. Uns braços poderosos como as asas da águia, capazes de matar e de amar.

— Levante — ordenou ela.

Ele obedeceu. Baixou as meias e deixou a túnica posta, mas não pôde ocultar a ereção. Ele tinha os olhos fechados e ela ouviu um gemido.

— Agora — disse Gavin.

Ela se levantou e o agarrou com os braços estirados. Ele abriu os olhos e ela saboreou esse momento de um poder desconhecido.

— Agora, não. Quando eu disser.

— Desatei um monstro — replicou ele com os olhos em branco.

Entretanto, quando a olhou nos olhos, o desejo ardente estava misturado com algo mais. Confiança. Amor. Tinha estado sempre ali e não o tinha visto pela atadura? Ele podia amá-la? Ela podia?

Clare mostrou a cama.

— Se for livre, você saberá o que é a escuridão e as ataduras do couro.

Ela pensou que os homens eram muito simples, que não podiam dissimular sua reação como uma mulher. Ela tinha dissimulado sua excitação, inclusive, a tinha dissimulado a si mesma até que as mãos, os dedos, os lábios e o membro dele a tinham arrastado e não tinha podido dissimulá-lo mais. Entretanto, ele não podia dissimulá-lo.

— Não estou o suficientemente bem adestrado para esperar a sua conveniência, esposa.

— Então, eu te adestrarei. O falcão macho não pode caçar quando ele quer, tem que esperar ao falcoeiro.

Fez que se caísse na cama e lhe atou os braços e as pernas com correias de couro, embora os nós fossem simbólicos. Não ia querer esperar muito para que a abraçasse. Logo, atou-lhe o lenço sobre os olhos.

Ele, inquieto baixos suas mãos, não podia ficar quieto.

— Agora, tenho que te confiar minha vida, esposa.

— Tem valor para correr esse risco, marido?

O suspiro dele, parecido a um grunhido, brotou-lhe do mais profundo da garganta.

— Adestrei-te muito bem.

Deixou-lhe a túnica posta ao lembrar do contato áspero do tecido sobre a pele, do contraste entre roupa e nudez que tanto prazer lhe tinha produzido. O membro se movia como o mastro de um estandarte, como se estivesse decidido a captar a atenção dela. Ela o percorreu com as mãos e, assombrosamente, pareceu crescer mais.

— Pelo amor de Deus — suplicou ele quase sem poder falar — Tenha compaixão.

Ela riu. Pareceu-lhe estranho rir nessa situação, mas era seu mundo na escuridão, onde não havia outras regras senão aquelas que tinham criado entre eles.

— Não me recordo que tivesse compaixão quando eu a pedi — replicou ela.

Entretanto, nesse momento sabia o que isso significava. Estava ardendo, seu desejo já não lhe cabia dentro. Decidiu liberá-lo. Separou os lábios e o tomou plenamente com a boca.

Gavin, estupefato, fez um esforço para conter-se, para não esvaziar-se imediatamente.

— Clare, está segura de...?

Não pôde terminar a pergunta nem poder falar. Só ouviu um murmúrio. Só sentiu a calidez de sua língua ao redor dele. Então, seus lábios se fecharam sobre o extremo e já não soube nada mais, só o que era a liberdade do falcão ao voar.

Dessa vez, foi ela quem o abraçou em sua descida ao chão e soube, por fim, que estava verdadeiramente acasalada.

— Meu falcão se converteu em falcoeiro — sussurrou-lhe ele ao ouvido — Me adestraste de verdade. Não, domaste-me.

Ela o abraçou com força, enquanto ele ficava dormindo. Ficou acordada para não perder um instante da última noite que passariam juntos. Sem faixa nos olhos, só viu seus medos. Já estavam unidos por algo mais que o matrimônio, mas continuava sem conhecer esse homem. No dia seguinte, ele voaria sozinho e ela não saberia se voltaria ou, como o falcão, escaparia ao lado da fronteira que tinha vencido.

O que aconteceria o perderia? Sussurrou-lhe o coração.



Capítulo Vinte e dois

A primavera tinha chegado ao sul quando Gavin se encontrou cara a cara com o rei.

Desde que saiu da torre, tinha passado uns meses reunindo-se com o conselho, onde Stewart e Douglas tinham discutido acaloradamente sobre os homens que viajariam a Inglaterra para representar a Escócia e as condições que podiam aceitar.

Logo, chegou à comprida viagem para o sul. Cada passo lhe recordava o caminho que o tinha levado ao norte e como Eduardo abandonou a França assim que soube que os escoceses tinham tomado Berwick. Como galoparam para o norte, sem se importarem com o frio do inverno, para vigiar e cuidarem do inimigo. Como tinha cruzado a fronteira ao lado do Eduardo até que se deu conta de que não podia lutar contra seu próprio povo.

Desde que chegou a Londres, tinha assistido a reuniões e negociações intermináveis com os representantes do Eduardo. Entretanto, nunca com o Eduardo em pessoa, até esse momento, quando seu tio solicitou reunir-se com ele a sós.

Esperou nas salas de Eduardo sem saber como o receberia. A última vez que se viram, ele atirou a tocha ao chão e partiu sem dizer nada para unir-se ao inimigo. Nenhuma desculpa justificaria sua rejeição ao sangue que compartilhavam. Entretanto, tampouco tinha ido desculpar-se.

O rei se despediu dos serventes e ficaram sozinhos. Ele se inclinou e esperou que Eduardo o examinasse e falasse primeiro.

— Então, escolheste um lado.

Gavin tragou a saliva. Eduardo, além de rei, era seu tio, o mais parecido a um pai que tinha tido.

— Espero, excelência, que com esta paz tenha eleito um lado da fronteira, não um campo de batalha.

Eduardo, seguro de si mesmo por sua vitória na França, esboçou um sorriso triunfal. Tinha presos o rei de Escócia e o rei da França. Não esperava mais batalhas.

— Por fim te convenceste que esses teimosos escoceses aceitarão as condições.

— Estamos muito perto, excelência.

— Sabe que Escócia acabará sendo minha.

— Ou de Lionel.

David se tinha mostrado disposto a permitir que um dos filhos do Eduardo o sucedesse, algo que Stewart e Douglas resistiam a aceitar.

— É o mesmo. Meu filho ou eu...

— Nem sempre o é — replicou Gavin, que já sabia isso.

Eduardo o observou em silêncio e Gavin se perguntou se estaria vendo seu irmão no filho de seu irmão.

— Queria ver-me por quê? — perguntou-lhe o rei ao cabo de um momento.

— Tenho algumas perguntas.

— Tem perguntas? — perguntou Eduardo em um tom ameaçador

— Não foi você quem ficou sentado no meio do frio e olhando os restos carbonizados da túnica de seu irmão no barro!

Gavin esperou um instante.

— Não pude queimar a igreja.

Soube nesse momento. Não só não o fez, mas também não pôde fazê-lo. Não era perfeito, nenhum homem o era, mas tampouco era tão mau como tinha temido durante tanto tempo. Deu-se conta com ela.

Eduardo teve a delicadeza de olhar para outro lado.

— A guerra põe a prova o jogo dos mais valorosos. Algumas vezes, não o obtemos.

Não o tinha obtido seu pai? Homens com os nervos temperados para a guerra podiam chegar a fazer coisas que condenariam em outras circunstâncias.

— Entretanto, dizem que eu o fiz. Dizem que queimei a igreja cheia de gente.

Eduardo tinha ouvido? Tinha propagado?

— A gente diz o que quer — Eduardo agitou a mão — Não é verdade.

— Já sei, mas o que aconteceu depois de que eu parti?

Eduardo estalou.

— Queimei-a! Sim! A igreja, o convento, todo esse povo lotado de rebeldes! E Edimburgo e Whitekirk!

— E as pessoas? — Gavin também gritou — O que aconteceu às pessoas?

O rei se levantou de sua poltrona.

— Não!

Enquanto o eco retumbava nas paredes, Eduardo voltou a deixar cair na poltrona com a cabeça para baixo e os olhos fechados.

— Às pessoas, não.

— E a meu pai?

Eduardo levantou a cabeça e olhou fixamente à frente sem dizer nada.

— Dizem o mesmo de meu pai — seguiu Gavin com a voz rouca — É verdade?

Suas palavras pareceram cismar Eduardo, que não falou nada e parecia não ver o homem que tinha diante de si.

— Não era um homem mau — respondeu ao cabo de um momento — Só era jovem.

— Assim o justificam? Tinha sangue real. Tinha encabeçado exércitos e governado o país enquanto estava na França. Não sabia distinguir entre o bem e o mal?

— Sim sabia.

— E mesmo assim o fez?

— Não sei! — bramou o rei.

Gavin já não ia deter se.

— É verdade o que dizem de você ou é mentira como o que dizem de mim?

— O que tem que ser verdade...?

— Matou meu pai?

Sua pergunta retumbou no silêncio. Tinha esperado muito tempo, tinha esperado desde que chegou a corte e quis desafiar o rei para vingar a morte de seu pai. Tinha esperado tanto que quase não se importava mais.

Quase.

— Isso é o que lhe contaram? — perguntou o rei sem negá-lo — Ele era muito jovem então. Os dois fomos.

— Essa é também sua justificativa para um assassinato?

Os olhos azuis do Eduardo se cravaram nos dele e lhe pareceu ver-se em um espelho.

— Como pode perguntar isso? Era meu irmão.

Como se isso explicasse tudo. Afinal Eduardo, tinha participado da morte de seu próprio pai.

— Fiz uma pergunta, mas não a respondestes.

Sentia-se implacável. Não tinha nada a perder. Tudo tinha desaparecido menos a necessidade de saber a verdade. Tinha sido tão terrível seu pai que seu próprio irmão teve que matá-lo?

Eduardo pôs uma mão em seu ombro.

— Não.

O sangue lhe esfriou de alívio, mas seguia tendo dúvidas.

— Dizem que tivestes pesadelos.

— Você também os teria se lhe tivessem tirado a alguém a quem queria?

— Tive-os. Era seu irmão, mas era meu pai.

O rei deu a volta e foi de um lado a outro.

— Queria a sua mãe, essa rameira escocesa. Disse-lhe isso? É possível que ela nem sequer soubesse. Propusemo-lhes meia dúzia de

esposas e embora ele, inteligentemente, nunca se negou, tampouco aceitou a nenhuma. Nunca houve um compromisso.

Tinha tido razão sua mãe? Burlou-se da simples idéia. Nem Clare, levada por contos sobre o amor cavalheiresco, teria tido uma fantasia assim.

— Quando o vi pela última vez — continuou o rei —, disse que ia casar se com sua mãe. Podes imaginar o que teria acontecido?

Tentou-o. Se o irmão do rei se casou com uma mulher de uma família escocesa sem relevância, inclusive se tivesse sido rei da Escócia, a paz que tinha desejado poderia ter chegado antes... e Eduardo poderia ter um rival mais capitalista no trono de Escócia. Um motivo para querer que morresse.

— Então, como morreu?

— Febres? Comida podre? Quem pode saber por que Deus leva a alguns homens? Quando apareceu, como John renascido, pensei que havia voltado comigo, que tudo poderia ser diferente desta vez.

— Foi.

Olhou nos olhos do Eduardo com a serenidade que lhe dava toda uma vida de incerteza.

— Efetivamente, escolheu o lado dela.

— Possivelmente também seja como meu pai nesse aspecto.

— Possivelmente seja melhor ainda — replicou Eduardo com um sorriso melancólico.

Era estranho ter conseguido o que seu pai não conseguiu; estava casado e tinha mais de vinte anos. Seu pai morreu muito cedo e não pôde aprender as dolorosas lições da experiência... nem desfrutar de seus prazeres.

— Haverá paz — afirmou Gavin.

Olhou para seu tio, com o cabelo dourado, os olhos azuis e duas vezes maior que ele, e lhe pareceu o espelho no que esperava chegar a ver-se. Eduardo suspirou. Trinta anos governando lhe pesavam muito.

— Algum dia.

Gavin deixou o rei e foi à Abadia do Westminster. Aproximou-se lentamente à tumba de seu pai. Eduardo fez questão de que enterrassem seu irmão com todas as honras. Um dossel cobria a estátua do John deitado com sua armadura e as mãos juntas como se rezasse uma última oração. Debaixo havia figuras chorando. Seu irmão e irmãs? A Rainha?

Sua mãe tinha chorado, mas não estava representada ali. Aproximou-se mais para ver de perto. Tinha um nariz reto e firme, bigode e um lábio inferior carnudo. Era um rosto mais jovem que o dele. Tinha algo daquele homem?

Ajoelhou-se no chão de pedra e rezou.

Quando partiu, tinha perdoado a seu pai e se perdoou a si mesmo.

Gavin entrou nos aposentos do rei David na Torre de Londres e percebeu o abandono de seus vigilantes. Era o aniversário de David e do rei Eduardo, e generosamente, tinha permitido que o visitassem.

— A quem serve agora, Fitzjohn? — perguntou-lhe David, que lhe pareceu mais velho e cansado do que o recordava — Me abandonou para lutar nas batalhas de Eduardo.

Aos trinta e três anos, depois de dez prisioneiro, David estava na maturidade e era um rei que tinha vivido afastado de sua terra mais tempo que nela tinha ficado. Mesmo assim, Gavin sabia que isso não tinha importância. A chamada de sua terra seguiria sendo poderosa.

— Também abandonei Eduardo para voltar para minha terra.

— Sua terra? A Escócia?

Ele assentiu com a cabeça e sem poder conter o sorriso. Só tinha passado um ano desde que entrou nas terras dos Carr? Já ansiava estar de volta.

— Douglas me entregou a torre de Carr e a mulher que estava com ela.

— Douglas...? Então, está ao serviço de Douglas? — David lhe perguntou com resignação, porque sabia que os homens de Douglas não seriam sempre os seus.

Gavin negou com a cabeça.

— Estou a seu serviço. Quando terminarmos as negociações. Voltarão para sua terra.

Esboçou-lhe as condições. O pagamento do resgate, a circulação livre de dinheiro, a lista de reféns, a possibilidade de estudar a ambos os lados da fronteira... Não era um tratado perfeito, mas era o melhor que podiam alcançar.

David sorriu com tristeza.

— Por que não o fizeram há três anos? As condições são virtualmente as mesmas.

Depois de tanto tempo, sua voz só conservava retalhos de seu acento nativo.

— Não sei — respondeu Gavin, embora tinha algumas suspeitas.

— Não tem por que sabê-lo. Eduardo e eu nos damos bem quase sempre e Stewart e Douglas estão melhor sem mim — deixou escapar um suspiro, mas puxou do fundo do peito — Em caso de que não se pague, quem está na lista de reféns que se enviarão a Eduardo?

Gavin lhe deu os nomes e David esboçou um sorriso ardiloso.

— Nos certifiquemos de que Stewart e Douglas entrem nessa lista.

Gavin também sorriu. Douglas não tinha muito interesse em que David voltasse para sua terra, mas, ao menos, teria que responder a um rei por fim.

Nem Gavin nem o falcão macho voltaram na primavera. Clare voava sozinha com Wee One e cavalgava pelas montanhas olhando ao sul, sem cruzar nunca a fronteira. O pássaro parecia compartilhar com ela sua sensação de abandono.

Dizia a si mesmo que Gavin permanecia na Inglaterra só porque tinha que negociar um tratado que concederia a Escócia tudo o que

desejava. Sem ele, os dias tinham perdido a calidez e as lembranças das noites, em vez de consolá-la, faziam que se sentisse inquieta com uma mescla de desejo abafado. Como tinha podido fazer aquelas coisas?

Passaram-se os meses. Ele já levava mais tempo longe de que tinham acontecido juntos. As lembranças se esfumaram e as dúvidas se fizeram mais nítidas. Tinha intenção de voltar?

Uma tarde de junho, foi à adega enquanto tentava contar os dias. Casaram-se fazia um ano? Os barulhos chegaram aos ouvidos como lembranças vívidas. Até que se deu conta de que não eram lembranças.

Euphemia e Walter, meio nus, estavam copulando em um canto. Ficou petrificada. Os quadris dele arremetiam contra os dela, que tinha os olhos fechados pelo êxtase. Nenhum dos dois reparava em nada que não fossem eles mesmos. Como animais.

Sentiu-se dominada por uma onda abrasadora, de um desejo mal recebido ao princípio, mas de vergonha, ira e medo depois. Viu tudo o que estava mal em seu mundo, tudo o que tinham criado seus pecados.

— Basta! Os dois!

Ficaram parados e boquiabertos pelo susto. Euphemia teve a consideração de baixar a cabeça. Walter a rodeou com seu corpo para ocultar sua nudez.

— Se levantem e se cubram.

Clare deu a volta e tapou os olhos com as mãos, lembrando-se das mãos de sua mãe quando queria que não visse algo. Entretanto, isso não impediu que ouvisse os sons da roupa sobre a pele, sons que conhecia muito bem.

— Vão para acima. Falarei com vocês mais tarde.

Quis amaldiçoá-los aos gritos, mas tudo o que lhe ocorria ia dirigido contra ela mesma.

Fazia um tempo, não teria esperado outra coisa da filha do Murine, mas havia tentado ensiná-la e tinha tratado aos dois quase como se fossem de sua família. O comportamento da Euphemia refletia o dela e tinha sido um mau exemplo.

Face à educação que lhe tinham dado, fazia caso a seu coração. Pior ainda, fazia caso a seu corpo, que a tinha convencido de que um inglês bastardo poderia ser um marido adequado. Ninguém sabia o que Gavin e ela tinham feito a sós, mas ela sim sabia.

Tinha infringido todos os princípios que lhe tinham ensinado. Nesse momento, soube que não era melhor que as mulheres que desprezava, não era mais virtuosa que Murine e Euphemia.

Na escuridão da adega, ouvindo os passos que se afastavam, fez uma promessa. Quando ele voltasse, se voltasse, tudo seria distinto. Compartilhariam a cama, naturalmente, mas ela seria a mulher virtuosa que lhe tinham ensinado a ser. E Gavin? Ele teria que demonstrar que seu coração estava desse lado da fronteira.

O tratado se assinou no Berwick em outubro. Gavin respirou aliviado quando David e ele cruzaram a fronteira e encheu os pulmões com o aroma de sua terra. O rei estava e livre e ele, nesse momento, também.

Pararam os cavalos quando chegaram à encruzilhada onde Gavin tomaria o caminho que o levaria a sua torre.

— Aqui vos abandono.

— Tenho que formar um governo novo — disse David, com o cabelo agitado pelo vento, parecia haver deixado dez anos em chão inglês

— Necessito de homens em que possa confiar.

Gavin sabia que lorde Douglas e Stewart não estavam entre eles necessariamente, embora tampouco o diria em voz alta.

— Estou seguro de que lorde Douglas estará disposto a lhes servir.

David assentiu com a cabeça.

— Nomearei-o duque.

— Isso lhe agradará.

— Está certo de que não vais me acompanhar a Edimburgo?

Gavin negou com a cabeça.

— Tenho um falcão que me está esperando para voar.

— Algum dia voltaremos a caçar juntos com falcões.

Apertaram os braços e Gavin se dirigiu para o oeste. Ia para o seu lar e o falcão que queria voar não o compartilharia com ninguém.



Capítulo Vinte e três

Quando viu as colinas que rodeavam a torre, seu corpo a desejou mais ainda. Primeiro, beijaria-a por todo o corpo. Logo, provocaria-a até que se voltasse louca de desejo. Continuando...

Não seguiu porque estava entrando no pátio da torre. Angus, tentando ser um bom escudeiro, levou-se seu cavalo aos estábulos. Seu sogro, Murine e Euphemia o rodearam entre abraços e beijos. Sua esposa, por fim, aproximou-se e lhe deu um beijo muito decoroso.

— Não infringiste nenhuma regra, verdade? — sussurrou ela.

Ele sorriu. Nessas boas-vindas lhe tinha escapado o acento da fronteira.

— Nenhuma que vá contar-te — respondeu ele.

Então, deixou escapar um leve assobio para lhe fazer cócegas na orelha, mas não viu o sorriso eloqüente e privado que tinha esperado.

Além disso, em vez de retirar-se a seus aposentos, esperava-lhe uma penosa hora para contar a outros o que tinha feito durante os dez últimos meses e as condições do tratado.

Clare, que ia de cima abaixo, da sala comum à cozinha, não ouviu a história desde o começo e só ficou a escutar quando se aproximava do final. Entretanto, não se sentou ao lado dele nem o olhou nos olhos.

Por fim, alegou um cansaço que não sentia, tomou a mão de Clare e se dirigiu para o dormitório sem fazer caso dos sorrisos do barão e de Murine.

Entretanto, Clare caminhou devagar enquanto subiam as escadas em silêncio. Possivelmente voltasse a sentir acanhamento, mas o

solucionaria em seguida. A última vez que fizeram o amor, ela tinha os olhos muito abertos, com a boca tomando-o...

Acelerou o passo. Uma vez em seus aposentos, fechou a porta com o pé, tomou em braços, deixou-a na cama e caiu ao lado dela.

— Não vou continuar com seu colchão de solteira — comentou ele enquanto a beijava com os pés pendurando um por um — Precisamos de uma cama grande para os dois.

Ela, em silêncio, estreitou-se contra ele enquanto tirava as botas e as meias que lhe cobriam a ereção.

— Tenho que te tomar imediatamente, milady. Deixaremos os jogos para mais tarde.

Desatou-lhe o vestido e conteve a respiração quando viu seus peitos.

Voltou a descobri-la e lhe percorreu os quadris e o ventre com os lábios. Seguiam tão firmes como quando partiu.

— Não posso acreditar que não esteja grávida com a quantidade de vezes que temos feito amor — sussurrou ele com os lábios presos a sua pele.

Entretanto, alegrou-se. Tinha estado tanto tempo fora que ela teria dado a luz em sua ausência e o teria lamentado.

— Tenho que recuperar o tempo perdido.

Logo teriam um filho e uma colheita de paz. Entretanto, ela, apesar de seus beijos ávidos, estava quieta e com os olhos fechados, mas não de prazer, mas sim como se quisesse mantê-lo à margem. Seus beijos foram remetendo e acabou levantando-se por cima dela, até que abriu os olhos.

— O que acontece?

— O que acontece? — as sobrancelhas arqueadas dela eram tão cortantes como sua voz — O que poderia se passar, milorde?

Ele ficou de lado, apoiou-se em um cotovelo e suspirou. Não era uma mulher com vontade de fazer amor.

— Não jogue comigo agora.

Teria-lhe chegado o período? Haveria algum assunto doméstico que queria comentar antes? Tinha-lhe parecido que Euphemia podia estar grávida.

— Me conte o que te preocupa.

Afastou-lhe o cabelo da frente com impaciência por ouvi-la, consolá-la e seguir.

— Me diga as condições do tratado.

— Não ouviste bastante sobre esse assunto? — perguntou ele com aspereza.

Se tivesse sabido que isso ia demorar o momento de fazer amor, a teria sentado a seu lado enquanto o explicava para que não perdesse nenhuma vírgula.

— Algumas coisas ouvi, mas quero estar certa do que ouvi.

Ele se jogou de costas tampando-os olhos com o braço para esperar a que a ereção perdesse seu vigor e o cérebro recuperasse o controle.

— David está livre, mas terá que pagar um resgate e entregarão uns reféns a Eduardo como garantia do pagamento.

— Quanto?

O colchão se afundou quando ela se sentou. Ele junto às mãos, disposto a voltar a contá-lo.

— Cem mil marcos.

— Quanto disse? — perguntou-lhe ela olhando-o boquiaberta.

— Cem mil marcos.

— Há tanto dinheiro assim em a toda Escócia?

— É uma bagatela por um rei. Receberá oito isso vezes pelo Jean da França.

Ela desceu da cama, fora de seu alcance.

— Parece contente.

Ele suspirou e se sentou com as pernas cruzadas para tentar sufocar a ereção. Não ia ser uma conversa breve.

— Você não o parece.

— Por que não ia estar quando volto a ter um rei? — perguntou ela com uma alegria forçada.

— Muito bem, está-o — tinha que ter paciência, disse-se a si mesmo —, mas não pode esperar por estes assuntos mundanos?

Ele alargou os braços com a esperança de poder enrolá-la para que voltasse a ter uma atitude carinhosa. Ela se afastou de suas mãos.

— O que acontece com a sucessão? Quem será rei se David morrer sem descendência?

Ele soube que a resposta não ia melhorar sua disposição.

— O tratado não diz nada.

Inglaterra e Escócia podiam declarar-se vencedoras se não se concretizava o assunto principal.

— Renunciou David a suas aspirações ao trono?

— Não.

— Não? — Clare subiu o tom de voz enquanto ia de um lado a outro — Então, não tenho país! Se conseguimos pagar o resgate, o que compramos? Uns quantos anos? Logo, Eduardo voltará a reclamar o que sempre quis, a Escócia — deixou escapar uma risada amarga — Ainda por cima, teremos que pagar para consegui-la!

— Não há nenhuma certeza sobre isso — replicou Gavin — David é jovem e pode ter filhos.

— É casado desde que é um menino e não teve um herdeiro. Não vai ter filhos agora — replicou ela burlando-se de sua virilidade.

Ele suspirou porque David lhe tinha confessado quase o mesmo.

— Como poderia permitir-se? — perguntou ela.

Não lhe importavam as outras condições que ele tinha negociado. Que nenhum rei pudesse dar proteção a rebeldes contra o outro. Que os estudantes escoceses pudessem ir a Oxford. Que a Inglaterra aceitasse a moeda escocesa para que o comércio pudesse prosperar. Tudo isso não tinha importância para ela.

— Não são só minhas condições. Outros homens de Douglas, Stewart e David também as aceitaram.

— Mas o Parlamento as rechaçou faz três anos.

— Faz três anos tínhamos o ouro francês para financiar nossa luta. Agora, têm que pagar o resgate de seu rei. Não vão nos mandar dinheiro.

— A nós? Como pode falar em plural?

— Porque somos nós — ele se levantou e a cama ficou entre os dois — Acaso só ama a parte de mim que é escocesa?

Acaso havia dito ela alguma vez que o amava?

— Deveria havê-lo sabido desde o começo — ela voltava a ser a mulher séria e crítica que conheceu no pântano — Veio disfarçado para ganhar nossa confiança e agora traíste a lorde Douglas.

— Eu? — a raiva reduziu a cinzas o desejo — Lorde Douglas foi quem traiu ao rei. Por que esteve dez anos prisioneiro? Porque Douglas não queria rivais para governar. Por isso não aceitaram estas condições faz dez anos. David vai nomeá-lo duque e ele aceitará. Os dois ficarão contentes. Por que você não está?

— Porque um escocês luta pela liberdade! Teríamos destronado por muito menos a Bruce se tivesse atrevido a nos subjugar à Inglaterra.

— Quando o falcão voa, não vê nem Escócia nem Inglaterra, vê uma ilha. Tão difícil de partir em dois como a mim mesmo. Compensa uma guerra interminável para certificar-se de que ninguém transpasse um limite que nem sequer pode ver-se?

— Sim.

A resposta foi cortante, fria, irrefutável. Era impossível convencer de que essas duas nações tinham que compartilhar a ilha em paz.

— Nunca os perderei pelo que têm feito a Escócia — seguiu ela — Igrejas, campos... Tudo queimado.

Eles, os ingleses. Ele, entretanto, tentou discutir, algo inútil quando era seu coração que não se convencia.

— Crítica ao Eduardo, mas os Bruce fizeram o mesmo a seus inimigos.

— O que quer dizer? — perguntou ela piscando.

— Ouviste falar do aniquilamento do Buchan?

A cor de suas bochechas lhe indicou que sim, que tinha ouvido falar desse episódio.

— Então, saberá o que o pai de David fez a seus inimigos. A pessoas que eram escocesas. Destruiu suas casas, queimou seus castelos e

colheitas, matou aos que eram leais a seus inimigos e a outros os deixou sem alimento nem proteção, em terras onde tinham vivido em paz durante cem anos. Aterrorizou tanto a essa pobre gente que não tornaram a levantar a cabeça há cinquenta anos.

A fúria se apropriou dele. Era por ela ou por si mesmo? Entretanto, já não podia parar.

— De modo que não se sente aí e descarregue toda sua integridade contra os males dos ingleses. Na guerra, todos os homens são demônios capazes de coisas que nenhum homem deveria ver nem nenhuma mulher ouvir falar delas. Em meio da batalha, nenhum homem é um cavalheiro, ao menos, se quer sobreviver — tinha a respiração entrecortada como se tivesse estado brandindo uma espada contra o inimigo — E todos, lady Clare, queremos sobreviver. Queremos sobreviver mais do que queremos comer, beber, respirar ou ter relações sexuais e faremos o que seja, algo, para consegui-lo.

— Essa é sua justificação? Esperas que perdoe aos ingleses porque não são piores que outros?

Ele se estremeceu para ouvi-la.

— Esperava, ao menos, que me tivesse perdoado .

— Como o ia fazer? Você, Eduardo, queimaram a igreja, a gente...

— Eu não o fiz!

— Mas quis fazê-lo!

Sua confissão se voltava contra ele. Tinha começado a assimilar os espantos da guerra, a aceitar-se a si mesmo e à escuridão interior que tinha conquistado.

Ela, não. Para ela, seguia sendo um monstro capaz de queimar uma igreja cheia de inocentes e sem a confiança dela seguia sendo o mesmo homem com o coração dividido que tinha tido uma tocha na mão.

— Não se trata de Escócia ou Inglaterra, verdade? O que não pode perdoar é meu sangue inglês.

— Os outros... — ela vacilou procurando as palavras — Aqueles homens que fizeram as coisas das que falas não dormem em minha cama.

As noites de entrega ao amor. Os desejos escuros que compartilharam só eles. Essa união com seu sangue guerreiro. Acaso tudo isso não podia mentir?

Ele a abraçou para que seus corpos voltassem a expressar-se sem necessidade das odiosas palavras. O corpo dela recordaria seu contato. Tinha estado muito tempo longe. Quando se unissem, tudo voltaria a ser como antes. Ela ficou rígida entre seus braços.

— Tem medo — disse ele quando a verdade se abriu por fim — Medo do que outros pensarão de mim.

— Não!

— Então... — a olhou aos olhos que desconfiavam, pior ainda, que se envergonhavam, arrependiam-se, de tudo o que tinham feito juntos — Nem sequer se trata de que confie em mim, trata-se de que confie em ti mesma.

O silêncio confirmou seus temores. À distância tão prolongada de seus corpos tinha conseguido que as dúvidas se apropriassem dela. Clare fechou os olhos e enrugou os lábios. Ele soube que tinha razão e que com um beijo e uma carícia voltaria a liberá-la para que voasse com ele. Entretanto, não pôde fazê-lo nesse momento.

Ela o afastou como se tivesse adivinhado seus pensamentos e tivesse que afastar-se antes que uma carícia derrubasse toda sua resistência.

— Tive tempo para pensar. Tempo para me dar conta de que todas essas coisas que fizemos... — seu estremecimento expressou mais desejo e saudade que repulsão. Abriu os olhos, que voltavam a ser duros e frios — Essas coisas transpassaram todos os limites. Não é o homem que poderia amar.

— O amor não é perfeição. É mais turvo que todo isso. É o que ocorre nos cantos escuros que unem duas almas. O bem e o mal se mesclam em todos nós. Orgulhamo-nos de umas coisas e esperamos que outros não vejam nunca outras. Entretanto, quando ama a alguém, amas, inclusive, suas imperfeições.

Ela não disse nada nem se moveu. Ele tinha conseguido não preocupar-se com o que dissessem outros porque não tinha esperado viver tanto como para que se lhe importasse. Só tinha esperado a que uma batalha externa acabasse definitiva e fatalmente com a que liberava por dentro.

Entretanto, com ela se considerou algo mais que um guerreiro com o encargo de matar, tinha descoberto que se podiam conter os impulsos mais escuros e que, inclusive, podiam represar-se para gerar luz.

Nesse momento, muito tarde, tinha obtido a paz externa e tinha feito pedacinhos da paz interior. Cada luta implicava uma escolha e um risco. O silêncio lhe disse claramente que a tinha perdido.

— Acabou-se. Não te incomodarei mais.

Gavin agarrou sua bolsa, e a seguir encheu com tudo o que tinha levado em suas viagens.

— Aonde vai?

Ele não captou curiosidade na pergunta. Aonde ia? Que fazia um guerreiro quando a guerra tinha terminado?

— Farei o que fariam quase todos os cavalheiros andantes — respondeu ele contendo o tom zombador — Irei para a Inglaterra como refém de Eduardo para que alguém com verdadeiro sangue escocês possa voltar para sua terra. Isso evitará que algum dos familiares de Douglas passe um exílio comprido e solitário.

Ele voltaria a ser um homem dividido, um desconhecido errante, como um falcão, sem uma terra que pudesse considerar própria.



Capítulo Vinte e quatro

Ela o observou petrificada pelo remorso. Não tinha feito nada bem desde o começo.

— Entretanto, prometeu proteger... estas terras. Me proteger a mim.

— A paz te protegerá.

— Acredita que aos Robson importa a paz do rei?

Então, ela captou uma pontada de dor no rosto dele.

— Se voltassem a atacar, você só perguntaria se eu os tinha ajudado.

Ele se aproximou e ela apertou os punhos para não jogar-se entre seus braços e a beijasse. Ele, sem lhe importar, passou-lhe os dedos pelo cabelo, sujeito tão firmemente em uma trança que não pôde introduzi-los. Levantou-lhe o queixo e ela fechou os olhos, espectadores.

Podia arrastá-la com um beijo. Ela poderia entregar-se entre seus braços, entregar-se aos desejos dele e fingir que não era a escolha dela, a não ser a dele, a que os arrastava juntos e conseguia que ela fizesse essas coisas.

Esperou, mas ele não a beijou. Ela abriu os olhos e ele deixou cair às mãos nos seus lados.

— Adeus, meu falcão.

Gavin a protegeu inclusive ao partir e ofereceu a seu pai uma explicação verossímil, embora fosse mentira. Disse-lhe que tinha sabido desde o começo que tinha que voltar como refém, mas que não o havia dito por que não queria danificar a recepção. Além disso, não podia atrasar-se, porque alguém tinha que levar o primeiro pagamento do

resgate e se ofereceu como voluntário; que tinha feito aquele viagem para voltar a ver seu lar. Olhou-a quando o disse. Tampouco sabia quando voltaria, poderia demorar anos.

Os homens, perplexos e desorientados por perder o líder que tinham chegado a respeitar, reuniram-se na porta para despedi-lo. Ela não os acompanhou.

Clare, só outra vez, agarrou-se à sua integridade, e isso a reconfortava. A cama que tinham compartilhado ficou grande e fria e o sonho, que lhe tinha chegado com suavidade quando ele a abraçava, não voltou a lhe chegar absolutamente.

Semanas mais tarde, se enrolou entre os lençóis, por muito tempo depois de que amanhecesse. Não queria enfrentar o frio úmido do outono.

Bateram na porta, mas não respondeu. Mesmo assim, Murine entrou, determinada e obstinada, ficou aos pés da cama. Clare se tapou com a manta.

— Me deixe sozinha. Não tenho nada que te dizer.

Murine a destapou e colocou seus quadris redondos no canto da cama.

— Eu sim tenho que te dizer algumas coisas. Acorda e me escute.

Clare se sentou, apoiou as costas no cabeceira da cama e dobrou as pernas até que o joelhos lhe tocam o peito. Tinha evitado Murine desde que se encontrou com a Euphemia e Walter, e se sentiu inútil.

— Escuto.

— Euphemia e Walter querem casar-se.

Clare assentiu com a cabeça. O bebê nasceria em março.

— Então, ordenarei que vão procurar ao sacerdote.

— E Fitzjohn tem que sabê-lo.

Seu nome foi como um golpe no seu coração.

— Já não é o senhor da torre.

— Isso não é você que decide.

— Sua lealdade está com os ingleses, não conosco. Isso está claro.

— Eu acusaria a outros disso — Murine bufou — Ele não é um deles.

— O tratado que concedeu só nos causará tristeza. Isso demonstra a que lado da fronteira está seu coração.

A mulher arqueou as sobrancelhas e a olhou de soslaio.

— Seu pai está preocupado e não é pelo tratado.

— Enviou-te ele aqui?

Murine negou a cabeça e Clare compreendeu nesse momento que quando um homem e uma mulher compartilhavam a cama, uniam-se algo mais que os corpos. Ele não tinha que pedir-lhe

— Casei-me com esse homem por culpa de meu pai. Lamento o dia que o conheci.

— Lamenta-o agora?

— Sim. Se ele não tivesse vindo, estaria casada com o conde.

— E você é quem acusa ao Fitzjohn de ter o coração ao outro lado da fronteira? Parece mais uma francesa que uma escocesa — Murine sacudiu a cabeça e deu uma palmada na mão de Clare — Além disso, falas como uma menina. Esse covarde nunca te pediu a mão e se o tivesse feito, seria uma desventurada.

Clare retirou a mão com raiva cruzou os braços. Nessa casa não havia segredos.

— Fitzjohn nos abandonou, Murine. Não há mais o que dizer.

— Abandonado? Eu diria que o mandou ao exílio.

Algo ardente e opressivo lhe estalou no peito.

— Abandonou-me, Murine! Abandonou-me — o fogo da chaminé estava garantido entre as lágrimas e as palavras lhe brotaram sem poder as conter — Eu sabia o que tinha que fazer, o tipo de mulher que deveria ser, e não o obtive.

Lhe havia dito que era perfeita tal como era, mas tinha mentido. Se tivesse sido perfeita, ele estaria ali. Murine a abraçou.

— Acontece com todos, menina. Não tem por que aspirar à perfeição. É uma carga muito pesada para qualquer pessoa.

— Mas o tentei com todas...

Não lhe havia dito que era perfeita quando foi virtuosa, a não ser quando se entregou entre seus braços, quando desvelou seus desejos lascivos.

— Parece-me que te impões mais normas a ti mesma e aos outros que o próprio São Pedro. É complicado para uma mulher viver assim... e mais complicado para um homem.

Então, repentinamente, perguntou-se quantas normas teria levado sua mãe da França. Secou-se as lágrimas com a manga e se envergonhou por ter chorado diante da mulher.

— Me perdoe. Tem razão. Estou me comportando como uma menina — Clare levantou a cabeça e ficou reta para tentar voltar a ser a senhora da torre — Walter e Euphemia receberão minha bênção e uma casa antes que nasça o bebê. Algo mais?

— Vais renunciar à felicidade só porque não chega segundo suas normas? — perguntou Murine com um suspiro.

— Bom dia, Murine.

A mulher partiu sacudindo a cabeça.

Ela tinha tentado explicar-lhe mas Murine não o tinha entendido. As normas eram a única couraça que tinha, a única forma de garantir que nunca voltaria a passar nada, que não voltaria a perder ninguém mais. Tinha infringido as normas com os falcões. A gente não servia para caçar e o outro tinha desaparecido. Com Gavin, fazia tudo e tudo tinha estado mal do momento em que surgiu dentre a névoa. Por isso ele também a tinha deixado sozinha.

Salvo que Murine tivesse razão. Possivelmente o tivesse mandado ao exílio porque não se comportou segundo umas normas que ela tinha aprendido de cor e que ninguém tinha completo em realidade.

Encontrou-se olhando fixamente a tapeçaria vermelha e dourada e se deu conta pela primeira vez de que estava mal tecido. Dobrou-o, guardou-o na arca e se vestiu para começar o dia.

Enviou uma mensagem ao sacerdote do Jedburgh antes de meio-dia, mas não disse nada ao Fitzjohn.

A chuva e a névoa se limpavam um dia, no final de novembro, e ela voltou a sair para caçar. Não encontraram nenhuma presa, embora Angus, que a olhava com cautela, não deixou de procurar.

Deixaram de galopar e ela olhou o falcão. Sentiu-se cruel. O falcão estava adestrado para caçar e era seu instinto, mas passava fome para matar por encargo. Tudo parecia com o reverso, como se tudo fosse distinto.

Desde que o casal de Wee One foi aos aviários, tudo tinha sido distinto. Possivelmente, ao estar com ele, ela tinha acordado de que era algo mais que uma caçadora adestrada que só podia comer ao desejo dos humanos. Possivelmente se tivesse acordado do que era voar sem capuz, correias e campainhas.

Clare olhou para o falcão, à única companhia que tinha eleito. Era só um pássaro. Nem um animal de companhia, nem um humano. Como podia depositar todas as suas esperanças, todo seu amor, em um animal com asas quando um homem, um homem de verdade, tinha-lhe confiado todos os segredos mais escuros de sua alma? Além disso, ela nem sequer tinha confiado em que fora leal ao sangue que corria em suas veias.

Ele, na noite de bodas, disse-lhe que os falcões se acasalavam-se para toda a vida. Ela tinha expulso o seu casal. Tinham-na deixado sozinha como quando era uma menina. Como toda sua vida. Não tinha importado tudo o que tinha tentado fazer, quão perfeita tinha tentado ser, não tinha sido suficiente.

Olhou ao Wee One. Tampouco o tinha feito tudo bem com ela. Tinha infringido uma norma importante, tinha-a retido muito tempo.

— Vem, Angus. Vamos ao Hen Hole.

Ele franziu o cenho, mas não discutiu. Fez mais frio ao ascender e ela, abrigando-se com o capote, não se deteve. No topo, a montanha caía com muito pendente. Hen Hole estava ali abaixo, no profundo corte criado pela corrente ao abrir-separa um vale mais aprazível. Dali para baixo seria fácil voar, mas baixar a cavalo seria comprido e perigoso.

Olhou para as montanhas e pensou, tola, que veria o falcão macho esperando o seu casal, como se isso fosse um sinal de que estava fazendo o que tinha que fazer. O céu estava obstinadamente vazio. Tinha os dedos endurecidos pelo frio e lhe custou a tirar o capuz.

— O que está fazendo, senhora? Aqui não há presas.

Uma corrente de vento agitou os cordões de couro e as campainhas tilintaram. Ela, com calma e convencimento, começou a desatá-la.

— Me dê à bolsa com a comida, Angus.

— Mas se lhe dá de comer, do melhor ela não volta.

— Sei. Vou soltá-la.

— Mas é sua favorita!

— Eu sei. Por isso vou soltá-la.

Para que escolhesse entre um lar quente e seguro nos aviários ou a vida para a que tinha nascido. Para que tivesse a oportunidade de encontrar o seu casal e vivessem juntos ali, nesses penhascos onde se aninhavam os falcões, e ao outro lado do mar, onde passariam o inverno.

Rebuscou a bolsa e tirou uma parte de comida. Wee One, desacostumada a comer se não tinha caçado, não o tocou. Clare voltou a aproximar-lhe ao bico. Dessa vez, Wee One o comeu. Comeu várias partes, até que pareceu lhe pesar mais no punho. Wee One poderia viver vários dias enquanto recordava como caçar sem a ajuda das pessoas.

Entregou o pássaro ao Angus e desmontou. Recolheu o falcão e percorreu com muito cuidado os últimos metros do escorregadio atalho. O vento, incessante, varreu-lhe o cabelo e o soltou. Wee One esperou pacientemente, como lhe tinham ensinado, embora não tivesse o capuz nem as correias. Clare lhe acariciou o peito negro e branco e se deleitou com essa última carícia nas suas suaves plumas.

— Vá a sua casa se quiser, Wee One. Sempre haverá um lugar para ti nos aviários.

O pássaro girou a cabeça como se quisesse ouvi-la melhor, mas Clare soube que falava para si mesmo. Olhou nos olhos penetrantes do falcão e levantou a mão enluvada.

O pássaro se elevou e deu voltas desorientado. Nunca lhe tinham dado de comer antes de voar e se deteve esperando a que lhe facilitassem uma presa. Clare pensou que possivelmente a seguisse até a torre. Entretanto, tinha sido uma esperança vã. Wee One deu uma volta e voou para o sul.

— Foi-se, senhora.

O moço, atônito, olhou fixamente para o céu vazio.

— Como tem que fazer você, Angus. Meu pai falou com lorde Douglas e aceitou a que unas a seus homens.

Era outro ser querido que tinha retido por muito tempo. O moço já estava mais que preparado para ser escudeiro. Seu sorriso agradecido aliviou o vazio dela.

Ele sujeitou seu cavalo enquanto voltava a montar e se dirigiram para a torre em silêncio. O assobio do vento era o único barulho que replicava em seus pensamentos. Ela também tinha aprendido a voar sem capuz, correias e campainhas. Só lhe faltava o valor que tinha tido Wee One para abandonar a segurança do cativeiro e voar em liberdade.

Lhe havia dito que o amor era mais turvo que tudo isso. Poderia amá-lo tal como era? Poderia o amar dessa maneira? Para estar segura, teria que infringir todas as normas que tinha.



Capítulo Vinte e cinco

Inglaterra, janeiro de 1358

— Faz mais frio na Inglaterra que na Escócia.

— Não pode ser. Inglaterra está mais ao sul e sempre faz mais calor ao sul.

Gavin jogou outro lenha à chaminé e, sem tomar partido, deixou que os outros reféns discutissem. A umidade de janeiro se metia entre as pedras do castelo do Oldham e, fosse mais fria ou não, Inglaterra não era sua terra.

Se tinha chegado a temer que Eduardo suavizasse seu cativo por ser filho de quem era, equivocou-se e se alegrava. Os outros dois reféns, um Stewart e um Ross, ficaram bastante desconcertados quando apareceu para substituir a um primo de Douglas que tinha sido o primeiro da lista.

— Por que você? — perguntou-lhe Stewart.

Lembrou-se de todos os argumentos que tinha dado ao rei David. Porque atenuaria a fúria de Douglas. Porque demonstraria sua lealdade à Escócia. Porque era meio inglês. Porque podia expiar os pecados de seu pai.

Porque ela já não o desejava.

— Podia fazer isso para devolver seu rei à Escócia. O que podia fazer sentado na fronteira?

— Beber boa cerveja e amar a sua mulher — respondeu Ross.

Não replicou a isso. Seu matrimônio e suas esperanças se extinguíram. Eles, como o rei David e sua esposa Joan a Pacificadora, viveriam separados porque ela já não podia suportar vê-lo.

Voltar para castelo do Oldham tinha sido como voltar para desterro de sua infância. A vida de um refém era melhor que a de um homem em uma masmorra, mas esse castelo não era muito mais acolhedor que a Torre de Londres. Era um exílio interminável. Tinha sido seu país seu lar alguma vez? Onde estavam as montanhas que produziam esse clima variável, a luz e as sombras que trocavam em um abrir e fechar de olhos e o aroma de urze que suavizava o outono? Tinha saudades de tudo aquilo. No princípio, colocou a lavanda debaixo do travesseiro para que sua habitação cheirasse como seu lar, mas a atirou ao cabo de uma semana porque era muito doloroso recordar o que tinha perdido.

O rei David tinha deixado ali seu falcão e tiveram a deferência de lhe deixar caçar uma última vez antes que a temporada terminasse com a chegada do inverno. O pássaro, embora digno de um rei, não podia comparar-se com o Wee One.

Um pajem apareceu na porta.

— Sir Gavin Fitzjohn tem uma visita — lhe anunciou com nervosismo — Uma dama.

Os outros o olharam fixamente e Ross estalou em uma gargalhada.

— Vá, parece que encontrei a maneira de conseguir a mulher já que não há cerveja.

— Disse como se chama?

Não lhe ocorria nenhuma mulher da Inglaterra que pudesse saber que estava ali nem que lhe importasse.

— Não, mas quer lhe ver a sós — respondeu o pajem.

Seus companheiros prisioneiros assobiaram, embora o rosto do Stewart refletia bastante inveja.

— Em meus aposentos, por favor. Me concedam um momento, por favor.

Agradecia a Eduardo que ao menos tivesse proporcionado uma habitação para cada homem. Se alguma de suas amigas de outros tempos queria reavivar sua relação, não teria que rechaçá-la em público. Além disso, pensou enquanto subia as escadas, Joan a Pacificadora tinha voltado

para a Inglaterra. Possivelmente sua tia lhe levasse uma mensagem do rei que ninguém mais podia ouvir.

Olhou a habitação vazia. Só havia um ligeiro aroma de lavanda, embora a tinha jogado fora fazia meses.

Bateram na porta.

— Entre.

Abriu-se a porta e Clare entrou. Mudo, observou como ela sorria por sua surpresa.

— Milady — disse ele sem saber muito bem como tinha conseguido que sua língua funcionasse — Me parece que se encontra no lado equivocado da fronteira.

— Na verdade, marido, não sei bem quando a cruzei — o olhar dela era uma mescla de acanhamento e confiança — perdi um querido falcão macho que não respeita as fronteiras e viajei muito para encontrá-lo e levá-lo a seu lar.

Ele pensou em lhe falar de reis e tratados, mas só pôde ficar olhando-a.

— Esse pássaro pertence agora ao rei, que não renunciará a ele — Gavin tinha a boca seca e o coração saindo pela boca — Não infringiste nenhuma norma, verdade?

— Algumas que terei que te contar — respondeu ela com um sorriso — Falei com o rei, com os dois, e já entendem que esse falcão e seu falcoeiro estão casados. Além disso, como o falcão escapou, o coração de seu falcoeiro estava destroçado.

Era possível que tivesse posto de cabeça para baixo dois cortes por ele?

— Então, é possível que o pássaro volte para seu punho — sussurrou ele.

Ela franziu os lábios. O que brotou não foi o som agudo e penetrante que chamava o Wee One, a não ser a melodia suave e sedutora dos momentos íntimos em que se apropriava de seu corpo.

Aproximou-se dela com vontades de abraçá-la, mas com medo, como se nunca tivesse estado em uma batalha. Não tinha temido a morte, mas não poderia suportar perdê-la duas vezes.

— Temo que o pássaro que buscas nunca será perfeito.

— Compreendi que a perfeição não está em seguir as normas, a não ser em ser sincero com a natureza de cada um. A tua tem duas caras. Uma escocesa e outra inglesa. Uma escura e outra luminosa. Nisso, eras perfeito.

— Também tu o eras, meu falcão — o diria uma e outra vez até que acreditasses — Te elevas por cima de todos os outros.



Epílogo

Torre de Carr, primavera de 1359.

Devia ter gritado de êxtase porque quando voltou para a terra e abriu os olhos, ele estava apoiado nos cotovelos e olhando-a com um sorriso, como se fora a lua, o sol e as estrelas. Lhe deu um murro de brincadeira.

— O que tenho feito? — perguntou ele com os olhos muito abertos e fingindo inocência.

Ela o beijou e quando os lábios se separaram, escondeu-se entre os lençóis.

— Inglês.

— Francesa.

Gavin caiu sobre ela e lhe fez cócegas. Clare riu ruidosamente com a felicidade de uma menina que se sentia a salvo. Tinha passado o inverno com ele e quando David enviou o próximo pagamento do resgate, Eduardo os deixou partir. Durante essa estadia, ela se deu conta de que os ingleses não eram uns demônios... e de que os escoceses não eram todos uns Santos. Essa paz era uma bênção para seu coração e para sua terra.

— Esta manhã não posso ficar na cama — disse ela suspirando — Tenho que fazer os pães-doces para o Beltane e Euphemia não vai ser de muita ajuda este ano.

Euphemia e Walter se casaram e seu segundo menino tinha nascido uns dias antes.

— Dançaremos sob as estrelas — sussurrou-lhe ele ao ouvido, enquanto a abraçava antes que se levantassem — Pensar que o comprido cativo do rei David foi o que entregou a ti...

— O que quer dizer?

— Douglas prometeu a seu pai que poderia escolher um marido para ti.

Ela se sentou na cama.

— Porque o desejo de minha mãe antes de morrer foi que meu pai escolhesse meu marido.

Gavin também se sentou e a olhou com os olhos entrecerrados.

— Sua mãe? Ele me disse que foi pela morte de seu irmão e o cativo do David.

— Que irmão?

Ele caiu na conta. Os dois se levantaram da cama de um salto e se vestiram o suficiente para poder ir à habitação do barão. Gavin bateu na porta e a abriu sem se importar com o que pudesse interromper.

— Mentiu...

— Maquinador, arteiro...

— Uruiu toda a história!

— As duas histórias!

— O que aconteceu de verdade? — perguntou ela sem fôlego, mas sem rancor.

Seu pai, que estava sentado diante da chaminé com Murine, riu.

— Por fim lhes destes conta, não? Tive sorte de que brigassem tanto tempo e não me descobriam antes.

Ela riu, Gavin também riu e seu pai, o mais contente de todos, contou.

— Bom, contarei-lhes a verdadeira história. É verdade que embebedei William Douglas, mas não para lhe recordar uma promessa que lhe tivesse feito a minha esposa ou a mim por não ter filhos varões. Ganhei no jogo.

— Jogou meu futuro no jogo de dados?

— Se tivesse perdido, seu futuro teria sido o mesmo. Ele teria eleito um homem pelos motivos que quisesse. Um homem que lhe conviesse e a quem não lhe importasse um rabanete de nossa terra. Eu queria um

homem que tivesse aqui suas raízes, e o encontrei — acrescentou com um sorriso.

Gavin, que rodeava os ombros dela com um braço, assentiu com a cabeça. Ela o olhou com um sorriso. Não tinha sabido se lhe entregava seu coração. Nesse homem não tinha encontrado a segurança que procurava. Amá-lo tinha sido arriscado sempre.

Entretanto, os dois sempre escolhiam voltar um com o outro. Como os falcões, acasalados para sempre.

Nessa manhã, mais tarde, Clare olhou para o céu. Havia algumas nuvens altas e o ar era quente e um pouco úmido. Aspirou à primavera.

Havia uns aviários novos e vazios. Até esse momento, seu coração não tinha estado preparado para ter outro pássaro. Possivelmente, quando chegasse o verão, iria ao Hen Hole para procurar um falcão.

Viu dois pássaros no céu que se aproximavam. Piscou e entrecerrou os olhos para tentar focá-los e distinguir suas silhuetas. Não se atrevia a acreditar o que estava vendo, mas desceram juntos e pousaram no beiral do telhado dos aviários.

— Voltaram para aninhar-se — sussurrou ela.

Wee One tinha encontrado o seu casal, como ela, Clare, tinha esperado. Efetivamente, essa temporada, procuraria um falcão jovem para adestrar, o do Wee One.

Os pássaros se afastaram e ela voltou para a torre. E em agosto, se Murine, não se enganara, Gavin e ela teriam também sua descendência.

Fim



Resenha Bibliográfica

Blythe Gifford



É autora de cinco novelas medievais da Harlequin Historica. Especializa-se em personagens nascidos no lado errado do favor real.

Depois de muitos anos trabalhando como relações públicas, em publicidade, e em marketing, começou a escrever com seriedade quando foi despedida pela empresa. Dez anos e uma demissão, mais tarde, converteu-se em um êxito da noite para o dia quando vendeu seu manuscrito finalista do prêmio Golden Heart de Romance Writer of America a Harlequin. Ela assinou um novo contrato e agora está feliz trabalhando em suas histórias.

O Chicago Tribune chamou suas obras de "o perfeito equilíbrio entre a história e o romance". Faz milagres com seu tempo para reunir a escritura com sua carreira em uma consultoria e seu trabalho freqüente em oficinas online e em oficinas locais de escritores, assim como sua participação em conferências do Romance Writers of America.

Blythe vive e trabalha às margens de um lago em Chicago, consolidando sua musa com a arte, a música, a história, largos passeios, boa comida e bons amigos. Ela lê para divertir-se e pensa que a resposta ao mistério da vida se esconde por trás do yin/yang das relações homem/mulher.

GRH

Grupo de Romances Históricos



Para entrar neste grupo enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.

*Todos os livros deste Grupo foram encontrados na web e
traduzidos sem fins lucrativos de fãs para fãs.
A comercialização deste produto é estritamente proibida.*